

FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA – FACCAMP  
PROGRAMA DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

JOELMA TELES PACHECO CONCEIÇÃO

***TURNOVER NAS COOPERATIVAS DE RESÍDUOS SÓLIDOS: UM ESTUDO  
FENOMENOLÓGICO***

CAMPO LIMPO PAULISTA - SP

2014

JOELMA TELES PACHECO CONCEIÇÃO

***TURNOVER NAS COOPERATIVAS DE RESÍDUOS SÓLIDOS: UM ESTUDO  
FENOMENOLÓGICO***

Dissertação de Mestrado em Administração das Micro e Pequenas Empresas, apresentada à Faculdade Campo Limpo Paulista - FACCAMP, para obtenção do título de mestre, sob a orientação do Prof. Dr. José Osvaldo De Sordi.

Linha de pesquisa: Dinâmica das micro e pequenas empresas.

CAMPO LIMPO PAULISTA - SP

2014

## AGRADECIMENTOS

Ao traçar caminhos, sempre incluí em meus objetivos aqueles que amo. Por isso, a cada minuto empenhado neste projeto, esteve presente o pensamento em minha família.

Sem o amor e o apoio que complementam minha vida e me proporcionam tantas alegrias, qualquer meta seria insignificante. Portanto, agradeço aos meus filhos: Bruno Magera Conceição e Renan Magera Conceição por compartilharem com carinho e compreensão essa experiência.

Agradeço de forma especial ao meu esposo, Márcio Magera Conceição, companheiro desde a minha infância, pelo amor, dedicação e incentivo que sempre me ofereceu. É fundamental salientar sua influência na escolha deste tema, pois a paixão e o empenho que dedicou nos vários estudos realizados sobre resíduos, foram contagiantes ao ponto de me conduzirem para este universo.

Agradeço aos meus pais: Joel Pacheco e Sonia Maria Telesi, por me ensinarem a confiar na vida.

Aos meus avós, Iole Beletti e Romeu Telesi (*in memoriam*), eternos exemplos de dedicação e amor.

Agradeço ao Professor Prof. Dr. José Osvaldo De Sordi, pela honra em me aceitar como orientanda, acrescentando, com seus valiosos conhecimentos, qualidade e conteúdo ao desenvolvimento do trabalho, sempre com prontidão, disponibilidade e empenho.

Aos administradores das cooperativas analisadas, agradeço pela confiança e colaboração para com este estudo, assim como a todos os ex-cooperados contatados, por partilharem suas vivências, sem as quais, este estudo não seria possível.

À querida amiga Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Jaqueline Massagardi Mendes, pela contribuição através de seu conhecimento e incentivo nos difíceis momentos de finalização.

Também agradeço aos colegas do curso de mestrado, amigos e alunos que incentivaram este projeto.

*“Não precisamos temer que nossas escolhas ou nossas ações restrinjam nossa liberdade, já que apenas a escolha e a ação nos libertam de nossas âncoras.”*

Merleau-Ponty

## RESUMO

Este trabalho busca compreender as causas do *turnover* voluntário em um conjunto de cooperativas de resíduos sólidos, situadas no interior do estado de São Paulo. Para tanto, aplica-se o método da fenomenologia hermenêutica, identificando através da análise de entrevistas realizadas com ex-cooperados, quais os motivos para o fenômeno da desistência do trabalho nestas unidades analisadas. Os fatores que emergiram das experiências relatadas referem-se às dificuldades, expectativas e insatisfações vivenciadas por estes agentes. Busca-se, através deste estudo, conhecer elementos que contribuam para o alinhamento de medidas estratégicas às necessidades dos cooperados, ampliando seu grau de comprometimento e fortalecendo o processo de inserção social presente nos objetivos das cooperativas de resíduos sólidos.

**Palavras-chave:** cooperativa, resíduo, sólido, desistência do trabalho, *turnover*, fenomenologia.

## **ABSTRACT**

This study aimed to understand the causes of voluntary turnover in a number of solid waste cooperatives, located in the state of São Paulo. For this, we applied the method of hermeneutic phenomenology, identifying through analysis of interviews with former members of the cooperatives, including the reasons for the phenomenon of abandonment of the work in these units analyzed. The factors that emerged from experiments reported refer to difficulties, expectations and dissatisfactions experienced by these agents. We sought, through this study, to know the elements that contribute to the alignment of strategic measures to the needs of members, increasing their degree of commitment and strengthening the process of social inclusion, present in the objectives of the solid waste cooperatives.

**Keywords:** solid waste, cooperatives, job abandonment, turnover, waste, phenomenology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Registro fotográfico da atividade de triador na cooperativa de resíduos sólidos de Paulínia _ SP.....	40
---	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- <i>Turnover</i> voluntário das cooperativas C(a) e C(b).....	14
Quadro 2- <i>Turnover</i> voluntário das cooperativas C(c) e C(d).....	14
Quadro 3- <i>Turnover</i> voluntário das cooperativas C(e) e C(s).....	14
Quadro 4- <i>Turnover</i> voluntário da cooperativa C(p).....	15
Quadro 5- Quadros temáticos.....	25
Quadro 6- Segmentos de atuação das Cooperativas.....	29
Quadro 7- Classificação de resíduos.....	31
Quadro 8- Rede de gerenciamento de Resíduos Sólidos .....	41
Quadro 9- Fatores preponderantes que motivaram a desistência do trabalho na cooperativa.....	47
Quadro 10- Fatores secundários relacionados à desistência do trabalho na cooperativa.....	48
Quadro 11- Classificação das categorias causais de acordo com os quadros temáticos.....	50
Quadro 12- Distribuição de categorias causais por cooperativas.....	52



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1. Contextualização do problema.....	13
1.2. O objetivo da pesquisa.....	16
<b>2. MÉTODO DA PESQUISA</b> .....	18
2.1. A fenomenologia.....	18
2.2. A coleta de dados.....	20
2.3. Sujeitos da pesquisa.....	21
2.4. Dados da pesquisa.....	23
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	26
3.1. Cooperativas (definição e tipologias).....	26
3.1.1. O desenvolvimento das cooperativas no Brasil.....	27
3.1.2. O segmento de cooperativas de resíduos sólidos.....	30
3.2. A dinâmica de gerenciamento dos resíduos sólidos.....	36
3.3. <i>Turnover</i> .....	42
3.3.1. <i>Turnover</i> no Brasil.....	45
<b>4. ANÁLISES</b> .....	46
4.1. O tempo vivido.....	53
4.2. O outro vivido.....	56
4.3. O Corpo vivido.....	63
4.4. O Espaço vivido.....	66
<b>5. CATEGORIAS CAUSAIS IDENTIFICADAS E AÇÕES ADMINISTRATIVAS</b> .....	68

<b>6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>89</b>

## PREFÁCIO

Este prefácio tem o propósito de chamar a atenção para alguns aspectos do texto: O primeiro é quanto à existência de referências cruzadas, expressas por colchetes [ ]. Um único dígito, no forma [n.] indica capítulo, [n.p.] indica item e [n.p.q.] indica subitem. Eco (1982:124) afirma que as referências internas destinam-se não só para evitar repetir demasiadas vezes as mesmas coisas, mas servem também para mostrar a coesão da obra. Uma referência interna é indicada pelo número do capítulo ou subcapítulo onde o tema já foi abordado. Eco (p.125) argumenta que “uma tese bem organizada devia estar cheia de referências internas”. O fato de se encontrar uma referência interna não implica em, obrigatoriamente, necessidade de segui-la, observando se existe ou não um link entre as partes; entretanto elas são particularmente úteis para a exploração de um conceito ou tópico.

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2012 o desemprego no Brasil atingiu 7 milhões de pessoas da população economicamente ativa (PEA). As condições de inserção social por meio da oferta de trabalho formal, no atual mercado competitivo, são precárias e desiguais, afetando negativamente um percentual de trabalhadores com menor grau de instrução e qualificação. A falta de oportunidades de trabalho conduz essa parcela excluída para a execução de serviços terceirizados e informais, atividades crescentes em todos os setores da economia (ANTUNES, 2005; DIEESE, 2011).

Aproximadamente 1 milhão de pessoas em todo o Brasil, busca sobrevivência trabalhando na coleta de lixo, muitos atuando individualmente em situação precária, expostos a riscos e contaminação (CEMPRE, 2012; LEAL, 2003). As cooperativas de resíduos sólidos contribuem para a inserção desta parcela marginalizada de trabalhadores, atrelando geração de oportunidades de trabalho e renda às iniciativas que minimizem os problemas ambientais (MAGERA, 2013; PAULA, PINTO, SOUZA, 2010; WIEGO, 2009).

Nos últimos séculos, a população mundial saltou de 1 bilhão de habitantes, em 1800, para 7 bilhões em 2011, fator que contribuiu para o aumento do consumo e, conseqüentemente, para a maior produção de resíduos. O aumento do consumo de produtos industrializados e o desenvolvimento tecnológico têm contribuído para que a atual produção de resíduos seja 350 vezes maior do que o volume gerado pela população antes da Revolução Industrial (BRAGA, 2004).

Em 2010, o volume de resíduos sólidos gerados no Brasil foi de 60,8 milhões de toneladas, número 6,8% superior ao volume gerado em 2009. Enquanto volumes crescentes de resíduos saturam depósitos e aterros, programas de gestão e destinação correta de resíduos mantêm-se insuficientes. Até 2010, dos 5564 municípios brasileiros, apenas 3.205 implantaram o sistema de coleta seletiva (ABRELPE, 2010).

A relação entre poluição, saúde pública e a necessidade de ampliar a oferta de trabalho, ocasionaram a mobilização de autoridades, organizações não governamentais (ONG) e associações na busca por alternativas. Soluções

sustentáveis tornaram-se uma tendência global e fazem parte de pesquisas e ações organizacionais, que impactam no sucesso e visibilidade dos negócios, como estratégias que possibilitam vantagens competitivas (BERNS et al., 2009).

No Brasil, as iniciativas ligadas ao meio ambiente foram estruturadas após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 1992 (ECO 92). A união de líderes mundiais neste encontro resultou na elaboração de um documento denominado “Carta da Terra”, contendo princípios e metas básicas que envolvem a proteção dos recursos da Terra através de estratégias direcionadas para medidas econômicas, sociais e ambientais. O que se observa, após mais de 20 anos, é que o evento foi mais midiático do que efetivo nas suas propostas, pois grande parte dos compromissos traçados na Eco 92 não se converteram em ações.

Após a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), em 2010, pelo Congresso Nacional, as cooperativas de resíduos sólidos vêm recebendo atenção, incentivo e pesquisas que, em sua maioria, avaliam seu sistema de funcionamento e gestão, além de um o tratamento adequado dos resíduos sólidos e metas de inclusão social, através da criação de oportunidades de trabalho. Assim como ocorre no Brasil, outros países como a Colômbia, a Argentina, o Peru e a Índia, também atrelaram as atividades de inclusão social às iniciativas ambientais (BHOWMIK, 2005; CHIKARMANE et al. 2008; WIEGO, 2009).

O cooperativismo no Brasil, ligado ao segmento de triagem dos resíduos sólidos, é recente e ganhou força na segunda metade dos anos de 1990, assim como as políticas de logística reversa associadas a ele, que ainda estão sendo compreendidas e desenvolvidas pela sociedade brasileira (SINGER, 2002, p. 25).

As pesquisas sobre as cooperativas de resíduos sólidos, como as realizadas por Krikke, Van Harten, Schuur (1998) e Magera (2005), apontam seus objetivos na promoção de alternativas para a gestão de resíduos, iniciativas para a geração de renda e consequentes melhorias na qualidade de vida dos associados, em sua maioria ex-catadores de resíduos recicláveis. Singer (2002, p.51) salienta que os empreendimentos sociais vêm se tornando uma opção importante para muitos excluídos do mercado de trabalho, beneficiando tanto esses trabalhadores quanto a

comunidade onde este empreendimento está inserido. No entanto, são vários os desafios encontrados nesse processo.

As cooperativas de resíduos sólidos que compõem este estudo pertencem às cidades de Campinas (SP), Salto (SP) e de Paulínia (SP) e, dentre os problemas enfrentados por estas cooperativas, a preocupação com a rotatividade ou *turnover* de seus associados destacou-se por dificultar a efetividade e maior abrangência do processo de inclusão social. De acordo com os dados apontados pelos administradores destas cooperativas, parte dos associados que ingressam como cooperados, desistem do trabalho no período inferior a um ano. A melhor evidência deste fato é a elevada taxa de *turnover* voluntário destas sete entidades, com uma média em torno de 25% nos anos de 2010 a 2013 (COPERLÍNEA, 2013; CENTRO, 2012).

### **1.1. Contextualização do problema**

De acordo com relatos dos administradores das cooperativas analisadas, embora haja interesse por parte da sociedade em inserir trabalhadores nas cooperativas de resíduos sólidos (cooperativas RS), a dificuldade maior não está em sua inserção, mas em sua permanência e desenvolvimento no trabalho. É comum ocorrer, após breve experiência na cooperativa RS, quando o associado já deveria estar treinado para ao trabalho e ambientado nas suas funções, a desistência do trabalho, fenômeno, denominado *turnover* voluntário [3.3], que atrapalha a produtividade, implica em substituições e interfere no clima e em parte dos objetivos inclusivos, que deixam de ser atingidos.

Para este estudo, a pedido dos administradores, foram preservados os nomes das cooperativas analisadas e substituídos por letras, mantendo apenas os números que caracterizam o problema do *turnover* voluntário. Baseando-se em dados fornecidos pelas cooperativas, foram elaborados quadros sobre o *turnover* voluntário, demonstrados a seguir:

**Quadro 1- Turnover voluntário das cooperativas C(a) e C(b)**

Período	Cooperativa C(a)				Cooperativa C(b)			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
Número médio de cooperados/ano	29	30	31	29	10	10	11	13
média de <i>turnover</i>	<b>25.1%</b>	<b>26.4%</b>	<b>28.7%</b>	<b>29,2%</b>	<b>39%</b>	<b>28%</b>	<b>24.4%</b>	<b>32%</b>

Fonte: criação do autor

**Quadro 2- Turnover voluntário das cooperativas C(c) e C(d)**

Período	Cooperativa C(c)				Cooperativa C(d)			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
Número médio de cooperados/ano	28	29	30	30	14	14	16	17
média de <i>turnover</i>	<b>15.1%</b>	<b>16.1%</b>	<b>15.6%</b>	<b>19.1%</b>	<b>27.1</b>	<b>24.8%</b>	<b>32.1%</b>	<b>34.1%</b>

Fonte: criação do autor

**Quadro 3- Turnover voluntário das cooperativas C(e) e C(s)**

Período	Cooperativa C(e)				Cooperativa C(s)			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
Número médio de cooperados/ano	18	18	18	20	18	17	16	20
média de <i>turnover</i>	<b>28.6%</b>	<b>42.5%</b>	<b>41%</b>	<b>44%</b>	<b>11.2%</b>	<b>17.6%</b>	<b>10.8%</b>	<b>18%</b>

Fonte: criação do autor

**Quadro 4- Turnover voluntário da cooperativa C (p)**

	<b>Cooperativa C (p)</b>			
Período	2010	2011	2012	2013
Número médio de cooperados/ano	37	38	40	42
média de <i>turnover</i>	<b>18.1%</b>	<b>19.1%</b>	<b>17.8%</b>	<b>22%</b>

Fonte: criação do autor

A elevada rotatividade nas cooperativas RS, neste trabalho tratada como *turnover* voluntário, foi identificada por outros autores em pesquisas sobre cooperativas RS situadas nas cidades de Itatiba (SP) (GAMA, 2010), na capital São Paulo (COUTO, 2012; SALGADO, TEIXEIRA, 2012; SOUZA, 2012) e em Santo André (SP) (LIMA, 2011), no entanto não foi desenvolvida nenhuma pesquisa para a descrição de suas causas.

Considerando-se que a cooperativa RS se propõem a oferecer oportunidades de resgate social e cidadania a trabalhadores com baixa qualificação profissional e poucas opções de trabalho, cabe entender a intencionalidade presente na desistência dos ex-cooperados, contribuindo para possíveis acertos que resultem em melhorias quanto à efetividade do projeto de inclusão, fortalecimento do vínculo com os trabalhadores inseridos e aumento do potencial produtivo.

O *turnover* voluntário dos associados que atuam nas cooperativas de resíduos sólidos, como se pode verificar nos quadros 1, 2, 3 e 4, é relevante não apenas pela sua elevada taxa, mas pelos objetivos destas cooperativas, baseados na promoção social e ambiental, obtidas através da inserção de pessoas ao mercado de trabalho e pelo tratamento adequado dos resíduos sólidos. Assim, o *turnover* voluntário ou, mais especificamente, a identificação e estudo das causas, através da compreensão dos motivos e intenções que levam o cooperado a desistir do trabalho nas cooperativas de resíduos sólidos, apresenta-se como um fenômeno importante que deve ser melhor compreendido.



## 1.2. O objetivo da pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as causas que motivaram a desistência do trabalho pelos ex-cooperados. Buscou-se, através da pesquisa qualitativa, resgatar a experiência vivida pela visão dos atores geradores do fenômeno.

O grupo de participantes da pesquisa é composto em sua maioria por mulheres, com baixa escolaridade e faixa etária entre 30 e 40 anos. Os rendimentos mensais, obtidos na atividade desenvolvida nas cooperativas RS analisadas, são compatíveis com a remuneração oferecida por outros setores da economia para trabalhadores com baixa escolaridade, fato que indica haver problemas maiores do que a questão salarial inseridos no processo de desistência do trabalho que merecem ser entendidos.

Para este objetivo, foram aplicadas, entrevistas semiestruturadas pelo método da fenomenologia hermenêutica, conforme apresentada por Van Manen (1990), buscando investigar, compreender valores, crenças, dificuldades e percepções, bem como experiências vividas no processo de desistência do trabalho.

Segundo o Dicionário *Michaelis*, o significado atribuído à palavra desistência é: abandono, abdicação, deserção, renúnciação e resignação. Foi caracterizado como desistência o afastamento do trabalho pelo associado, que na maioria das vezes ocorre sem a apresentação de uma justificativa ou causa para sua atitude. Ao desconhecer os motivos para a desistência do trabalho, as cooperativas perdem a oportunidade de planejar melhorias quanto às adaptações necessárias para a integração e retenção de pessoas.

Para o entendimento das atividades desenvolvidas, o capítulo 2 retrata o método da pesquisa, os procedimentos em campo, a coleta, transcrição das entrevistas, análise do conteúdo e categorização dos dados.

O capítulo 3 aborda a fundamentação teórica sobre os temas abordados na pesquisa, que abrange: conceitos referentes às cooperativas, suas definições e tipologias; os procedimentos e finalidades das cooperativas RS; o gerenciamento de resíduos e conceitos sobre *turnover*.

Os resultados e análises dos dados coletados estão dispostos no capítulo 4, que inclui a discussão de fatores ligados ao fenômeno da desistência do trabalho, revelados nas entrevistas e suas correlações.

A identificação dos fatores motivadores do fenômeno da desistência do trabalho pode colaborar para o desenvolvimento de ações estratégicas melhor adequadas às dificuldades e por expectativas vivenciadas nas cooperativas RS. A discussão pertinente a estes fatores está presente no capítulo 5, como tentativa de que possibilitem melhorias e soluções significativas no cotidiano de seus associados, proporcionando o resgate da cidadania e autoestima e a geração de oportunidades de crescimento e renda, que contribuam para a construção de uma sociedade mais igualitária.

## 2. MÉTODO DA PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, por se tratar de um “processo de pesquisa que envolve as questões e procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados” (CRESWELL, 2010, p. 26).

Do mesmo modo optou-se pelo método fenomenológico por se tratar de uma estratégia de investigação que busca, partindo da interrogação sobre os fenômenos vivenciados, compreender a essência das experiências humanas. “A filosofia fenomenológica da mente toma a subjetividade como ponto de partida, tanto no plano lógico ou epistemológico, como no metodológico” (CESCON, 2013, p.83).

A abordagem fenomenológica busca compreender como a realidade se constrói através do relato da experiência de pessoas envolvidas com um determinado fenômeno, interpretados por intermédio da maneira pela qual os indivíduos constroem suas narrativas (CARVALHO, VERGARA, 2002). Segundo Merleau Ponty (2011, p.3) “todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido [...] e a experiência do mundo”, portanto conhecer a experiência dos indivíduos é um recurso para a compreensão do significado de suas atitudes.

### 2.1. A fenomenologia

O termo Fenomenologia significa discurso sobre aquilo que se mostra como é, e se propõe a desvelar algo que está oculto, sem que os princípios preestabelecidos do pesquisador influenciem a investigação sobre o tema, mantendo-se livre de julgamentos e pressupostos (APPOLINÁRIO, 2012; CRESWELL, 2010). É constituída pelos termos gregos *phainomenon*, que significa uma aparição, aquilo que se mostra e *logos* que significa o estudo, a razão, o discurso (BOAVA e MACEDO, 2011).

As raízes filosóficas da fenomenologia são fruto do trabalho de Edmund Husserl (1859 – 1938), frequentemente chamado de ‘pai da fenomenologia pura’. Husserl concluiu que a atividade de consciência e os objetos de pensamento consciente são

aspectos inseparáveis da experiência humana. “A consciência do ser humano e a própria realidade são partes interligadas de um todo” (APPOLINÁRIO, 2012, p.169).

Husserl exaltou a importância das interpretações subjetivas para compreensão da realidade, buscando entendê-la a partir do significado dos fenômenos para os sujeitos (WAUGH, WAUGH, 2011). A intenção foi estabelecer uma base epistemológica para a filosofia, que a convertesse em uma ciência do rigor (BOAVA, MACEDO, 2011).

Para a fenomenologia, a consciência não opera no vazio, porém seu fundamento está centrado na busca pelos significados das experiências que chegam à consciência (*noema*) através da percepção (*noesis*) (BOAVA, MACEDO, 2011).

A partir do trabalho de Husserl sobre a fenomenologia, o filósofo alemão Heidegger (1889-1976) desenvolveu um método fenomenológico que se ocupa de compreender os significados da natureza das experiências subjetivas de determinado fenômeno social, de natureza individual, buscando interpretar ou articular a compreensão pré-ontológica do ser.

“[...] a fenomenologia heideggeriana busca interpretar nossa atividade diária [...] de modo a tornar manifesta as estruturas da intelegibilidade, em grande parte implícitas, que caracterizam essa atividade” (CERBONE, 2013, p.73).

Outros estudiosos contribuíram com a fenomenologia, como: Jean-Paul Sartre; Maurice Merleau-Ponty; Simone de Beauvoir; Hannah Arendt; Emmanuel Levinas, propondo novas tendências, ampliando e transformando os conceitos iniciais sobre fenomenologia a partir da obra de Heidegger “Ser e tempo”, de 1927 (BOAVA e MACEDO, 2011).

Em 1939, Alfred Shutz (1899-1959) levou os conceitos da fenomenologia para os Estados Unidos, tornando-se a figura central do movimento fenomenológico americano. Na década de 1970, o movimento ganhou força, questionando a racionalidade, apoiado pela preocupação crescente sobre a parcialidade do positivismo lógico, questionado pelos fenomenólogos por não oferecer ferramentas filosóficas e, como consequência, excluir as necessidades práticas da sociedade (WAUGH, WAUGH, 2004).

Para a realização desta pesquisa, optou-se pelo método da fenomenologia hermenêutica, por tratar-se de um procedimento que vem sendo aplicado às pesquisas na área de Desenvolvimento de Recursos Humanos, e também por proporcionar uma investigação direta, que ajuda a explicar a experiência humana em sua essência, de maneira holística (GIBSON, 2003).

Para a fenomenologia, a realidade se constrói a partir da experiência de atores envolvidos, com “foco no relato das experiências vividas e não no referencial teórico, caracterizando assim, um paradigma construtivista” (DE SORDI, 2013, p.18).

O método fenomenológico hermenêutico tem início através da coleta de dados, obtidos pela aplicação de entrevistas. Os procedimentos adotados nesta etapa da pesquisa estão dispostos a seguir.

## **2.2. A coleta de dados**

A abordagem fenomenológica procura seguir uma sequência de passos para a coleta de dados (CRESWELL, 1998), iniciada pela entrevista em que, através da linguagem reconstitui a experiência vivida do entrevistado sobre o fenômeno estudado (MARTINS, 1992), procurando “levar a pessoa entrevistada a descrever e refletir sobre a experiência vivida no contexto de sua vivência” (SILVA, 2010, p.280). Durante a aplicação da entrevista o entrevistado deve receber toda a atenção por parte do entrevistador, conforme procedimentos propostos por Van Manen (1990), mantendo-se a concentração e o diálogo no contexto da experiência.

Quanto à postura adotada pelo pesquisador, ao aplicar a entrevista, é importante se “abster de emitir juízos, apenas permanecer atento ao que está sendo relatado” (DE SORDI, 2013, p.18). Tal postura, denominada pelo termo *epoché*, tem por objetivo não interferir nas opiniões e percepções que estão sendo descritas pelo entrevistado.

Portanto, durante a aplicação da entrevista é necessário isolar o fenômeno estudado de qualquer preconceito ou pressuposições já concebidas por parte do pesquisador e assumir uma atitude natural, interpretando comportamentos objetivamente, controlando o impacto de observador e suspendendo qualquer hipótese que antecipe a realidade da investigação (BOAVA, MACEDO, 2011; CESCÓN, 2013;

MERIGHI, 2007; WAUGH, WAUGH, 2004). Esta postura de busca pela verdade permite liberar os significados encobertos, dando espaço ao surgimento do *eidos*, a essência do fenômeno investigado (VAN MANEN, 1990).

O início da entrevista se deu a partir de uma pergunta norteadora aberta, proposta igualmente a todos os entrevistados:

### **O que motivou a desistência do trabalho na cooperativa?**

No entanto, antes de aplicar a entrevista com todos os 42 ex-cooperados contatados, realizou-se um teste piloto, aplicado nesta etapa, apenas em uma amostra do público-alvo respondente, composta por três entrevistados. Este processo foi realizado como se fosse à aplicação verdadeira da entrevista, com a finalidade de perceber sua eficácia, bem como as dificuldades pertinentes à sua prática. Após esse primeiro teste, verificou-se que os resultados obtidos foram positivos, dando prosseguimento, então, as entrevistas com os demais ex-cooperados.

### **2.3. Sujeitos da pesquisa**

Os participantes da pesquisa são indivíduos que desistiram da atividade de cooperado no período inferior a um ano na função, após a permanência mínima de seis meses na cooperativa, durante os anos de 2010, 2011, 2012 ou 2013. Buscou-se, portanto, ex-cooperados que vivenciaram o fenômeno estudado num período relativamente recente.

Os contatos com os ex-cooperados participantes das entrevistas foram obtidos de duas formas: através de fontes primárias (nomes e endereços de indivíduos) fornecidos pelas cooperativas analisadas e através de fontes secundárias, obtidas por indicação dos primeiros ex-cooperados contatados. A participação de indivíduos indicados pelos próprios ex-cooperados contribuiu para maior credibilidade e neutralidade da pesquisa, por possibilitar a participação de pessoas cujos nomes poderiam ter sido omitidos pelas cooperativas, a fim de ocultar informações comprometedoras.

Foram entrevistados 42 ex-cooperados, seis de cada unidade cooperativa estudada, número que representa uma média aproximada de indivíduos que se inserem e deixam a cooperativa mensalmente. Não existem regras específicas que determinem o tamanho de uma população amostral (CARVALHO, VERGARA, 2002), pois já foram registrados estudos qualitativos de base fenomenológica com números de entrevistados que variavam de 1 a 325 pessoas (CRESWELL, 1998).

Para a fenomenologia, o fator mais relevante do que a quantidade de pessoas entrevistadas é o envolvimento do indivíduo no contexto do fenômeno, a habilidade para perceber e expressar seus sentimentos e emoções com clareza e sem inibição.

Entre os 42 ex-cooperados entrevistados, 12 são do sexo masculino. Este fato reflete a realidade vivenciada nas sete cooperativas RS analisadas, que se constituem, em sua maioria [aproximadamente 65%], de mulheres casadas ou amasiadas e com filhos, com faixa etária entre 30 e 40 anos. Grande parte dos entrevistados, assim como dos trabalhadores que compõem as unidades estudadas, já atuaram individualmente como catadores de recicláveis [3.1.2], e devido a pouca escolaridade e baixa qualificação profissional da qual dispõem, sobrevivem de subempregos, atividades clandestinas, onde permanecem submetidos à baixa remuneração, inferior ao salário mínimo vigente no país, expostos a uma realidade permeada de dificuldade para obtenção de sobrevivência.

A aplicação das entrevistas fenomenológicas ocorreu na residência dos entrevistados, sempre aplicadas distante de familiares ou conhecidos, por considerar-se ser esta a forma mais tranquila e livre de interferências.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, de acordo com procedimentos de transcrição *ipsis literis*, segundo critérios da Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 1972; TARALLO, 1986; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968) e estão dispostas no Apêndice A.

Antes de iniciar a etapa de elaboração dos dados, foi realizada uma segunda visita a cada um dos ex-cooperados. Esta iniciativa buscou garantir a fidelidade e reafirmação das informações, e possibilitou acertos ou acréscimos determinados

pelos entrevistados (URDAHL, CRESWELL, 2004) ocorrendo através de dois procedimentos:

- Pela confirmação das entrevistas transcritas, feita após a leitura dos registros, individualmente, a todos entrevistados. Optou-se pela leitura realizada pelo entrevistador aos entrevistados, pois vários componentes deste grupo em estudo são analfabetos ou semianalfabetos, fato que importaria dificuldades para a realização deste procedimento, sem o auxílio adequado.

- Foi solicitada a exaltação do motivo principal para a desistência do trabalho, visto que, algumas entrevistas apontaram várias razões relacionadas a dificuldades experienciadas durante a atividade de cooperado. Diferenciou-se assim, a causa preponderante das causas secundárias que determinaram o evento pesquisado.

Durante o registro das entrevistas, o nome dos entrevistados foi preservado ou, em alguns casos, substituído por um nome fictício e adotou-se um código de identificação para todos, representado pela letra E, referindo-se ao termo ex-cooperado. Na sequência acrescentou-se a letra referente à cidade onde a cooperativa está situada e o número correspondente a ordem das entrevistas, como no modelo:

**EC6-a: Ex-cooperado de Campinas, entrevista número 6.**

A última letra correspondente “a” representa o código da unidade cooperativa.

#### **2.4. Dados da pesquisa**

Os procedimentos fenomenológicos são relevantes para: a compreensão da essência da experiência humana, a compreensão de sua complexidade para o estabelecimento de diretrizes planejadas a partir de aspectos mais próximos da realidade e expectativas dos indivíduos. A coleta de dados ocorre a partir da aplicação das entrevistas, que buscam resgatar a vivência, sempre orientada para o fenômeno que está sendo investigado, gerando, após sua transcrição, registros que correspondem ao ponto de partida na trajetória de uma pesquisa fenomenológica.



Como apoio para a compreensão dos textos de registro, foi utilizada a técnica da análise de conteúdo, baseada nos estudos de Bardin (2011). Utilizando a organização como item primordial da pesquisa, os procedimentos de análise ocorreram em três etapas:

- **A pré análise**, pela leitura e releitura dos relatos e organização das informações coletadas, reescrevendo os dados contidos no texto de forma mais sintetizada e objetiva, segundo a questão proposta pela pesquisa. Foram criados parágrafos resumidos, identificados como unidades de significado;
- **A exploração do material**, através da definição de frases que simplificam o tema disposto na unidade dignificado de forma compacta. Estas frases receberam a denominação de categorias;
- **Tratamento dos resultados pela interpretação** com a busca de similaridades contidas nas categorias, com o objetivo de agrupar informações semelhantes.

Assim como Bardim (2011), pesquisas desenvolvidas por Bicudo (2000,p.81) utilizam-se de unidades de significado e categorias para a elaboração das informações. Silva (2010, p. 285), também faz referência ao uso destes termos para esta etapa da pesquisa.

Após a relação entre contextos individuais e o todo e seu agrupamento, de acordo com similaridades, inciou-se a etapa de análise dos resultados [4]. Como apoio para esta etapa da pesquisa, utilizou-se procedimentos da fenomenologia adotados por Van Manen (1990), que inserem a análise do fenômeno dentro de um contexto de especificidades que podem contribuir para a compreensão do significado da experiência em pesquisa. Em seus estudos, Van Manen “procurou compreender a natureza da experiência vivida a partir da análise de vários autores como Husserl, Dilthey, Merleau-Ponty, Gadamer e Ricoeur (SILVA, 2010 p.269).” Entre os procedimentos adotados por Van Manen, são apresentados quatro elementos que formam o mundo vivido, no qual, segundo ele, todas as pessoas vivenciam suas experiências: o espaço, o tempo, o corpo e o outro.

Seguindo os procedimentos propostos por Van Manen (1990), para a etapa de análise [4], as informações categorizadas foram distribuídas de acordo com estes quatro quadros temáticos, cujas definições estão descritas no Quadro 5.

#### **Quadro 5\_ Quadros temáticos**

<b>O tempo vivido</b>	Abrange nosso modo temporal de estar no mundo, incluindo projetos e percepções ligadas às nossas experiências de vida nas dimensões de passado, presente e futuro.
<b>O corpo vivido</b>	Inclui nossa corporalidade, a forma como percebemos o outro e como somos percebidos.
<b>O espaço vivido</b>	Descreve o ambiente gerador de sensações onde os indivíduos atuam. Os significados atribuídos pelos indivíduos dependem das formas como vivenciam este espaço e atribuem significados às suas experiências onde os indivíduos atuam.
<b>O outro vivido</b>	Refere-se às nossas relações interpessoais com aqueles que compartilhamos nossas vivências em diferentes ambientes sociais: familiares, colegas de trabalho e amigos.

Fonte: adaptado de Silva (2010)

O próximo capítulo traz conceitos teóricos sobre aspectos tratados na pesquisa, cujo conhecimento contribui para o entendimento do fenômeno em estudo.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1. Cooperativas (definição e tipologias)

As cooperativas surgiram na primeira metade do século XIX, na Inglaterra, quando tecelões desempregados de Rochdale se uniram com a finalidade de reestabelecer o trabalho e manter a autonomia econômica, buscando uma alternativa contrária à política capitalista exploradora, presente na Europa nesse período. Através dessa iniciativa, esses trabalhadores, excluídos do mercado formal, uniram-se criando os princípios básicos do cooperativismo, denominado **Princípio de Rochdale**, que foram adaptados em iniciativas similares por todo o mundo (SINGER, 2002; BHOWMIK, 2005).

A partir do instante em que, no seio de uma sociedade política, certo número de indivíduos têm em comum ideias, interesses, sentimentos, ocupações que o resto da população não partilha com eles, é inevitável que, sob a influência dessas similitudes, eles sejam atraídos uns para os outros, que se procurem, façam relações, se associem e que se forme assim, pouco a pouco, um grupo restrito, com sua fisionomia especial no seio da sociedade geral (DURKHEIM, 1989, p.XXI).

Tal união de pessoas em torno de um objetivo comum, é bem expressa na definição da Aliança Cooperativa Internacional (ICA, 1995) .

Uma cooperativa é uma associação autônoma de pessoas, unidas voluntariamente, para satisfazer suas necessidades econômicas, sociais e culturais comuns e aspirações, através de uma propriedade conjunta e de um empreendimento democraticamente controlado.

Por priorizar alternativas de solução para problemas sociais que, como fundamento resgatam a atitude de cuidar dos outros, o movimento corporativo exaltou em suas raízes valores éticos de honestidade e transparência, primordiais para seus membros, apontando princípios que incluem: autoajuda, responsabilidade, democracia, solidariedade, equidade e igualdade (ICA, 1995). Portanto, desde a sua formação, a finalidade principal das cooperativas não é a geração de capital (lucro), e sim a produção com qualidade e oportunidade de inclusão e subsistência através do trabalho coletivo, ou seja, através da prosperidade conjunta (SINGER, 2002).

Atualmente as cooperativas exercem um importante papel econômico e social, contando com pelo menos 1 bilhão de membros em todo o mundo e fornecendo

mais oportunidades de trabalho do que todas as corporações multinacionais juntas. Os primeiros princípios da ICA afirmam que as cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todos que estejam dispostos a aceitar sua responsabilidade de sócio e usar seus serviços, sem qualquer discriminação: de gênero, social, racial, política ou religiosa (GOEL, 2013).

A cooperativa é de propriedade de todos os trabalhadores que nela atuam [cooperados], organizados sob a forma de autogestão, inexistindo a figura de um ou mais investidores ou proprietários distintos, como ocorre nas empresas capitalistas. Em geral, sua administração é feita por sócios [eleitos pelos demais], e as decisões sobre diretrizes e procedimentos são propostas e votadas em assembleias gerais. Todos os membros das cooperativas têm igualdade quanto ao direito de voto (CRÚZIO, 2003; SINGER, 2002).

As cooperativas dependem de relações de troca repetidas em longo prazo com seus membros, para gerar um benefício coletivo que é maior do que a soma das contribuições individuais de seus membros (BORGSTROM, 2013; GOEL, 2013). O excedente anual das cooperativas, chamado “sobra”, tem sua destinação decidida democraticamente pelos trabalhadores, sendo parte dele reinvestida, parte utilizada como retirada para os cooperados e outra parte destinada a fundos sociais (de cultura, saúde, educação) (CRÚZIO, 2003; SINGER, 2002).

Desde que surgiram, as cooperativas se encontram em constante processo de evolução. Atualmente é comum a formação de empresas solidárias, de propriedade coletiva, formadas pela união de várias cooperativas, que conseguem ampliar as oportunidades de negociação e conquistar maior abrangência de mercado (SINGER, 2002).

### **3.1.1. O Desenvolvimento das Cooperativas no Brasil**

No Brasil, acompanhando a tendência mundial, as cooperativas surgiram como possível alternativa para a geração de trabalho e renda, e a regulamentação da sua existência, pela legislação, ocorreu pelo Decreto-Lei nº 22.232 de 1932. O que se buscou, através de medidas legislativas, foi regulamentar e apoiar as cooperativas

que surgiam mais intensamente, no período de 1980, como resposta à crise na indústria, alternativas de negócio para pequenos produtores, pescadores e agricultores e artesãos, que buscavam fugir da exploração de grandes proprietários.

Nesse período, por perderem sua fonte de trabalho e não conseguirem realocação no setor industrial, muitos trabalhadores buscaram meios legais de arrendar ou adquirir o patrimônio dos antigos empregadores, na tentativa de transformar uma empresa sucateada num novo empreendimento. Como resposta a estas iniciativas, a Constituição de 1988 garantiu a autogestão das cooperativas (PICININI, 2004). Além dos sindicatos, seu processo de estruturação recebeu apoio, do Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos Sociais Brasileiros (DIEESE) e da Cáritas Brasileira (Instituição da Igreja Católica).

Nas últimas décadas, várias entidades passaram a atuar em conjunto com as cooperativas, dentre elas: a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), a Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS), a Associação Nacional de Trabalhadores de Empresas de Autogestão e Participação Acionária (ANTEAG) (RUFINO, 2002).

A partir de 1995, buscou-se a intensificação de projetos para incubadoras, motivados pela crescente necessidade de oportunidades de trabalho. Tais ações são coordenadas pelas Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP's), que contam com a participação de diversas universidades como: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP), Escola de Administração Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Pontifícia Universidade Católica (PUC) (RUFINO, 2002).

Atualmente, as cooperativas são geridas pela Lei 5.764/71 que regulamentou o seu funcionamento, com o amparo legal para o sistema cooperativista brasileiro (ORGANIZAÇÃO, 2010). O Programa Nacional de Apoio ao Associativismo e Cooperativismo Social (Pronacop Social) afirmado pelo decreto nº 8.163, de 20 de dezembro de 2013, é mais uma iniciativa que, além do incentivo à formalização de empreendimentos econômicos solidários sociais em cooperativas sociais, busca proporcionar qualificação e formação profissional, acesso ao crédito e incentivo à formação de redes e cadeias produtivas (CENTRAL, 2014).

Iniciativas como essa são importantes para a realocação de pessoas com pouca escolaridade, no mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo. Em 2010, o Brasil contava com 6.652 cooperativas e 9.016.527 associados, correspondendo a 15% do PIB ( Produto Interno Bruto) (IBGE, 2010). Encontram-se organizadas em 13 segmentos de atuação, conforme descrito no quadro 4 (ORGANIZAÇÃO, 2010).

#### Quadro 6\_ Segmentos de atuação das Cooperativas

Ramo de atividade	Coop. 2010	Part. %	Associados 2010	Part. %	Empregados 2010	Part. %
Agropecuário	1.548	23%	943.054	10%	146.011	49%
Crédito	1.064	16%	4.019.258	45%	56.178	19%
Trabalho	1.024	15%	217.127	2,4%	3.879	13%
Transporte	1.015	15%	321.893	3,5%	10.787	3,6%
Saúde	852	13%	246.265	2,7%	56.776	19%
Educacional	302	5%	57.547	0,6%	3.349	1,1%
Habitacional	242	4%	101.071	1%	1.676	0,5%
Infraestrutura	141	2%	778.813	8,6%	5.775	2%
Produção	235	4%	11.454	0,1%	3.669	1,2%
Consumo	123	2%	2.297.218	25,5%	9.892	3,3%
Mineral	63	1%	20.792	0,2%	144	0%
Turismo e Lazer	31	0,5%	1.368	0%	32	0%
Especial	12	0,2%	397	0%	14	0%
<b>TOTAL</b>	<b>6.652</b>	<b>100%</b>	<b>9.016.527</b>	<b>100%</b>	<b>298.182</b>	<b>100%</b>

Fonte: Adaptado de Unidades Estaduais e OCB (2010).

O segmento de cooperativa estudado nesta pesquisa possui como ramo de atividade a triagem de resíduos sólidos, que se enquadra no conjunto de cooperativas de trabalho. Buscando focar os objetivos deste estudo, os demais segmentos de cooperativas não serão abordados.

A seguir estão descritas as informações sobre as cooperativas RS, sua importância, características e objetivos no contexto mundial e nacional.

### **3.1.2. O segmento de Cooperativas de Resíduos Sólidos**

De acordo com a Lei 5.764, de 16 de dezembro de 1971, cooperativas de trabalho podem ser definidas como:

A sociedade constituída por trabalhadores para o exercício de suas atividades laborativas ou profissionais com proveito comum, autonomia e autogestão para obterem melhor qualificação, renda, situação socioeconômica e condições gerais de trabalho.

As Cooperativas RS, denominação utilizada neste trabalho, recebem outros nomes no Brasil, como: Cooperativas de Reciclagem de Resíduos, Cooperativas de Catadores e Cooperativas de Recicláveis, entre outros. Segundo a PNRS, exercem papel fundamental na triagem e desenvolvimento de um gerenciamento adequado para a destinação dos resíduos recicláveis, diminuindo, através de sua atividade, o volume de resíduos sólidos domésticos gerados e contribuindo para a logística reversa.

A logística reversa é a área da logística empresarial que planeja, opera e controla o fluxo e as informações logísticas correspondentes, do retorno dos bens de pós-venda e de pós-consumo ao ciclo de negócios ou ciclo produtivo, através dos canais de distribuição reversos, agregando-lhes valor de diversas naturezas: econômico, legal, logístico, de imagem corporativa, entre outros (LEITE, 2009, p.17).

Resíduos Sólidos é o termo classificado pela NBR 10.004/87 da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) que significa o lixo comum, descartado diariamente como sobra proveniente do consumo, resultante da atividade industrial, doméstica, hospitalar, comercial, de serviços, de varrição ou agrícola e inclui resíduos no estado

sólido e semissólidos. A palavra tem sua origem do latim “*residuu*” (VIEIRA, RICCI, 2008).

A Lei Federal Nº 12.305, cap. II, art. 3º, inciso XVI assim a define:

resíduos sólidos: material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível.

No período anterior ao processo de urbanização, as sobras de alimentos produzidas no campo podiam ser enterradas, transformando-se em adubos orgânicos, sem que causassem problema de acúmulo. Mas, atualmente nas cidades onde residem 43% da população, os resíduos sólidos resultantes do consumo sofreram mudanças em sua composição e características, avolumando-se em grande quantidade de vidros, plásticos, papéis, metais, substâncias cada vez mais contaminantes, que, quando depositadas de maneira irregular, contaminam o solo, a água e contribuem para a proliferação de doenças. Os resíduos sólidos podem ser classificados de acordo com sua origem, conforme descrito no quadro 7.

**Quadro 7\_ Classificação de resíduos**

<b>Descrição</b>	<b>Origem do resíduo</b>	<b>Composição</b>	<b>Responsável pela Destinação</b>
<b>Doméstico</b>	Residências, edifícios, empresas e escolas	Restos de alimentos, cascas de frutas, verduras, embalagens plásticas, metais, vidros, papéis e papelão	Município



<b>Comercial</b>	Estabelecimentos comerciais e de serviços, bancos, supermercados, escritórios, bares, clubes, lojas de departamentos, mercados hotéis e restaurantes	Papel, papelão, embalagens, restos de madeiras, isopor, plásticos e vidros	Município
<b>Público</b>	Serviços de limpeza urbana, varrição de vias públicas, limpeza de praias e limpeza de feiras livres	Restos de plantas, podas de árvore, papéis, papelão plásticos e vidros	Município
<b>Industrial</b>	Diversos ramos da indústria	Aparas de fabricação, rejeitos de metais, plásticos, acrílico, isopor e vidro	Gerador
<b>Agropecuário</b>	Empresas de agricultura e pecuária	Embalagens de fertilizantes e de defensivos agrícolas	Gerador
<b>Construção civil</b>	Construtoras, residências, empresas, escolas, comércio e condomínios	Entulho da construção e de reformas. Pisos, azulejos, metais, cacos cerâmicos, cimento, concreto, madeiras, tijolos, gesso e vidro	Gerador e município
<b>Serviços de saúde e hospitalar</b>	Originário de ambulatórios, postos de saúde, hospitais, clínicas veterinárias e odontológicas	Resíduos sépticos. Seringa, gases, tecidos removidos, culturas, luvas descartáveis, medicamentos, filmes fotográficos de raio X e restos de alimentos de pacientes	Gerador e município

<b>Eletroeletrônico</b>	Residência, indústria, escola, comércio	Produtos elétricos e eletrônicos descartados. Geladeiras, televisores, rádios, computadores, liquidificadores, aparelhos elétricos	Município
<b>Nuclear</b>	Usinas nucleares.	Bastões de combustível radioativo	Ainda não foi definido

Fonte: Adaptado de Instituto (2003); Magera (2013).

A Política Nacional de Saneamento Básico, pela Lei n. 11.445, de 2007 define os marcos legais da limpeza urbana, responsabilizando os municípios pela função de captar os resíduos e disciplinar seu fluxo.

Complementando medidas essenciais no cuidado com o meio ambiente, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei n. 12.305, de 2010, regulamentada pelo Decreto n. 7404, determina que a partir de 2014, todas as cidades devem extinguir seus lixões e estabelece a obrigatoriedade pelo depósito dos resíduos sólidos em aterros sanitários, fato ainda distante da realidade do país.

Nesse sentido, as cooperativas auxiliam o setor público, pois além da transformação física dos materiais recicláveis, servem como canal que viabiliza o reaproveitamento de recursos que estavam sob a responsabilidade do setor público para setores privados, possibilitando sua inserção na cadeia produtiva (MOTA, 2012).

De acordo com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (2003):

Aterro é uma forma de disposição final de resíduos no solo, através do confinamento em camadas cobertas com material inerte, segundo normas operacionais específicas, de modo a evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança, diminuindo impactos ambientais.

Diferente dos lixões, o aterro sanitário é um local adequado para a disposição de resíduos, onde são utilizadas técnicas de engenharia com normas rígidas que regulam sua implantação, evitando a contaminação do ambiente pelo contato com o lixo (PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2014).

As cidades pequenas alegam maior dificuldade no cumprimento dessa determinação legal por falta de equipe e de recursos financeiros necessários à construção de aterros sanitários (AMBIENTEBRASIL, 2014). Ainda é comum a existência de lixões pelo país, principalmente nas cidades pequenas, com poucos recursos. Os lixões, além de contaminarem o ambiente e promoverem a proliferação de doenças, possibilitam a atuação de catadores de recicláveis que buscam, entre todo tipo de dejetos, algum material que possa ser comercializado, para sua sobrevivência (LEAL, 2003).

Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (2010), são necessários 448 aterros sanitários para extinguir os lixões no Brasil, e o valor aproximado de R\$ 2 bilhões para a execução dos aterros (INSTITUTO, 2012). Segundo dados de pesquisa realizada em 2010 pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea), o Brasil perde R\$ 8 bilhões por ano ao deixar de realizar a reciclagem de grande parte de seus resíduos.

Os problemas decorrentes da geração de resíduos fazem parte de um dos maiores desafios para a sociedade moderna e foram agravados pelo processo de industrialização e urbanização, associados à evolução dos hábitos de consumo e ao aumento do poder de compra vivenciado pelos brasileiros nas últimas décadas. A falta de espaço físico para a criação de aterros sanitários é uma alegação de grande parte dos municípios brasileiros (BESEN, 2011; COUTO, 2012; JACOBI, SALGADO, TEIXEIRA, 2012; LIMA, 2011; MAGERA, 2013). Esta realidade é comum nas três cidades analisadas (Campinas (SP), Salto (SP) e Paulínia (SP)).

A cidade de Campinas (SP), onde estão localizadas 5 das cooperativas estudadas, produz aproximadamente 850 toneladas de resíduos sólidos por dia, que são encaminhados para cooperativas RS e para o aterro sanitário Delta A. O aterro se encontra próximo de sua capacidade máxima e a cidade não possui áreas disponíveis e adequadas para a construção de um novo aterro (PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2014), assim como a cidade de Salto, que produz aproximadamente 120 toneladas de resíduos sólidos por dia e também tem seu aterro perto de seu limite de capacidade.

A cidade de Paulínia (SP) produz 60 toneladas de resíduos sólidos e vem desenvolvendo um programa de coleta seletiva, acompanhado de um trabalho de conscientização da população, para ampliar a captação de resíduos que está próxima de 200 toneladas.

Os programas que objetivam a reciclagem, como as atividades das cooperativas analisadas, representam um importante diferencial para a organização espacial, contribuem para o prolongamento de existência dos aterros pela diminuição do volume de lixo acumulado e promovem a preservação e uso racional de recursos (NAKASHIMA et al., 2002; RECOLHEDORES, 2008; SALGADO, TEIXEIRA, 2012).

A reciclagem é definida como “a recuperação de materiais por meio de processamento industrial, para a produção de um bem que pode ou não ser do mesmo tipo ou ter a mesma função que o original.” (INSTITUTO, 2003, P.18). Embora parte dos problemas ambientais seja minimizado com a reciclagem, atualmente os motivos principais de sua prática se encontram ligados à reintrodução de resíduos sólidos no circuito produtivo da economia (LEAL, 2003).

Há uma tendência mundial de que a reciclagem seja cada vez mais utilizada como fonte de matéria prima (ENVOLVERDE, 2013). Ideais de crescimento econômico em longo prazo e vantagem competitiva devem contar com medidas de responsabilidade ambiental e social, pois a qualidade dos produtos e imagem das organizações é resultado, entre outros fatores, dos impactos sociais, econômicos e ambientais que compõe suas atividades (HILL, 2013).

Tais ações organizacionais são resultado de um movimento de conscientização que se intensificou em 1990, liderado por autoridades públicas, organizações não governamentais e Agências de Desenvolvimento e de Cooperação Internacional, quando problemas decorrentes da geração de resíduos passaram a abranger, além de questões técnicas e sanitárias, questões sociais e de saúde pública (ENVOLVERDE, 2013). A partir destes estudos, medidas de controle e gerenciamento de resíduos passaram a ser adotadas em vários países da Ásia, África e América Latina (WIEGO, 2009).

Estudos realizados pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) na região do Quênia analisaram os impactos provocados na saúde de

crianças e adolescentes que residem nas proximidades de um lixão. Após exames, foram constatadas altas concentrações de metais pesados, presentes no solo da região (cobre, chumbo, mercúrio, cádmio e cromo), bem como problemas de saúde em 50% da população analisada, decorrentes da contaminação por esses produtos (WIEGO, 2009).

Pesquisas indicam a contaminação pelo convívio em regiões poluídas, vizinhas de lixões ou aterros (FERREIRA, ANJOS, 2001) portanto, pode-se considerar que a probabilidade de adquirir doenças no contato direto, através da manipulação de resíduos presentes nos lixões, é ainda maior. Esta situação é vivenciada pelos catadores de recicláveis, que buscam nos lixões materiais que possam ser comercializados, expondo sua saúde pelo contato com inúmeras substâncias químicas, agentes tóxicos, resíduos hospitalares, metais pesados e outros produtos que, certamente, prejudicam a saúde e oferecem uma remuneração que mal garante sua sobrevivência.

O catador participa como elemento base de um processo produtivo ou de uma cadeia produtiva bastante lucrativa, para os outros é claro, que tem como principal atividade o reaproveitamento de materiais que já foram utilizados e descartados e que podem ser reindustrializados e recolocados novamente no mercado para serem consumidos (LEAL, 2003).

O gerenciamento adequado dos resíduos é fundamental para futuras gerações, por abranger questões econômicas, ambientais e sociais. Para a melhor compreensão do papel das cooperativas RS e sua atuação no contexto da sociedade, será explicado o processo de geração de resíduos domésticos e bem como sua importância no cenário atual.

### **3.2. A dinâmica de gerenciamento dos resíduos sólidos**

O principal beneficiado pela reciclagem é a indústria, que obtém matéria prima a um custo menor, fechando o ciclo na cadeia produtiva (MAGERA, 2013, LEAL, 2003). No entanto, até chegar à indústria, os resíduos sólidos percorrem um longo caminho que vem sendo aprimorado para o melhor aproveitamento dos resíduos recicláveis e adequação às exigências das empresas compradoras, que determinam o peso, a quantidade e volume dos recicláveis adquiridos como matéria prima.

Um dos grandes problemas para a viabilização da indústria de reciclagem é a disponibilidade de matérias-primas em condições e volume suficientes. Essa dificuldade está, em sua maior parte, relacionada à grande dispersão dos resíduos pós-consumo (INSTITUTO, 2003, p.24).

A educação ambiental, atrelada a políticas públicas e parcerias que estimulem a gestão adequada dos resíduos podem auxiliar na captação de maior volume de produtos recicláveis para as cooperativas, ampliando o volume de material produzido. A prática da reciclagem vem sendo apoiada, também, pela criação de pontos de entrega voluntária de material reciclável (PEV), disponíveis em supermercados, escolas, empresas, comércios, que facilitam a disponibilidade destes recursos para o trabalho de coleta (COUTO, 2012).

De todo o lixo reciclável gerado no Brasil, 35% é composto de papel, plástico, vidros e metais, gerados conforme demonstrado no quadro 6 em diversos ambientes. Sua coleta é realizada, muitas vezes, pelo serviço público convencional, sem qualquer tipo de separação e encaminhado diretamente para aterros sanitários ou lixões, contribuindo para inúmeros problemas ambientais.

Segundo dados do IBGE (2010), das 140 mil toneladas de lixo produzidas diariamente no Brasil, 35% delas têm seu destino em lixões, deixando definitivamente de compor a cadeia produtiva e contribuindo apenas para o aumento da poluição.

Quando ocorre a coleta seletiva, realizada por caminhões cedidos pela prefeitura ou por veículos de empresas privadas, o material é encaminhado para cooperativas de resíduos sólidos. Para uma coleta eficiente é importante estabelecer dia e período para o recolhimento de recicláveis, sempre separado dos outros resíduos, para evitar a mistura e a contaminação com produtos que não podem ser aproveitados para a reciclagem (INSTITUTO, 2003; INSTITUTO, 2007).

Grande parte dos resíduos sólidos gerados são coletados pelo catador de recicláveis. Servindo como importantes agentes no processo de reciclagem, estima-se que os catadores de recicláveis sejam responsáveis por aproximadamente 60%

da coleta de papel e papelão e por 90% das latinhas de alumínio que retornam para a indústria como matéria prima (INSTITUTO, 2007).

A maioria dos trabalhadores presentes nas cooperativas RS, já atuou na reciclagem de forma individual, como catadores ou coletores de materiais recicláveis. A profissão de catador foi regulamentada em 2002 pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), e classifica a função do catador de material reciclável, catador de ferro-velho, catador de papel e papelão, catador de sucata, catador de vasilhame e enfardador de sucata, às pessoas que realizam o trabalho de coleta de materiais recicláveis, procedentes de várias fontes, buscando, principalmente, latinhas, papel, plástico, papelão, vidros e garrafas pet.

O material encontrado pelo catador de recicláveis muitas vezes se encontra contaminado pelo contato com substâncias perigosas ou contaminantes, por ter sido depositado em contêineres, sacos plásticos espalhados pelas cidades ou lixões. O material coletado é acumulado, geralmente em sua própria casa ou em locais disponibilizados pela comunidade e negociado com sucateiros ou aparistas, que atuam como atravessadores.

As cooperativas RS têm como objetivo apoiar o catador de recicláveis, proporcionando a oportunidade de deixar as ruas e o trabalho individual e informal, substituindo a tarefa de catador (coletor) por triador. A denominação de triador, utilizada neste trabalho, bem como no ambiente das cooperativas RS analisadas, refere-se ao profissional que faz a classificação dos resíduos dispostos nas cooperativas, de acordo com suas propriedades. Principal ator neste processo, o triador é o agente responsável por realizar a classificação mais fina dos materiais recicláveis, de acordo com suas características e composição. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), número 5192, estes profissionais são denominados: catador de material reciclável; selecionador de material reciclável ou operador de prensa de material reciclável e têm como responsabilidade: coletar material reciclável e reaproveitável; vender material coletado; selecionar material coletado; preparar o material para expedição; realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho; divulgar o trabalho de reciclagem; administrar o trabalho e trabalhar com segurança.

Nas cooperativas esses materiais chegam pré-selecionados, com menor risco de contaminação, fator que agrega maior valor comercial, pela exclusão de materiais altamente contaminantes presentes no lixo comum, que somente chegam em quantidade reduzida às cooperativas devido ao trabalho de coleta seletiva.

A função do triador, desempenhada nas cooperativas, comparada à tarefa do catador individual de recicláveis, deve oferecer vantagens para tornar o trabalho nas cooperativas RS mais atrativo, fator que irá depender do cuidado com alguns aspectos:

- A segurança de um local com infraestrutura adequada para o trabalho, longe das ruas, nas quais o catador se depara com problemas para transportar o material coletado;
- A oferta de treinamento, capacitação operacional e técnica, além de orientações sobre aspectos administrativos que envolvem o trabalho como cooperado;
- A melhor qualidade dos produtos manipulados, pela baixa contaminação, pré-seleção e separação dos resíduos orgânicos;
- A organização, instrução e colaboração para a realização de um trabalho em equipe;
- O uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), que protegem o trabalhador de possíveis acidentes e de equipamentos adequados para o enfardamento, como prensa e empilhadeira, que demandam menor esforço e desgaste físico na execução das tarefas;
- O resgate da cidadania e dignidade por pertencer a um grupo e participar democraticamente de decisões de gestão.



**Figura 1- Registro fotográfico da atividade de triador na cooperativa de resíduos sólidos de Paulínia - SP**



Fonte: Elaboração do autor

O uso de equipamentos, uniforme, esteira rolante para triagem, como observados na figura 2, buscam oferecer ao trabalho do triador organização, proteção e eficiência, colaborando para que o trabalho nas cooperativas seja menos insalubre.

No entanto, nem sempre estas vantagens estão presentes, em todos os seus aspectos, nas cooperativas RS (APARECIDO, MONTEIRO, 2005). É comum haver unidades que não oferecem EPI ou equipamentos adequados para manuseio e remoção dos resíduos, operando sem infraestrutura adequada, levando os cooperados a executar grande parte das suas funções com demasiado esforço físico e exposição à contaminação pelo contato inadequado com os resíduos (LIMA, 2011).

No Brasil, a maioria das cooperativas RS beneficiam os materiais até a etapa de enfardamento, pois poucas detêm recursos para a compra de equipamentos necessários à transformação dos produtos e concretização do processo de reciclagem. Os resíduos enfardados são comercializados com empresas pré-recicladoras, sucateiros ou aparistas, que juntam grande volume de material, proveniente de vários fornecedores, com a finalidade de atingir o montante suficiente para comercializar com a indústria.

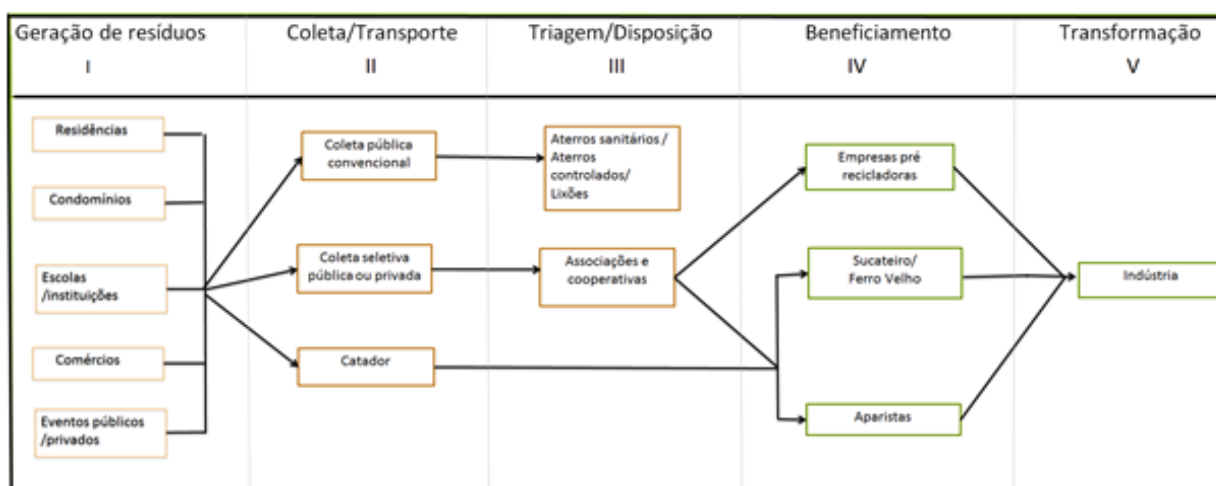
Embora a comercialização direta com a indústria seja mais lucrativa para as cooperativas, isso dificilmente ocorre, pois o volume exigido pela indústria geralmente ultrapassa os limites produzidos pelas cooperativas.

Os sucateiros, os aparistas e empresas pré-recicladoras possuem um grande poder de barganha e atuam como intermediários, negociando preços com a indústria que superam os valores pagos às cooperativas em até 100%, pelo grande volume que conseguem agregar (INSTITUTO, 2007). A união de cooperativas RS, atuando em redes, pode promover um maior volume de produtos e, conseqüentemente, maior poder de negociação.

Os principais benefícios que resultam da coleta de material reciclável pelas cooperativas, além da melhoria da renda para os trabalhadores envolvidos, são: contribuição à saúde pública e ao sistema de saneamento; fornecimento de material reciclável de baixo custo à indústria; redução nos gastos municipais e contribuição à sustentabilidade do meio ambiente, pela diminuição tanto de matéria-prima primária utilizada, que conserva recursos e energia, quanto da necessidade de terrenos a serem utilizados como aterros sanitários. (SOUZA, 2012).

As indústrias fazem a captação desse material que é inserido novamente na cadeia produtiva, contribuindo para a economia de recursos e benefícios ao meio ambiente. Esta dinâmica está explícita no quadro a seguir.

#### Quadro 8- Rede de gerenciamento de Resíduos Sólidos



Fonte: criação do autor

No Brasil, a formação de cooperativas RS, na maioria dos casos, ocorre por iniciativa de igrejas e associações que buscam oferecer oportunidade de trabalho digno aos trabalhadores excluídos do mercado de trabalho, que sobrevivem em condições precárias e desumanas (COELHO, GODOY, 2011).

Apesar do resgate social presente nos ideais e iniciativas das cooperativas, o *turnover* voluntário é uma realidade nas cooperativas analisadas, dificultando o trabalho de inclusão e ocasionando gargalo na produtividade e no rendimento do serviço.

### **3.3. Turnover**

O *turnover* ou rotatividade, quando aplicada ao mercado de trabalho, representa a substituição do ocupante de um posto de trabalho por outro, ou seja, a demissão seguida da admissão, em um posto específico, individual, ou em diversos postos, envolvendo vários trabalhadores (DIEESE, 2011 p.11).

São crescentes as pesquisas sobre *turnover* e a busca pela compreensão de suas causas intriga administradores e estudiosos do comportamento humano em muitos países (VANDENBERG, 1999), pois a perda de um profissional para o mercado de trabalho, tornou-se um fator relevante a medida que os profissionais agregam valor às empresas, não pelo cargo que ocupam, mas pelo seu potencial de inserção nos contextos de desenvolvimento das empresas.

Pesquisas realizadas com 566 empresas americanas revelam que 51% delas usam resultados do *turnover* para monitorar a satisfação com o trabalho nas organizações (BACHMAN & ASSOCIADOS, 2010). Valores elevados de *turnover* sugerem problemas relacionados à empresa, possivelmente produto de um clima organizacional inadequado ou política salarial defasada, enquanto valores muito baixos, contém fatores negativos por indicar pouca diversificação da equipe (BACHMAN & ASSOIADOS, 2010).

O cálculo do *turnover* pode ser obtido aplicando-se a fórmula a seguir:

$$\text{Turnover} = \frac{\text{Movimentação}}{\text{Efetivo médio}} \times 100$$

$$\text{Movimentação} = \frac{\text{Admitidos} + \text{Desligados}}{2}$$

$$\text{Efetivo médio} = \frac{\text{EF1} + \text{EF2}}{2}$$

EF1 é o número de empregados da organização no último dia do período anterior considerado

EF2 é o número de empregados da organização no último dia do período considerado

Adaptação do autor, fonte: Bachman & Associados, 2010.

O *turnover* pode ser favorável quando os profissionais improdutivos são excluídos da organização e são substituídos por pessoas que apresentam melhor desempenho (VANDENBERG, 1999). No entanto, a perda de um profissional, na maioria das vezes, ocasiona algum grau de prejuízo para a organização pela perda do capital intelectual, pois parte dos investimentos realizados para o treinamento e capacitação da equipe de trabalho, é perdida quando ocorre o desligamento de um profissional, que leva consigo experiência e conhecimento que não convergiram para a empresa e que podem vir a beneficiar organizações concorrentes.

As elevadas taxas de rotatividade são um problema que afeta o funcionamento do mercado de trabalho, interferindo na produtividade e no clima organizacional. Entender os motivos que promoveram o *turnover* pode contribuir para a retenção de talentos e retorno em investimentos com treinamento e qualificação (VANDENBERG, 1999; LEE, MITCHELL, 1994).

O cálculo do *turnover*, comumente aplicado, abrange o número total de pessoas que deixaram a organização, sem considerar as causas que ocasionaram seu desligamento. Inclui os desligados de forma voluntária, ou por iniciativa da empresa. Pode-se fazer, também, o cálculo do *turnover* voluntário, mais específico para obtenção dos níveis de satisfação com o trabalho, incluindo no cálculo apenas os desligamentos que ocorreram de forma voluntária, ou seja, contabilizando-se apenas

as pessoas que deixaram a organização por interesse ou por vontade própria (SHRM, 2013).

Para a realização do estudo sobre o *turnover* nas cooperativas RS, foram contabilizados apenas os cooperados que se desligaram voluntariamente, já que o foco do estudo é entender as percepções e razões que determinaram o fenômeno da desistência do trabalho por este grupo específico de profissionais.

Segundo informações fornecidas pelos administradores das cooperativas RS analisadas, enquanto o *turnover* voluntário apresenta taxas elevadas, raramente ocorre o desligamento de um cooperado por iniciativa da cooperativa. Um cooperado só é levado a deixar a cooperativa se fizer algo grave, que venha a ferir o estatuto interno [envolvimento em conflitos graves, incapacidade para o trabalho motivada por vício, roubo] e isso ocorre em proporções muito menores do que o *turnover* voluntário.

Para a realização de estudos sobre o *turnover* é importante entender o contexto nacional, onde as cooperativas analisadas estão inseridas, observando que suas causas também estão relacionadas com outras questões que interferem no mercado de trabalho, como: os fatores econômicos; os reguladores de mercado de trabalho; os fatores sociológicos, que determinam as relações de trabalho e emprego; os fatores de natureza tecnológica, que orientam as escolhas produtivas e influem sobre o volume de força de trabalho empregada, entre outros (DIEESE, 2011). No Brasil, os índices de *turnover*, de maneira geral, são elevados e a compreensão de suas causas pode auxiliar no entendimento do universo das cooperativas analisadas. Este estudo tem como foco a identificação das causas do *turnover* voluntário a partir das percepções obtidas através de atores envolvidos no processo, resultado de suas características específicas resultantes de sua cultura, crenças e valores deste grupo.

É crescente o desenvolvimento de estudos que se propõem a entender os motivos que levam os indivíduos a deixar um trabalho voluntariamente, pois a identificação destes fatores pode ser convertida em ações para a redução de sua ocorrência. É fato que o *turnover* voluntário de trabalhadores acontece com o passar do tempo, no

entanto, cabe entender como e por qual razão este processo evolui, bem como observar a frequência com que ele ocorre (LEE, MITCHEL, 1994).

Entre os fatores mais comuns relacionadas ao *turnover* voluntário, revelados em pesquisas (GAERTNER, NOLLEN, 1992) sobre diversos setores organizacionais, estão: o choque com o sistema; os resultados de políticas praticadas pelas companhias e opções de trabalho no mercado (LEE, MITCHEL, 1994).

É importante observar que os fatores que motivam os indivíduos que compõem um tipo de organização, pode não motivar em outro. Diferenças referentes à renda, elementos culturais, políticos, geográficos e demográficos podem resultar em diferentes fatores que produzem satisfação (WILEY, 1997). Portanto, cada grupo de indivíduos, de acordo com suas particularidades, pode apresentar comportamentos diferentes em relação à satisfação com o trabalho e consequentes motivos para o *turnover*.

### **3.3.1. Turnover no Brasil**

Entre os anos de 2000 e 2010, no Brasil, o *turnover* apresentou taxas que variaram entre 43,6%, em 2004 e 52,5%, em 2008, chegando em 2010, a 53,8%. Essas taxas são extremamente elevadas, porém, incluem não apenas as demissões realizadas por iniciativa das empresas, mas também o *turnover* voluntário, o afastamento por aposentadoria ou morte. As taxas de rotatividade mais baixas observadas entre os anos de 2000 e 2010 corresponderam a 32,9% e ocorreram em 2004, enquanto a taxa mais alta correspondeu a 37,5% e ocorreu em 2008 (DEPARTAMENTO, 2011).

Outro dado instigante refere-se ao baixo tempo de permanência dos trabalhadores brasileiros no exercício da função. Em 2009, 63% dos trabalhadores desligados permaneceram em seus postos de trabalho no período inferior a um ano. As causas de desligamento neste período são: 52,1% por iniciativa do empregador, 19,4% a *turnover* voluntário, 19,2% término do contrato de trabalho, 5,9% transferência de cargo dentro da empresa, 1,3% justa causa e 2% por outras razões (DEPARTAMENTO, 2011).

#### 4. ANÁLISES

As análises ocorreram pelo processo de leitura, releitura e observação das entrevistas dos ex-cooperados descritas no apêndice A [2.2.4]. O objetivo desse processo foi identificar dados emergentes de cada entrevista, com foco na interpretação dos discursos segundo a questão da pesquisa, captando os significados presentes nas falas e associando trechos dos relatos das pessoas a temas, buscando uma visão sistêmica das experiências relatadas (DE SORDI, 2013; SILVA, 2010).

As informações coletadas foram analisadas inicialmente de forma individual. É comum que as entrevistas, ao serem transcritas na íntegra, tragam diversos temas, alguns desinteressantes para o estudo, que precisam ser filtrados, mantendo-se apenas os fatos mais relevantes. Com este objetivo, cada uma das 42 entrevistas foi sintetizada e suas informações foram convertidas em “categorias” [2.2.4]. As “categorias” são frases que resumem o fato informado de maneira objetiva e prática para a realização da análise fenomenológica.

Após a análise individual, teve início a análise conjunta das “categorias” obtidas a partir das 42 entrevistas. Esta etapa da análise ocorreu de duas formas:

- De acordo com suas **similaridades**: algumas categorias se repetiram em diversas entrevistas, resultado de percepções semelhantes, sendo então agrupadas.
- Segundo a **questão da pesquisa**: cada entrevista transcrita teve, dentre as categorias criadas, o destaque para a categoria mais significativa, apontada com maior ênfase e relevância, como motivadora para a desistência do trabalho. Estas categorias foram denominadas “categorias causais” e trazem a informação que corresponde ao foco da pesquisa.

O conjunto de todas as “categorias causais” obtidas nas 42 entrevistas está disposto no Quadro 9. Este grupo de categorias constitui os “fatores preponderantes” diretamente relacionados à questão da pesquisa.

**Quadro 9- Fatores preponderantes que motivaram a desistência do trabalho na cooperativa:**

<b>Fatores preponderantes (Categorias causais)</b>	<b>Indivíduos</b>	<b>Referências das citações</b>
Melhor oportunidade de trabalho.	10/42	<b>EC1-a, EC3-a, EC6-a, EC9-b, EC20-d, EC23-d, EC30-e, ES36-s, EP37-p, EP39-p.</b>
Problemas familiares (cuidar do outro, conflitos).	7/42	<b>EC5-a, EC8-b, EC12-b, EC25-e, EC26e, EC28-e, ES35-s.</b>
Problemas de saúde.	5/42	<b>EC11-b, EC19-d, EC24-d, EC29-e, EP-42p.</b>
Conflitos por decisões administrativas (desvio dos princípios do cooperativismo).	4/42	<b>EC14-c, EC21-d, ES31-s, ES34-s.</b>
Condições de trabalho precárias e insalubres.	3/42	<b>EC13-b, EC16-c, EC27-e.</b>
Problemas decorrentes da gestação.	3/42	<b>EC2-a, EC18-c, EC22-d.</b>
Orientação médica para deixar o trabalho.	2/42	<b>EC7-b, ES32-s.</b>
Problemas associados ao vício (consumo de álcool).	2/42	<b>EC10-b, EC17-c.</b>
Mudança de endereço.	2/42	<b>EC15-c, EP40-p.</b>
Dificuldades para aceitar críticas e regras.	1/42	<b>EP41-p.</b>
Inadequação momentânea (gestação).	1/42	<b>EP38-p.</b>
Oposição à política de remuneração.	1/42	<b>EC4-a.</b>
Baixa remuneração.	1/42	<b>ES33-s.</b>

Fonte: criação do autor.



Após a identificação dos “fatores preponderantes” para desistência do trabalho nas cooperativas, foi observado, em algumas entrevistas, a descrição de situações que contribuíram indiretamente para esta decisão, na medida em que aumentaram o nível de insatisfação e dificuldades vivenciadas. Estes fatos, relatados com menor importância pelos entrevistados, foram classificados como “categorias contribuintes” para a desistência do trabalho. Identificadas, em seu conjunto, como “fatores secundários”, estas “categorias contribuintes” estão dispostas no quadro 10. Embora não representem o foco do estudo, sua observação facilita a compreensão da realidade percebida pelos ex-cooperados, bem como suas necessidades e expectativas.

**Quadro 10 - Fatores secundários relacionados a desistência do trabalho na cooperativa:**

<b>Fatores secundários (categorias contribuintes)</b>	<b>Indiví- duos</b>	<b>Referências das citações</b>
Condições de trabalho precárias e insalubres.	10/40	<b>EC1-a, EC2-a, EC11-b, EC18-c, EC20-d, EC26-c, EC29-c, ES32-s, ES36-s, EP39p.</b>
Baixa remuneração.	6/40	<b>EC12-b, EC13-c, EC15-c, EC19-d, EC25-e, ES35-s.</b>
Preconceito social (desvalorização do trabalho).	5/40	<b>EC6-a, EC8-b, EC23-d, EC27-e, ES36-s.</b>
Trabalho árduo e cansativo.	3/40	<b>EC22-d, EC30-c, EP42-p.</b>
Ausência de benefícios (registro).	2/40	<b>EC9-b, EC28-e.</b>
Problema de saúde.	2/40	<b>EC7-a, EC16-c.</b>
Problema associado ao vício (consumo de álcool).	2/40	<b>EC21-d, EP41-p.</b>
Necessidade de crescimento profissional.	1/40	<b>EC3-a.</b>
Orientação médica para deixar o trabalho.	1/40	<b>EC24-d.</b>
Problemas no percurso do trabalho.	1/40	<b>EP40-p.</b>

Diminuição da produtividade e dos rendimentos.	1/40	<b>EP38-p.</b>
Falta de oportunidade de crescimento.	1/40	<b>EP37-p.</b>
Sentimento de injustiça (falta de equidade).	1/40	<b>EC14-c.</b>
Falta de transporte.	1/40	<b>ES33-s.</b>
Problemas familiares (cuidar do outro).	1/40	<b>EC4-a.</b>
Mudança de endereço	1/40	<b>EC10-b.</b>
Dificuldade para aceitar críticas e regras.	1/40	<b>EC17-c.</b>

Fonte: criação do autor.

Percebe-se que algumas categorias estão dispostas tanto no quadro 9 quanto no quadro 10 e que, portanto, foram identificadas tanto como “fatores preponderantes”, ligados diretamente à desistência do trabalho, quanto aos “fatores secundários”. Repetem-se nos quadros 9 e 10: “condições de trabalho precárias e insalubres”, “baixa remuneração”, “problema de saúde”, problema associado ao vício”, “orientação médica para deixar o trabalho”, “problemas familiares”, “mudança de endereço” e “dificuldade para aceitar críticas e regras”. Essa classificação se deu pela relação direta ou indireta da categoria identificada com o fenômeno da desistência do trabalho. Ou seja, enquanto para alguns entrevistados algumas categorias foram apontadas como “fatores preponderantes” para a desistência do trabalho, para outros, as mesmas categorias representaram menor importância, sendo por isso classificadas como “fatores secundários.”

A apresentação das análises dos quadros 9 e 10 não têm a pretensão de encontrar uma verdade definitiva para a questão em estudo, pois o método fenomenológico é uma abordagem inacabada, cuja investigação depende de interpretações subjetivas que sempre poderão ser revistas e analisadas sob nova interpretação (CARVALHO, VERGARA, 2002; MASINI, 1989).

O quadro 11 apresenta a classificação dos “fatores preponderantes” para a desistência do trabalho de acordo com os quatro grandes quadros temáticos,

sugeridos por Van Manen (1990) [2.2.4] para análise do fenômenos, possibilitando uma visão sistêmica destes aspectos e facilitando a reflexão dentro destes temas.

Os fatores secundários, por não estarem relacionados diretamente aos motivos da desistência do trabalho nas cooperativas, não constam no quadro 11, objetivando focar a análise fenomenológica apenas sobre os fatos que melhor evidenciam a desistência, segundo os entrevistados. Esta medida de sintetização, ressalta a importância de centrar a atenção no fenômeno estudado de maneira forte e orientada, cumprindo o critério de redução fenomenológica determinado para este tipo de análise (SILVA, 2010).

A construção de quadros temáticos, através do agrupamento dos relatos, faz parte de um conjunto de atividades interpretativistas necessárias para a aplicação do método fenomenológico, organizando o texto transcrito e criando guias sintetizados que facilitam a reflexão sobre os aspectos revelados (SILVA, 2010). Segundo Van Manen (1990), todas as pessoas vivenciam estes quatro quadros temáticos, elementos que constituem, em seu conjunto, o mundo vivido.

**Quadro 11- Classificação das categorias causais de acordo com os quadros temáticos:**

<b>O Tempo Vivido</b>	1- Melhor oportunidade de trabalho.
	2- Baixa remuneração.
<b>O Outro vivido</b>	3- Problemas familiares (cuidar do outro).
	4- Conflitos por decisões administrativas (desvio dos princípios do cooperativismo).
	5- Dificuldades para aceitar críticas e regras.
	6- Oposição à política de remuneração.
<b>O Corpo vivido</b>	7- Problemas de saúde.
	8- Problemas decorrentes da gestação.
	9- Orientação médica para deixar o trabalho.
	10- Problemas associados ao vício (consumo de álcool).

<b>O Espaço vivido</b>	11- Condições trabalho precárias e insalubres.
	12- Mudança de endereço.
	13- Inadequação momentânea (gestação).

Fonte: criação do autor

Com o objetivo de compreender sobre qual cooperativa se refere cada uma das principais categorias causais percebidas nos quadros temáticos, foi elaborado o quadro 12. Através de seus dados é possível verificar a abrangência dos problemas apontados pelos ex-cooperados, observando-se a frequência e intensidade com que os eventos ocorrem nas cooperativas RS abordadas neste estudo.

As categorias causais mais citadas pelos entrevistados: “melhor oportunidade de trabalho”; “problemas familiares” e “problemas de saúde”, ocorreram na maioria das sete cooperativas RS analisadas, demonstrando similaridade quanto à realidade vivenciada por este grupo de 42 ex-cooperados. Também não foi identificada nenhuma categoria causal repetitiva e evidente em uma única cooperativa RS.

**Quadro 12 - Distribuição de categorias causais por cooperativas**

Categorias causais	Indivíduos	cooperativas						
		C (a)	C (b)	C (c)	C (d)	C (e)	S	P
1- Melhor oportunidade de trabalho.	9/42	3	1		1		2	2
2- Baixa remuneração.	1/42						1	
3- Problemas familiares (cuidar do outro).	6/42	1	1			3	1	
4- Conflitos por decisões administrativas (desvios dos princípios do cooperativismo).	3/42			1			2	
5- Dificuldades para aceitar críticas e regras.	1/42							1
6- Oposição à política de remuneração.	1/42	1						
7- Problemas de saúde.	4/42		1		1	1		1
8- Problemas decorrentes da gestação.	3/42	1		1	1			
9- Orientação médica para deixar o trabalho.	2/42		1				1	
10- Problemas associados ao vício (consumo de álcool).	2/42		1	1				
11- Condições de trabalho precárias e insalubres.	3/42			2		1		
12- Mudança de endereço.	2/42			1				1
13- Inadequação momentânea (gestação).	1/42							1
Legenda: C(a) =cooperativa a; C(b) =cooperativa b; C(c)=cooperativa c; C(d)= cooperativa d; C(s)=Cooperativa s e C(p)=cooperativa p.								

Fonte: criação do autor.

Com a finalidade de responder à questão da pesquisa, centrada nos motivos para a desistência do trabalho, os próximos subcapítulos incluem as análises dos “fatores preponderantes” distribuídos de acordo com os quatro quadros temáticos. Como apoio para esta reflexão constam trechos das entrevistas, fundamentando a interpretação das experiências.

#### 4.1 O tempo vivido

A categoria “melhor oportunidade de trabalho” corresponde ao fator preponderante mais mencionado, pelos ex-cooperados, como determinante para a desistência do trabalho. Entre os 42 ex-cooperados entrevistados, 10 desistiram da cooperativa por encontrarem uma melhor oportunidade de trabalho. A preocupação com a aposentadoria, os serviços de saúde e atendimento oferecidos pelo INSS e o benefício da cesta básica de alimentos demonstram a necessidade de segurança e estabilidade relacionados à qualidade de vida e preocupações com eventos futuros, como se pode observar nos depoimentos dos ex-cooperados:

**Lá na cooperativa, não tem registro** e eu tô com mais de 50 ano e dificulta porque eu tô vendo de me aposentá e **aqui tem a cesta, o registro, eles paga o IS**, então é melhor né? (EC9-b)

[...] Eu saí de lá porque a empresa que eu fiz ficha me chamou, por causa de uma vaga de ajudante (EC3-a).

Segue a percepção que o mesmo ex-cooperado tinha do trabalho na cooperativa e que, possivelmente, o levou a considerar a oportunidade de trabalho na empresa, melhor:

[...] Porque lá **num tem carreira**, se você entra lá fica **fazendo isso prô resto da vida, num dá futuro**. Eu fazia muita coisa lá dentro, tinha o pessoal que era legal, mas se **vai ficando e daí num tem futuro** (EC3-a).

[...] Fiquei lá, mas depois, o meu irmão falou com uns amigo dele, um tal de Renato, e me indicou eu pra trabalhar de frentista no posto, pra por gasolina, no posto. **O bom é que era registrado, né?** (EC9-b).

A desistência do trabalho pela busca de oportunidades que representem um melhor futuro, pelas oportunidades de desenvolvimento, pode ser compreendido pela teoria do impulso, de Walter Cannon (1932). Segundo esta teoria, “um impulso é um

estado interno hipotético de tensão que induz um organismo a empreender atividades que possam reduzir tal tensão” (WEITE, 2010 p.272). Portanto, a sensação de insegurança e preocupação com o futuro pode promover o impulso motivador para a tomada de atitudes que resultem em novas oportunidades de trabalho que ofereçam recursos tanto para acidentes de trabalho, quanto para a aposentadoria.

[...] Daí, quando eu fui chamada pra trabalhar, não voltei mais...Agora tô no hospital, na faxina, mas lá tá melhor... Não quero voltar, como lá é concursado, acho que não volto mesmo. O salário não é tão bom, mas o serviço nem é tão pesado e **o melhor é que tem registro, isso ajuda porque mais tarde vou me aposentar e quando falto também é melhor** (ES36-s).

O trabalho deve contribuir para a construção de um futuro desejável, incluindo atividades de aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional (MORIN, 2011). A percepção de insatisfação presente nos relatos é o resultado de valores e necessidades determinantes para a busca de melhores oportunidades de trabalho. Pesquisas realizadas por Herzberg (1964), Lévy-Leboyer (1994) e Vroom (1997) abordaram a satisfação no trabalho como fator relacionado ao *turnover* (NODARI, 2010).

Locke (1976), em seu estudo teórico sobre a satisfação no emprego, declara que a satisfação no trabalho é observada de acordo com uma avaliação feita pelo indivíduo a partir de percepções sobre suas experiências presentes e passadas, que se refletem na disposição orientada a ações futuras, na medida em que busca atingir valores no ambiente de trabalho.

Segundo Robbins (1999), a satisfação pode ser percebida pela atitude geral de um indivíduo ligada às suas atividades, que vai além das características demonstradas em seu comportamento. Pode-se concluir, portanto, que a insatisfação nem sempre é demonstrada, constituindo-se de sentimentos e valores que podem não ser exteriorizados, até o surgimento de uma nova oportunidade de trabalho, como se percebe nestes relatos:

Olha, num é que lá tava tão ruim não, mas é que apareceu um serviço de pedreiro, né? Numa construtora, **é serviço mais garantido** (EP37-p).

Justificativa apresentada no fator secundário:

[...] **Lá na cooperativa é aquilo lá e acabou, num tem muito o que crescê**, entende? Num é que nem na construtora, que se tem futuro, pode fazê outras coisa. Que lá eles tá começando, então a gente tem oportunidade de cresce junto (EP37-p).

E prossegue em seu depoimento, referindo-se à cooperativa:

Lá é assim, dá pra ir tocando enquanto não tem outra coisa, mas num dá pra acomodar não... Então, foi por isso que eu larguei lá (EP37-p).

A insatisfação nos depoimentos está relacionada ao desempenho de tarefas rotineiras, resultantes da falta de perspectivas de crescimento, além da necessidade de aprendizado e desafios. Segundo Garg (2006) um trabalho que proporciona variedade de tarefas, possibilitando a utilização de diversas competências, bem como os ajustes necessários para a obtenção de melhor performance, proporciona aprendizagem e desenvolvimento adequados para a melhoria e qualidade do trabalho, fortalecendo vínculos pela ampliação de seu significado. Segundo a Teoria dos dois fatores, de Herzberg (1964), o método mais próspero de motivar é construir desafios e oportunidades para a realização no próprio trabalho (WILEY, 1997).

De acordo com Vroom (1997) as escolhas de cada um dependem de escolhas afetivas e expectativas projetadas sobre aquilo em que as pessoas acreditam. Neste aspecto, o fator “baixa remuneração” também foi citado como motivo para a desistência, demonstrando que há insatisfação com o retorno obtido no trabalho, quando o esforço e empenho dedicados não proporcionam os ganhos esperados, comprometendo, portanto, o vínculo com o trabalho. Além disso, as recompensas extrínsecas, como uma boa remuneração, podem contribuir com a motivação e conseqüente satisfação com o trabalho se são percebidas como provendo



informações sobre competência, ou seja, quando o trabalhador associa este ganho à qualidade de seu desempenho (WILEY, 1997).

O trabalho melhor para o grupo de ex-cooperados entrevistados, significa, em síntese, aquele que atende necessidades presentes e futuras, oferecendo suporte e segurança para seu desenvolvimento e qualidade de vida, fator determinante para suas escolhas.

#### 4.2 Outro vivido

As Cooperativas RS participantes da pesquisa são compostas em sua maioria por mulheres, com baixa escolaridade e faixa etária entre 30 e 40 anos. Os rendimentos mensais estão, em média, acima do salário mínimo nacional, valores compatíveis com a remuneração oferecida por outros setores da economia, para trabalhadores com baixa escolaridade. No entanto, a opção por trabalho e renda pelas mulheres participantes da pesquisa, foi muitas vezes colocada em segundo plano, diante da necessidade urgente de cuidar do outro, como pode ser observado nestes depoimentos:

[...] Mas eu saí mesmo, porque meu bebê pegou bronquiolite e eu comecei a faltar muito (EC12-b).

Eu saí porque a minha irmã olhava as criança pra mim, só que ela ficou doente [...]. Mas só que o problema dela piorou, agora ela num tem mais condição mesmo! Nem olhá criança ela aguenta mais. **Vou ter que me virar sozinha...** (EC25-e).

[...] Aí acabei num indo mais, que num tinha condição! Tinha dia que ela tava bem, tinha dia que não, e eu correndo com as coisa dela, inté agora num acabei de arrumá tudo ainda... (EC28-e).

Além da desistência do trabalho, pelo fator “problemas familiares”, resultante da responsabilidade de cuidar dos filhos, também foram relatadas a necessidade de assistenciar outros membros da família, entre eles irmãos, pais e sogra, como se pode conferir neste depoimento:

[...] mas ele ficou doente e começou a precisá de tratamento, que ele num podia mais beber. Eu num tinha quem tomasse conta dele, que ficasse de olho, vigiando e tive que parar...prá tomá conta dele. Daí eu larguei... (ES35-s).

A participação deste grupo de mulheres no mercado de trabalho ainda terá de ser conquistada, pois oscilam entre seus compromissos familiares e a necessidade de trabalho. Segundo Murray (1938) tal escolha se dará de acordo com a história pessoal de cada um. A opção por atender motivações sociais pode ser explicada, em parte, pela forte necessidade de cuidar e proteger os outros, fator que compõe um exemplo de necessidade social dos seres humanos, resultantes da aprendizagem e experiências pessoais (WEITEN, 2010 p. 273). Além disso, a falta de políticas públicas de apoio, através da oferta de creches e berçários, impõe tais escolhas impedindo muitas mulheres de exercerem seu potencial como geradoras de renda ao cumprirem seu papel social de cuidadoras. Este problema poderia ser minimizado se as vagas em creches fossem suficientes para atender filhos de mães trabalhadoras, ou se os rendimentos fossem maiores, suficientes para o pagamento por este serviço.

Algumas críticas partiram de ex-cooperados do sexo masculino, com motivo da desistência associados ao fator: “conflitos por decisões administrativas” (desvio dos princípios do cooperativismo). Foram questionadas decisões administrativas e desvios às práticas dos valores e princípios normatizadores fundamentados pela Aliança Corporativa Internacional (ICA) sobre os procedimentos do cooperativismo. A manutenção e o respeito a estes valores, baseados em ajuda mútua e solidariedade, são importantes por representarem as principais fontes de diferenciação das sociedades cooperativas, constituindo um potencial que garante procedimentos de gestão adequados ao estabelecer uma base participativa de gestão organizacional (GOEL, 2013).

Percebe-se que, embora a participação democrática nas decisões da cooperativa seja um importante componente motivacional, nem sempre ela é praticada.

Um querendo **mandá mais do que o outro**...Cada um querendo puxar a corda pro seu lado. E no fim, **eles resolviam o que eles queriam**.[...]Também tem mais, que me deixou chateado é que

eu quis colocar meu sobrinho e **eles num concordaram** [...] todo mundo tem que resolve, não é só um bando pra mandá... (ES34-s).

Depois eu fui pra coordenação de trabalho, **eu era vice presidente, só que o presidente, ele quase num assumia o cargo dele**, as bomba ele jogava prô meu lado e eu não tenho nada a ver com isso... “você que resolve, você que é presidente, eu num sou. **Eu sou presidente na sua ausência**” e ele falou assim: “Não, mais é pra tocá do nosso jeito.”\_ e aí eu fui tocando [...] (ES31-s).

O exercício da democracia não pode servir a questões individuais, sendo exercido apenas quando há interesse por transferir responsabilidades ou negligenciar o comprometimento e a fidelidade com compromissos assumidos. Segundo a ICA, valores de democracia devem garantir o direito de participação nas decisões por todos os cooperados (GOEL, 1013), pois a eficácia de uma cooperativa se dá pelo sentimento de posse, que serve para gerar sucesso ao envolver e motivar seus membros (BORGSTRÖM, 2013; CONFERÊNCIA, 2008).

Segundo Bianchi, Albuquerque (2011), a participação das pessoas na formulação estratégica promove o aumento do comprometimento organizacional e fortalecimento de vínculos com o trabalho. Portanto, o trabalho deve promover a variedade e os desafios, que intensificam as tomadas de decisões e o compartilhamento de ideias.

Quando soluções são determinadas apenas por um grupo de pessoas, surgem questionamentos, como se pode observar em vários relatos:

Lá na cooperativa, o problema de lá é que nós trabalhava por hora, ganhava por hora [...] **Então, quem num trabalhava acabava lucrando, porque a produção rendia, rendia o valor em dinheiro, rendia em hora trabalhada, mas e quem num trabalhô?** O valor da hora subiu também [...] E eu sempre brigava por causa disso aí. **E por isso aí que eu saí, porque e eu queria uma coisa e eles queria outra, daí eu falei: num dá, assim num dá! [...]** Aí um tá passando a perna no outro. **E eu falei: isso tudo é mentira. Daí, depois que eu saí de lá,** eles começô a pagar por quilo. Eu fui um dos coordenador daquele movimento ali, mas eles num concordaram comigo, **eu queria**

**implantá coisa boa ali, mas ninguém nunca num concordô... (ES31-s).**

[...] Mesmo esse negócio de ganhá por produção, **o pessoal num resolvia, uma hora queriam por peso, outra hora não. E ficava aquela discussão!** (ES34-s).

As cooperativas detêm autonomia para optar quanto à forma de remuneração, cujo cálculo pode variar de acordo com as horas trabalhadas ou por medições da produção, calculadas pelo peso do material produzido. É comum ocorrer conflitos sobre estas decisões, que, portanto, devem ser bem definidas de acordo com a votação de todos, através da realização de assembleias que devem constar no estatuto da cooperativa (CRÚZIO, 2003). Segundo Singer (2002) a administração das cooperativas deve garantir a autonomia dos trabalhadores de decidir sobre os destinos, os processos e resultado do trabalho.

É importante que as decisões, depois de votadas, sejam divulgadas e bem estabelecidas, para evitar desentendimentos e reclamações, como aqueles relacionados ao fator: “oposição à política de remuneração”, que resultaram na desistência do trabalho. É necessário que todos sintam-se envolvidos e participantes das decisões, e que, diante de problemas, estejam comprometidos com suas opiniões para que o exercício da autonomia esteja atrelado à responsabilidade (CONFERÊNCIA, 2008).

Segundo Vroom (1997), muitas pessoas se esforçam pouco por não encontrarem reais motivos que justifiquem a entrega de sua força ao trabalho. Em situações em que os rendimentos são calculados pelas horas trabalhadas, o fato de obter os mesmos ganhos, independentemente do esforço dedicado ao trabalho, pode explicar as causas de menor empenho por parte de alguns cooperados. Por outro lado, o regime de pagamento por produção pode levar ao ritmo intenso e exaustão pelo trabalho. Seja qual for a alternativa escolhida, quanto à forma de remuneração, é importante priorizar alternativas que representem a opinião e o comprometimento de todos, garantindo a equidade na distribuição das funções e da carga de trabalho, de forma a não ocasionar exploração ou conflitos, como se pode observar :

A mulherada fica ali no leve, e separando as coisa, e a gente que é homem só se ferra! Num acho isso certo, tinha que colocá mais aparelho, tê uma empilhadeira, daí eu falei isso. Foi umas duas vezes que eu reclamei. Num é porque a gente é homem que é burro de carga, **as coisa tem que ser dividida.**[...] No fim, a gente num ganha mais e faz mais força [...]. **Eu não acho que isso táva certo, se é prá trabalhá como cooperativa, todo mundo tem que se ajudá, num é um explorá o outro...** (EC14-c).

A inclusão de novos membros nas cooperativas RS ocorre, preferencialmente, por indicação dos próprios cooperados, não ocorrendo para isso um processo seletivo, aplicando-se apenas uma entrevista para caracterizar as condições de trabalho do condidato. No entanto, foi manifestada em entrevista a recusa por parte dos administradores pela inclusão de um membro na cooperativa RS, fato que gerou descontentamento por parte do ex-cooperado:

**E eu quis colocar um filho meu pra trabalhá lá e eles me disse não**, e eles num aceitô...e no fim, agora eles têm família tudo infiado lá. **A gente que trabalha num grupo de pessoas, como um cooperado, a gente tem que colaborar com todo mundo.** [...] eu pensei ah, não, desse jeito num vai dar, nós num tá funcionando como cooperativa (ES31-s).

As cooperativas são organizações abertas para todas as pessoas aptas a usarem seus serviços e dispostas a aceitarem as responsabilidades como sócios, sem qualquer tipo de discriminação, priorizando a solidariedade e trabalhando pelo desenvolvimento da sociedade (CONFERÊNCIA, 2008).

O apoio e incentivo à educação e desenvolvimento dos cooperados, além de ser um de seus princípios, também compõe um importante fator motivacional. Segundo teorias de incentivo de MacClelland (1975), e Skinner (1953), estímulos externos, como o apoio à aprendizagem e desenvolvimento, são capazes de motivar o comportamento, especialmente em pessoas que possuem alta necessidade de realização (WEITEN, 2010).

Foram questionadas iniciativas de incentivo, desenvolvimento e aprendizado:

[...] **Principalmente começando pela coordenadora, que disse que eu num podia, que eu num tinha estudo, que meu estudo era pouco, que eu precisava de estudar e precisava aprende mexê nos computador...**

Então eu disse: Ué, que me custa? Eu posso aprende! **Mas ninguém me deu chance! Neginho só falou [...]** E eu falei: Olha a senhora falou que ia dá chance pra eu estudar e num deu nada, abandonou, isolou... Então desse jeito num dá pra trabalha! (ES31-s).

De acordo com Hackman e Oldhan (1975) um trabalho que tem sentido deve proporcionar variedade de tarefas que possibilite a utilização de competências diversas e ajustes necessários para sua melhor performance. Tais atitudes remetem ao incentivo à aprendizagem e desenvolvimento, contributos importantes para a qualidade e o sentido do trabalho (TOLFO, PICCININI, 2007).

Além dos problemas internos presentes na relação com o outro no ambiente das cooperativas analisadas, em vários relatos estiveram presentes o preconceito e a discriminação do trabalho nas Cooperativas RS por parte de familiares e de indivíduos do convívio social. Embora não tenham sido apontadas como fator preponderante, contribuíram para decisões de desistência, como observado nestes depoimentos:

Lá a gente sofre muito, **as pessoa discrimina muito quem trabalha com essas coisa e acham que a gente é lixo.** Mesmo que eu falava que é uma cooperativa, **o pessoal confunde com lixo.** E outra coisa, é que lá tem mais é mulher mesmo (EC6-a).

O meu marido é meio implicante com esse negócio, diz que eu chego cheirando lixo, que os negócio lá não é serviço que presta...Mas o que **mais ele implica é com o cheiro, que ele diz que eu fico cheirando lixo porque trabalhava lá.** Isso que pra mim é pior. E olha, que eu até minhas roupa ele reclama (EC8-b).

(...) É muito triste pra uma mulher fazer esse serviço, sabe? **As pessoas não dão valor e quando a gente fala que trabalha lá então, todo mundo fica besta! De tudo que eu já fiz na vida, lá foi o pior, porque a gente ganha mal e não é reconhecido!** (EC23-d).

Daí meu filho mesmo falou pra mim largá de lá, que **aquilo dá até vergonha de contá que a gente trabalha lá, que é serviço de lixeiro**. E é assim mesmo, as pessoa pensa assim mesmo, que a gente é lixeiro porque trabalha lá! (EC27-e).

Também tem o problema que todo mundo acha que é estranho, dá vergonha falar que trabalhava lá, **a turma acha que a gente é igual os lixeiro. Meu marido mesmo num falava pra ninguém porque tinha vergonha** (ES36-s).

As pessoas dedicam a maior parte de suas vidas ao trabalho, tornando-o um elemento importante e motivador para a construção de seu *status social*. Herzberg (1964), através da “Teoria dos dois fatores”, abordou os fatores motivadores intrínsecos ao trabalho, vinculados com a realização, reconhecimento e responsabilidades (GARG, 2006). A pressão social exercida pelo preconceito com a atividade em cooperativas RS interfere na percepção sobre o trabalho.

Quando o trabalho não está de acordo com os valores pessoais e sociais positivos, não resulta nem em crescimento e nem em valorização pelas atividades realizadas, sendo considerado um trabalho sem sentido. Para Dejours (1987), o sentido do trabalho é percebido pelo sujeito, por seus pares e pela sociedade (TOLFO, PICCININI, 2007). Sua realização deve ocorrer de acordo com as regras do dever e do conviver em sociedade, seguindo os valores sociais e morais que a regem (MORIN, 2001).

O papel realizado pelos agentes que atuam nas cooperativas RS é muitas vezes desvalorizado pelo próprio ex-cooperado. Não houve nenhum depoimento que vinculasse o papel destes ex-cooperados à importante função ambiental da reciclagem dos resíduos, nem mesmo foi realizada qualquer referência à gestão dos resíduos ou sustentabilidade. Neste sentido, entender a proposta ambiental das cooperativas RS, através de cursos de treinamento e capacitação, poderia contribuir para a percepção de seu significado e diferencial no contexto social, contribuindo para reduzir o preconceito e os problemas de autoestima vinculados ao trabalho.

Percebe-se que, a forma como o trabalho é desenvolvido e percebido interfere na constituição de sua imagem, no respeito e na identificação com as tarefas

executadas. O próximo subcapítulo contém aspectos de dificuldade vivenciada pelos ex-cooperados que podem contribuir para o preconceito e construção negativa da imagem destes trabalhadores.

### 4.3. O Corpo vivido

Entre os fatores relacionados ao corpo, presentes nos depoimentos, predominaram os aspectos resultantes de desgaste corporal e esforço físico pelo exercício aplicado na atividade de cooperado e por complicações decorrentes de problemas de saúde, presentes nos fatores “problemas de saúde” e “orientação médica para deixar o trabalho”.

**Eu saí de lá porque tô doente**, com problema nos rins. Primeiro foi um, depois agora foi o outro. Devido esse problema né? Acabei num indo mais [...](EC11-b).

[...] eu cheguei até a ir no médico, ele me deu uns medicamentos pra eu tomar, mas não resolveu, tava ficando pior. O negócio piorou mais ainda que o remédio me dava sono, né? Daí que eu num conseguia fazer nada mesmo. Quando eu voltei no médico, o outro médico que atendeu mandou eu sair de lá, porque ele falou que devia ser alergia de alguma coisa que eu mexia lá (EC7-b).

[...] daí eu fui no médico e contei pra ele, como eu tava sentindo, né? E ele me disse pra eu toma os remédio direitinho, mas pra eu ver outra coisa melhor pra fazer, que meu problema era devido isso, o lixo, que era muito forte tava atacando meu estômago (EC32-s):

Também relataram outros problemas de saúde, relacionados ao fator “problemas decorrentes da gestação”:

Eu saí por causa que eu tava grávida e no começo fiquei ruim, porque minha pressão caía muito. Como eu não conseguia comer direito, de fica lidando com o lixo era pior ainda (...) até que fiquei muito ruim... (EC2-a).



Nos países latino-americanos são poucos os estudos realizados sobre doenças relacionadas ao trabalho com resíduos sólidos (FERREIRA, ANJOS, 2001), no entanto, percebe-se a existência de redução de defesas naturais e desgaste dos organismos de trabalhadores expostos ao contato com estes agentes.

As “condições de trabalho precárias e insalubres”, apontadas nos fatores secundários, contribuem para a percepção das dificuldades vivenciadas pelos ex-cooperados:

[...] O pior não é só o lixo não, são os bicho que tem, e é **ter que ficá de pé fazendo a separação. Lá a gente não tem como sentá pra trabalhá, tem que fazê o serviço de pé.** Eu chegava a ficar com os pé inchado e doendo muito (EC1-a).

[...] todo mundo que fica lá, fica porque não tem outro jeito, que gosta ninguém gosta não! Fala a verdade pra você, todo mundo reclama! Como que a gente vai gosta de um lugar assim, feio, sujo, fedido, cheio de mosca?

**Todo dia a mesma coisa, aquelas montanha de lixo que chega, que nós quase num dá conta? Aquilo acaba com qualquer um...** (EC20-d).

[...] só que eu tenho bronquite e acho que **o cheiro forte do lixo começou a atacá** [...] Falaram pra eu usá a máscara. Eu **comprei** a máscara, mas quem disse que eu aguentava usar aquele negócio?...Me dava as crise mais feia ainda! **Um calor desgraçado! Eu num sei se eles colocaram algum veneno por causa dos bicho...** (EC29-e).

[...] Então, eu fui ficando, mas eu não gostava, porque o serviço lá é difícil, agente tem que dá conta e é muito lixo pra pouca gente, então acumula e molha uma parte, junta bicho, barata, essas coisa. **E também tem o calor, a gente tem que por luva, mas mesmo assim, tem o cheiro ruim e a gente tem que ser rápido,** conhecer direito os material...o que separa, como separa...E é o dia todo de pé, eu tinha muita dor nas costa, nas perna (ES36-s).

As práticas desenvolvidas pelas empresas interferem na condição de vida das pessoas e merecem ser observadas, por refletirem na saúde, bem estar e qualidade

de vida dos trabalhadores. Entende-se por qualidade de vida “a condição humana resultante de um conjunto de parâmetros individuais e sócio-ambientais modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano” (NAHAS, 2003 p. 14).

Diversas pesquisas associam as condições de vida e de saúde e seus impactos sobre a produtividade e o rendimento das pessoas nas organizações (OLIVEIRA, LIMONGI-FRANÇA, 2005). De acordo com Locke (1976), as condições de trabalho adequadas e compatíveis com as necessidades e limites físicos dos indivíduos, constituem condições importantes para a satisfação no trabalho.

As dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores das cooperativas são agravadas, em alguns casos, por problemas consequentes do consumo de álcool, também presente nas entrevistas, dispostas no fator “problemas associados ao vício (consumo de álcool)”, que gera quedas na produtividade e resistências por parte do dependente químico ao cumprimento de regras e normas de trabalho, como se pode verificar nos depoimentos a seguir:

[...] mas o problema é que eu gosto, não sempre, mas de vez em quando, eu tenho um vício de bebê um pouquinho [...] **Sei que é vício feio, mas eu bebo um pouquinho, e lá na cooperativa a gente não pode bebê, porque dá problema (vergonha).** Mas eu tinha dia que trabalhava bastante, mas tinha dia que num dava, daí caia a produção (EC10-b).

**Eu que num volto mais lá, que lá eles são assim, ficam condenando e jogando no buraco...E eu já tô grande pra ficarem mandando ne mim, eu prefiro desse jeito, que aqui fora se eu quisé bebo, se num quisé num bebo também (EC17-c).**

As percepções físicas sobre o trabalho e as limitações impostas pelas condições de dificuldade são confirmadas no próximo subcapítulo, que traz depoimentos referentes ao ambiente das cooperativas.

#### 4.4. O Espaço vivido

Os depoimentos que revelam a desistência do trabalho pelo fator “condições de trabalho precárias e insalubres” vivenciadas nas cooperativas demonstram a necessidade de melhorias no ambiente de trabalho.

[...] daí num tava compensando e eu saí mesmo. Pra gente fica naquela situação, no meio daquela sujeirada, eu penso que tem que compensa! (EC13-c).

Eu abandonei por causa que eu num gostei, falá a verdade num me dei com a sujeira de lá, muita porquisse...O serviço é pesado e a gente num tem um lugar limpo pra fica, é só mexendo naqueles lixo o dia inteiro. Ah! Nem bicho merece isso...tem que tá desesperado pra aguentá um negócio desse! (EC27-e).

Um ambiente de trabalho precário é contrário a todas as questões motivacionais por não oferecer segurança, conforto e qualidade de vida aos trabalhadores, impossibilitando a satisfação, só obtida pela orientação positiva do indivíduo com seu trabalho executado (GAERTNER, 1997).

No entanto, para que haja uma visão positiva e satisfatória é necessário que o ambiente atenda às necessidades sociais de ordem que, segundo Henry Murray (1938), incluem o asseio e a organização. É importante que as cooperativas RS organizem seu espaço e seus procedimentos produtivos, para garantir ambientes adequados, que garantam qualidade de vida e satisfação no trabalho, respeitando as necessidades e garantindo o bem estar de seus trabalhadores.

Pode-se observar também, o sentimento de injustiça presente em alguns depoimentos, em consequência das más políticas de distribuição de recursos aplicadas no ambiente das cooperativas, que contradizem valores éticos de honestidade e responsabilidade social.

O negócio é que tem coisa que a gente num concorda, eu gosto das coisa tudo certinho e comecei a percebê que tinha coisa que chegava na cooperativa, né? **Que nem descia no barracão, já vendia lá mesmo e dividia os ganho entre “eles”. E eu num**

**acho isso certo, isso num é cooperativa?** E quando eu falei com eles, eles disseram pra fazer as coisas do jeito deles, que eles sabem como é o negócio... (ES34-s).

A injustiça gera descontentamento e desmotivação para o trabalho, que resulta na busca por compensação, mudando o esforço empregado ou o contexto das ocorrências. Pesquisas indicam que a prática de valores éticos pela empresa e satisfação com o trabalho estão associadas e relacionadas positivamente com a diminuição da intenção de *turnover*, enquanto que o choque com o sistema, pelo descumprimento de regras e padrões estabelecidos, pode conduzir a pessoa a buscar outra atividade (LEE, MITCHELL, 1994).

As decisões baseadas em percepções e interesses individuais prevalecendo sobre as necessidades coletivas, revela-se uma ação antiética resultante do mau uso do poder. A base da atitude ética e democrática é a liberdade de participação nas decisões, prática fundamental para a atividade solidária proposta pelas cooperativas. Percebe-se o descontentamento revelado no conflito por decisões de investimento, como relatado neste depoimento:

**Compraram umas bobagem lá, com o dinheiro que receberam, de ajuda das empresas, até carro compraram e pra empilhadeira nunca tinha dinheiro, porque tinha o “Mané” aqui que carregava tudo, daí eu saí...(EC-14c).**

A hierarquia existente nas cooperativas, que determina a liberdade de decisão por parte de um grupo eleito em assembleia, ocorre pela necessidade de organização e representatividade, no entanto, devem ser estabelecidas prioridades quanto ao atendimento de necessidades básicas dos cooperados para a garantia da produtividade e qualidade de vida no trabalho.

O próximo capítulo trata de problemas administrativos vivenciados nas cooperativas abrangidas neste estudo, sugerindo estratégias de ação que visem minimizar os problemas. É possível que a aplicação e o alinhamento de medidas estratégicas possam contribuir para a redução do *turnover*, pelo aumento do nível de satisfação dos associados e conseqüente fortalecimento de seu vínculo, estabelecendo maior comprometimento e empenho para com a cooperativa.

## 5. CATEGORIAS CAUSAIS IDENTIFICADAS E AÇÕES ADMINISTRATIVAS

Algumas categorias causais para a desistência do trabalho identificadas nas entrevistas são positivas, como a “melhor oportunidade de trabalho”, descrita por um grupo de 10 ex-cooperados entre os 42 entrevistados. Para estas pessoas, uma oportunidade melhor no mercado é aquela que representa crescimento profissional promovido por um trabalho mais garantido pelos benefícios, segurança, desenvolvimento e aprendizado que possibilitam. No entanto, para a maioria dos ex-cooperados [32 entrevistados], as motivações da desistência são negativas, pois resultam da inadequação e insatisfação com o trabalho, que mantém uma realidade permeada de dificuldades para a obtenção de meios de sobrevivência. Tais problemas devem ser compreendidos e analisados pelos gestores das cooperativas com o propósito de mapear as dificuldades individualizadas dos cooperados, evitando assim o fenômeno da desistência do trabalho.

As cooperativas RS enfrentam dificuldades decorrentes da inexistência de um marco regulatório, pois não há leis federais ou estaduais para regê-las, como mecanismos eficientes de monitoramento e incentivos que garantam um comportamento de alinhamento entre os administradores e cooperados (AZAMBUJA, 2004). Há um projeto em tramitação no Congresso Nacional, para a aprovação de uma lei nacional de estruturação da economia solidária em todo o país, com o apoio da Secretaria do Trabalho, implicando em ações que ofereçam maior apoio e segurança aos cooperados, incluindo medidas sobre particularidades das diferentes regiões do país (CENTRAL,2014). Enquanto este projeto de Lei não for aprovado as cooperativas RS, no Brasil, permanecem sujeitas às doutrinas de seus fundadores.

A conduta administrativa das cooperativas RS, assim como dos demais segmentos de cooperativas, é estabelecida pelo seu Estatuto e Regulamento interno, determinados em assembleias. No entanto, estas diretrizes que deveriam delinear as ações da governança corporativa, acabam não encontrando respaldo na participação dos cooperados (CRÚZIO,1999) que, pela sua estrutura econômica e educacional, não têm a percepção da gestão administrativa, que acaba sendo cumprida pelos sócios fundadores que detêm o poder das decisões. O poder daqueles que ocupam cargos hierarquicamente superiores é resultado de votações

realizadas em assembleias na reeleição de sócios fundadores, mantidos no poder por deter maior experiência, tempo de atividade e maior vínculo com os projetos em andamento (AZAMBUJA, 2014; MAGERA, 2005). São necessárias medidas de capacitação, formação educacional, treinamento e desenvolvimento na área de liderança, que garantam maior alternância no poder, para que ocorram novas configurações e possibilidades de democratização da gestão administrativa.

De acordo com fatores presentes nas entrevistas [4.4.4], algumas ações empregadas nas cooperativas RS estudadas não apresentaram comprometimento com o projeto coletivo. Tal fato está relacionado ao contexto no qual este segmento se constitui, fruto de arranjos locais, normalmente criados e incentivados por entidades assistenciais, religiosas e pelo poder público municipal, que procura usá-la midiaticamente com finalidades políticas. Fato é verdade que, as cooperativas no Brasil não reciclam nem 8% do total de resíduos gerados no país, demonstrando assim, sua baixa capacidade produtiva de resultados econômicos (MAGERA, 2005).

As cooperativas obtêm subsídios de empresas públicas e privadas que nem sempre são aplicados de acordo com objetivos coletivos, que implicam em ações para melhorias da qualidade de vida e produtividade da cooperativa (COPERLÍNEA, 2013; CENTRO, 2012). A utilização destes recursos muitas vezes é desviada para o atendimento de interesses da minoria que compõe a administração. Desta forma, a contribuição das empresas subsidiárias, adquire características assistencialistas, visto que estas não possuem o poder de fiscalização sobre as atividades da cooperativa. Este fato é constatado na entrevista em que o ex-cooperado denuncia o uso de recursos financeiros para a compra de produtos [automóvel] que não atendem às necessidades dos cooperados [ 4.4. 4]. Enquanto nas organizações mercantis o controle das decisões tomadas pelos administradores é realizado pelos proprietários e acionistas, nas cooperativas tal controle é inexistente, resultado da confiança e do compartilhamento de sua propriedade.

O Tribunal de Contas da União (TCU), através dos promotores públicos fiscalizam as Organizações não Governamentais (ONGs) e associações sem fins lucrativos, porém as cooperativas RS ficam isentas de prestação de contas, o que dá margem à procedimentos inadequados contrários à ética do cooperativismo (CRÚZIO, 1999).

As assembleias realizadas mensalmente promovem decisões corporativas já previamente aprovadas pela cúpula que detém o poder das decisões. O referendo ocorre normalmente, sem nenhum debate de ideias ou novas propostas. O princípio da ética nos casos da gestão das cooperativas limita-se, na maioria das vezes, a atender interesses pontuais [políticos] e manter a harmonia dentro das cooperativas.

Portanto, estas ações levam o cooperado ao desestímulo, provocando o *turnover* voluntário elevado nestas unidades estudadas. Tais problemas foram identificados de uma forma indireta, através do relato dos ex-cooperados que demonstraram desconhecer princípios participativos de gestão corporativa, sendo que dois entrevistados que conheciam os princípios administrativos, relataram seu descumprimento. Assim, nota-se que as causas do *turnover* voluntário estão ligadas também ao descumprimento dos princípios da boa gestão e da ética, inclusive com relato sobre desvio material e financeiro por parte dos administradores [ 4. 4.2].

A administração de operações apresenta-se como um importante recurso que vem sendo aplicado em todos os tipos de empreendimentos, por habilitar a organização a atingir melhorias nos processos de transformação, por meio de uma gestão eficiente, voltada para soluções que podem implicar em melhorias que ocasionem maior satisfação e fidelização dos profissionais com o ambiente de trabalho e conseqüente redução do *turnover* voluntário.

Aplicada nas cooperativas, a administração de operações pode contribuir através de medidas práticas, com a redução de diversos problemas relatados, entre eles, questões extrínsecas que interferem na qualidade de vida no trabalho, através de medidas como:

- A organização das áreas de trabalho, dos espaços físicos das cooperativas e demais áreas comuns (banheiros, refeitório, sala de escritório), mantendo o *layout* adequado e a proteção da exposição excessiva ao calor;
- Melhorias nas condições de armazenamento de materiais (insumos) através de condicionamento dos recicláveis em *containers* alocados em ambiente coberto, protegido da chuva e de vetores;

- Adequação e utilização de recursos que demandem menor esforço físico dos cooperados como: equipamentos para compactação, carrinhos de mão, esteiras rolantes, ventiladores e empilhadeiras;
- Ofertar e controlar a utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) como: luvas, máscara e avental de proteção.

Tais procedimentos podem proteger o cooperado da situação de insalubridade e precariedade vivenciadas em algumas cooperativas RS estudadas, reduzindo vários fatores deles decorrentes como: “condições de trabalho precárias e insalubres”, “problemas de saúde”, “orientação médica para deixar o trabalho” e “inadequação momentânea (gestação).” De acordo com estudos de Herzberg (1964), as condições extrínsecas do trabalho interferem na satisfação e no desempenho das pessoas, sendo fundamental sua garantia para a obtenção de bons resultados (WILEY, 1997).

Segundo Ferreira e Anjos (2001), o contato com os resíduos pode causar mal estar, cefaléias e náuseas em trabalhadores, pela exposição ao odor e poeira emanados por estas substâncias. Portanto, o controle das condições ambientais das cooperativas RS é fundamental para a manutenção do bem estar dos cooperados, que permanecem grande parte do dia expostos a todos os tipos de contaminação presente nos resíduos. Tais melhorias se refletem em: fidelidade à empresa, melhoria do clima interno, mais disposição para o trabalho e maior atratividade da empresa (NAHAS, 2003; OLIVEIRA, LIMONGI-FRANÇA, 2005).

Algumas medidas da Administração de operações, direcionadas à organização do trabalho, podem colaborar para que o cooperado obtenha uma percepção maior de sua função, a partir de uma visão abrangente das expectativas de seu desempenho segundo os objetivos da cooperativa. Estas medidas incluem:

- Divulgação de escalas de trabalho e distribuição de tarefas por meio de cartazes afixados em locais de fácil visibilidade;
- Subsidiar os cooperados, conscientizá-los de que é necessário estabelecer diretrizes, planejar e executar a fim de atingir soluções e ter autonomia administrativa;
- Realização e divulgação de planos de metas, tabelas de desempenho, tabelas de produção e escalas de folga;



Pesquisas revelam que os trabalhadores são mais envolvidos quando na exibição de trabalhos por eles desenvolvidos, estabelecendo maior comprometimento e consequente redução do *turnover* voluntário (WILEY, 1997).

Estas medidas também auxiliam no estabelecimento de critérios de equidade quanto à distribuição de tarefas, proporcionando recursos para a compreensão do significado do trabalho e ampliando a percepção de participação na atividade conjunta. Quando a distribuição de tarefas e seus objetivos são compartilhados, as oportunidades para a integração e participação democrática nas decisões podem ser ampliadas, tornando os procedimentos e regras coletivas mais claras. Tais iniciativas podem evitar incidentes, como identificados em entrevistas que implicaram nos fatores: “dificuldades para aceitar críticas e regras”, “conflitos por decisões administrativas” e “oposição à política de remuneração”.

A participação nas decisões tomadas em assembleia, pelos membros das cooperativas, também pode contribuir para reduzir a diferença existente entre os benefícios por elas oferecidos, comparados a uma empresa mercantil (CRÚZIO, 1999). Através de decisões coletivas, os resultados financeiros obtidos pelas cooperativas podem, na medida do possível, ser convertidos em benefícios para satisfazer os patamares mínimos de descanso anual, contribuição previdenciária (INSS), poupança, seguro doenças/acidentes, equivalentes aos ganhos sociais de uma empresa mercantil, que oferece: 13<sup>o</sup> salário, férias, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) (MAGERA, 2005).

Entretanto, as dificuldades econômicas vivenciadas pelas cooperativas RS analisadas demonstram-se insuficientes na divisão final, impedindo-os de realizar grande parte destes benefícios e tornando a atividade em outros segmentos empresariais mais atrativa, (CENTRO, 2012; COPERLÍNEA, 2013) promovendo a desistência do trabalho por parte de muitos cooperados, como se observa pelo fator “melhor oportunidade de trabalho”.

A satisfação de necessidades básicas, como o benefício de transporte e creches, através de medidas públicas de suporte ou parcerias com empresários, pode

proporcionar a resolução de questões que constituíram fatores de desistência do trabalho, como: “problemas familiares (cuidar do outro)” e “mudança de endereço”. A segurança por contar com os serviços de creche e transporte, pode facilitar o acesso e disponibilidade para o trabalho, reduzindo faltas e, conseqüentemente, alcançando melhores resultados produtivos e maior satisfação com as retiradas. O conjunto destas ações, possivelmente, reduzirá também a desistência pelo fator “baixa remuneração”.

Devido à menor formação educacional e pouca qualificação profissional do trabalhador que atua nas cooperativas, muitos podem ser excluídos da prática de atividades fundamentais da autogestão, como reuniões e assembleias deliberativas ou sentirem-se inseguros para participar e opinar nas decisões administrativas. É importante, por meio da educação corporativa, capacitar todos os associados, para que exerçam sua dupla função, que abrange a participação como sócio além da função de trabalhador. Também podem ser realizadas parcerias com universidades para a criação de projetos técnicos de incubadoras, que possibilitem ampliar a capacitação empreendedora dos cooperados, promovendo o crescimento e aperfeiçoamento profissional, necessidade relatada em entrevistas que trazem a desistência do trabalho pela busca de desafios e desenvolvimento do potencial, presente no fator “melhor oportunidade de trabalho”.

Segundo teoria desenvolvida por MacClelland (1975), pessoas com alta necessidade de realização devem ser incentivadas através de oportunidades desafiadoras, aprendizado, responsabilidades e tarefa inovadoras, que devem ser estimuladas como recursos para o estabelecimento de um vínculo maior com o trabalho (WILEY,1997).

A administração das cooperativas deve garantir a todos os cooperados o acesso aos bens culturais e educacionais, exigindo dos associados a participação nas reuniões de grupos e nas comissões para decidir as políticas e suas prioridades, para planejar as atividades coletivas e individuais. Estas ações visam garantir os procedimentos democráticos, a autogestão e o cumprimento de princípios éticos indispensáveis às cooperativas evitando “conflitos por decisões administrativas”, mais um fator revelado como motivador para a desistência do trabalho. Ao ser respeitado como

sócio-proprietário, o associado poderá ampliar seu vínculo com a cooperativa pela percepção de um ambiente melhor de trabalho, ao deixar de ser um cumpridor de ordens e atuar com liberdade de expressão e participação das decisões.

A participação nas tomadas de decisão além de satisfazer o cooperado pela participação democrática deveria proporcionar o controle das ações administrativas. No entanto, o fato de alguns cooperados ignorarem seus direitos como sócios ou sentirem-se dependentes economicamente das cooperativas, pode conduzi-los a uma atitude passiva, diante de procedimentos inadequados, que envolvem o desvio dos princípios do cooperativismo ou desvio de resultados financeiros por parte dos administradores. Portanto, este controle não poderia ser exercido apenas pelos membros da cooperativa. É necessária a existência de dispositivos fiscais com o objetivo de coibir ações contrárias aos princípios éticos, exercido por órgãos de regulação, amparados pela existência de leis e instâncias para acompanhar e fiscalizar o seu correto uso, evitando medidas corruptivas e má gestão do trabalho.

O cumprimento dos princípios éticos das cooperativas e a administração comprometida com os fundamentos cooperativistas estabelecem as garantias de uma maior adesão e vínculo com os associados e uma imagem de idoneidade e responsabilidade empresarial que se refletirá positivamente na aquisição de parceiros comerciais, adesão de novos membros, desenvolvimento das cooperativas e menor índice de *turnover*.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cooperativas RS participantes da pesquisa oferecem oportunidades de trabalho às pessoas que vivem à margem da sociedade, excluídas do mercado formal pela baixa escolaridade e pouca qualificação profissional. Seus resultados de produtividade da reciclagem do RS, menor que 8% (MAGERA, 2005), não justificariam sua criação, mas com propósitos políticos e ambientais, muitas foram fundadas nas últimas décadas no Brasil [800 cooperativas] (LEAL, 2013).

No entanto, os elevados números do *turnover* voluntário deste grupo de cooperativas RS estudadas, que corresponde em média a 25%, evidencia um desencontro entre oportunidade de trabalho e expectativas dos trabalhadores. No período anterior a um ano de atividade, as pessoas desistem da cooperativa, contrariando a proposta de reinserção baseada no desenvolvimento de um trabalho coletivo, segundo princípios de autogestão e participação democrática que fundamentam o cooperativismo. Tais desistências figuram-se com muita clareza nas entrevistas realizadas com os ex-cooperados. Pessoas que sem capacidade de análise crítica do processo, passam a entender o cooperativismo como uma forma de exploração do trabalho. No entanto, não percebem que a má gestão e a ausência dos princípios éticos de seus administradores que levaram a estas condições de precarização do atividade, provocando sua desistência do trabalho.

Como se evidenciou nas cooperativas abrangidas por este estudo, a incidência maior foi a desistência por melhor oportunidade de trabalho, justificando assim, as questões geográficas como uma fator a ser considerado. Na região das cooperativas analisadas existe um grande aporte de capital em indústrias de transformação, petroquímica, oferecendo maiores e melhores oportunidades de trabalho, competindo com a oferta de frentes de trabalho na região (INSTITUTO, 2013).

Para a compreensão deste estudo, é importante considerar alguns aspectos das cooperativas RS analisadas, entre eles, sua constituição por trabalhadores com pouca qualificação profissional, a maioria analfabetos ou semianalfabetos (INSTITUTO, 2003; MAGERA, 2005). Essas pessoas, ao longo da vida, sobrevivem

com dificuldades econômicas, desempenhando, muitas vezes, atividades informais, com baixa remuneração, insegurança e poucas esperanças de melhorias. Fato, evidenciado durante a realização das entrevistas *in loco*. Esta realidade permeada de dificuldades pode contribuir para as expectativas relacionadas ao trabalho, idealizando e priorizando a atividade assalariada, que corresponde a segurança de um vínculo empregatício com as garantias e benefícios culturalmente valorizados pela sociedade (carteira profissional, 1/3 de férias, benefícios, entre outros).

A qualificação como “melhor oportunidade de trabalho”, também se referiu, conforme relatado em entrevistas, pelo potencial de desenvolvimento e aprendizado que pode proporcionar. Segundo Davis MacClelland (1975), a necessidade de realização é um importante fator motivacional que conduz as pessoas ao desenvolvimento de atividades desafiadoras, buscando oportunidades que gerem crescimento e o alcance de padrões superiores. Estudos desenvolvidos por Emery (1964, 1976) e Trist (1978) indicam que, entre as propriedades para estimular o comprometimento do trabalhador, está a aprendizagem contínua, que estimule a necessidade de crescimento profissional (MORIN, 2011). Percebe-se entre os depoimentos dos ex-cooperados, a ausência de identificação de possibilidades de desenvolvimento profissional nas cooperativas RS participantes do estudo, o desconhecimento de ideais de cooperativismo, autogestão ou o sentimento de ser sócio proprietário do empreendimento. Se melhor estimulada, a participação em questões decisórias e administrativas, contribui para a geração de desafios, aprendizado e desenvolvimento dentro do próprio ambiente das cooperativas RS.

A motivação no trabalho tem como fator implícito a identificação com a função. A Teoria dos dois fatores, de Herzberg (1964), indica que a satisfação com o trabalho está relacionada a elementos intrínsecos como: realização, reconhecimento e atividade desenvolvida no trabalho. Entretanto, percebe-se que a atividade com resíduos implica na difícil convivência com elementos vistos com grande desprezo pela sociedade e preconceito social, fato evidenciado nas visitas às cooperativas RS. Por associar-se a sujeira, doenças e mau cheiro, os resíduos, popularmente chamados de “lixo”, são percebidos como nocivos, causando aversão pela sua própria concepção. É fato que, ao conviver com esta realidade, os cooperados lidam com questões de autoestima, preconceito e desvalorização pelo trabalho, tornando-

se um desafio obter satisfação a partir destas dificuldades. Vários relatos trazem este fator em seu contexto.

Segundo Hakman e Oldham (apud MORIN, 2011), uma das características que contribuem para dar sentido ao trabalho, está na capacidade de um trabalho promover impacto significativo sobre o bem estar do indivíduo ou mesmo de outras pessoas, no ambiente da organização ou na sociedade. Nota-se que o aspecto ambiental não foi relacionado nas entrevistas com a função desempenhada pelas cooperativas RS, nem mesmo foi percebida a autoimagem do cooperado como contribuinte na cadeia de reciclagem. Percebe-se que os valores relacionados à necessidade de gestão de resíduos e sustentabilidade estão distantes da função dos cooperados e que, uma vez exaltados, tanto no ambiente das cooperativas RS quanto na comunidade, poderiam contribuir para a construção de uma identidade de resgate da dignidade pessoal, reduzindo o preconceito social que condiciona o papel do triador das cooperativas à função de lixeiro.

Entretanto, esta insatisfação relacionada à função é intensificada quando fatores extrínsecos, que envolvem o ambiente das cooperativas RS, não cumprem com os cuidados necessários para administrar as condições de insalubridade, comprometendo o bem estar e a qualidade de vida das pessoas. A precariedade existente na maioria das cooperativas RS estudadas, confirma as percepções negativas do trabalho com resíduos e esvazia as propostas de melhorias na vida profissional dos trabalhadores que se inserem nas cooperativas. Neste contexto, por não ter suas expectativas atendidas, algumas pessoas preferem retornar ao trabalho individual de catador de resíduos, dedicar-se a atividades clandestinas, ou são obrigados a se afastar por complicações na saúde que os impedem de exercer a atividade de cooperado.

Segundo teorias de incentivo, os estímulos externos regulam os estados motivacionais (Bolles, 1975; MacClelland, 1975; Skinner, 1953), enfatizando os fatores ambientais. As dificuldades relatadas nas entrevistas, percebidas muitas vezes pela manifestação de problemas físicos e desgaste, contribuem com o *turnover* por promover a insatisfação com o trabalho realizado nas cooperativas RS estudadas. Tais insatisfações são sentidas nos seus relatos como explicativos da

desistência, mas eles não têm a percepção do entendimento das reais ações que provocam o seu desencanto com o seu trabalho na cooperativa.

É fato que, algumas causas para o fenômeno da desistência do trabalho são conseqüentes da inexistência de recursos que amparam o trabalhador, fator que poderia ser minimizado através da realização de parcerias com órgãos públicos, empresariais e educacionais, partindo da identificação de necessidades para arranjos locais. Outras pesquisas podem ser realizadas, a partir deste estudo, direcionando políticas públicas ou arranjos coletivos que proporcionem contribuições neste sentido.

A identificação de fatores que geraram a insatisfação percebida na análise das entrevistas coletadas, busca contribuir para a redução do *turnover* voluntário e, conseqüentemente, seus impactos negativos decorrentes da adaptação de novos trabalhadores, da baixa produtividade e dos impactos nos resultados financeiros (CENTRAL, 2012). O planejamento de estratégias administrativas adequadas às expectativas dos cooperados, pode contribuir para o aumento da satisfação e motivação, refletindo-se nos níveis de produtividade e comprometimento com a função desempenhada (CRÚZIO, 1999).

Este estudo limitou-se a compreender os principais motivos para a desistência do trabalho e conseqüente *turnover* voluntário em um conjunto de sete cooperativas RS situadas no interior do estado de São Paulo. Os números relacionados ao *turnover* voluntário correspondem a apenas um dos indicadores existentes no processo de gestão administrativa, cujas determinantes implicam em questões complexas de ordem econômica, social, política e cultural. Portanto, limita-se a descrição de uma parcela desta realidade, partindo da visão dos agentes participantes deste segmento, descrevendo suas experiências e percepções.

Os dados apresentados por esta pesquisa fenomenológica servem como parâmetros comparativos à outras análises do mesmo segmento, cujas realidades se assemelhem. Portanto, outras pesquisas poderão ser desenvolvidas, contribuindo com o tema, abordando alternativas de gestão administrativa que contribuam para o desenvolvimento deste segmento que, por ser recente, necessita de marcos

regularórios e ferramentas de auxílio quanto à retenção e o desenvolvimento de pessoas, tornando-as um segmento a ser explorado e intensificado no mundo do trabalho.



## REFERÊNCIAS

- AMBIENTEBRASIL. Por que os investimentos verdes no Brasil desabaram em 2013. **Jornal Ambientebrasil**, 30 de jan.2014. Disponível em: < <http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2013/12/24/101189-meta-de-extinguir-lixoes-ate-2014-esbarra-em-pequenos-municipios.html>>. Acesso em 30/01/2014.
- ANTUNES, R. **O Caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- APARECIDO, A. A.; MONTEIRO, M. I. Perfil sociodemográfico, estilo de vida, trabalho e aspectos de saúde de trabalhadores de uma cooperativa de lixo reciclável. In: XIII CONGRESSO INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, 2005 Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. Campinas: FCM, UNICAMP, 2005.
- APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS (ABRELPE). **Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2010**. 1.ed. São Paulo,2010. 199 p. Disponível em <[http://www.abrelpe.org.br/downloads/Panorama 2010.pdf](http://www.abrelpe.org.br/downloads/Panorama%202010.pdf)> Acesso em: 25/09/13.
- AZAMBUJA, L.R. Ideologia e relação com o trabalho : o caso de uma cooperativa autogestionária . **XI Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- BACHMAN & ASSOCIADOS. **3º Benchmarking Paranaense de Recursos Humanos: Dados de 2010**. Bachmann & Associados, ABRH-PR e ISAE/FGV. Curitiba, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 6 ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BERNS, M. et al. The business of sustainability: Results and insights from the first annual. **MIT Sloan management review global sustainability survey**. Cambridge, MA: MIT, 2009. Disponível em: < <http://www.bcg.com/documents/file32201.pdf>>. Acesso em: 08/10/2013.
- BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: contornos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. **Cad. EBAPE.BR** [online]. v.9, n.1, p. 469-487. ISSN 1679-3951, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512011000600003> . Acesso em 03/10/2013.
- BORGSTROM, M. Effective co-operative governance: A practitioner's perspective. **Journal of Co-operative Organization and Mangement**, Finland, v.1 .p. 49-50, 2013. Disponível

em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2213297X13000049#sec1>>. Acesso em 01/10/2013.

BRAGA, N. et al. **Engenharia Ambiental**. 1 ed. São Paulo: Pearson, 2004.

BRASIL. Decreto 7.404/2010. Regulamenta a Lei 12.305/2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa, e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. Lei 5.764/1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. Lei Federal Nº 12.305, de 02 de agosto de 2010. Política Nacional de Resíduos Sólido. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=63>>. Acesso em 20/11/2013.

\_\_\_\_\_. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2008. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb/defaultque st\\_2008.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb/defaultque st_2008.shtm)> Acesso em: 10/11/2013.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação brasileira de ocupações (CBO). Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 02/12/13.

BIANCHI, E.M.P.G.; ALBUQUERQUE, L.G. Alinhamento entre Estratégias de Negócio e de Gestão de Pessoas: um Caso na Indústria Química Brasileira. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE**. Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: [www.fundace.org.br/artigos\\_racef/artigo\\_03\\_03\\_2011.pdf](http://www.fundace.org.br/artigos_racef/artigo_03_03_2011.pdf).

BHOWMIK, S. As cooperativas e a emancipação dos marginalizados: estudos de caso de duas cidades na Índia. In: Santos, Boaventura de Souza (Org). **Produzir para Viver. Os Caminhos da Produção não Capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Disponível em : <http://www.ces.uc.pt/emancipa/research/pt/ft/cooperativas.html> em 02/10/13. Acesso em: 03/10/2013.

CARVALHO, J.L.F. ; VERGARA, C.S. A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços. **Revista de Administração de Empresas \_ RAE**, v. 42, n.(3), p. 78 – 91, Jul/ Set. São Paulo. 2002.

CEMPRE. **Pesquisa Ciclossoft 2012**: Radiografando a coleta seletiva. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.cempre.org.br/Ciclossoft2012.pdf>> Acesso em: 28/10/ 2013.

CENTRAL DE COOPERATIVAS E EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS \_UNISOL . Disponível em: <[http://www.unisolbrasil.org.br/2014/01/08/conheca-o-programa-nacional-de-apoio-ao-associativismo-e-cooperativismo-social-pronacoop-social/?utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=conheca-o-programa-nacional-de-apoio-ao-associativismo-e-cooperativismo-social-pronacoop-social](http://www.unisolbrasil.org.br/2014/01/08/conheca-o-programa-nacional-de-apoio-ao-associativismo-e-cooperativismo-social-pronacoop-social/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=conheca-o-programa-nacional-de-apoio-ao-associativismo-e-cooperativismo-social-pronacoop-social)> Acesso em: 03/01/14.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO \_ CRCA . Evolução dos indicadores (2012). Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.10anoscampinasrecicla.crca.org.br/crca.htm>>. Acesso em 15/01/14.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. Tradução: Caesar Souza. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CESCON, E. **Fenomenologia da consciência e da mente**. 1 ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

CHAUÍ, M.de S. **Introdução da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

CHIKARMANE, P. et al. Recycling livelihoods – Integration of the Informal Recycling Sector in Solid Waste Management in India. **GTZ \_ Partnerships for Recycling Management**, India, May, 2008. Disponível em: <<http://www2.gtz.de/dokumente/bib-2010/gtz2010-0137en-informal-sector-solid-waste-management.pdf>>. Acesso em: 22/10/13.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO). Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

COELHO, D.R.; GODOY, A.S. De catadores de rua a recicladores cooperados: um estudo de caso sobre empreendimento solidário. **Revista de Administração Pública \_ RAP**, v.45, n (3). Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2410/241019893008.pdf>>. Acesso em: 18/10/13.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DE RECOLHEDORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, n. 1, 2008, Bogotá. *Relatório do protocolo*. 2008.

COPERLÍNEA AMBIENTAL DO BRASIL, Informativo 2013. Paulínia, SP. Disponível em: <<http://www.cooperativismo.org.br/cooperativismo/noticias/noticia.asp?id=22334>>. Acesso em: 11/10/13.

COUTO, G.A. **Aprendizagem social e formação humana no trabalho cooperativo de catadores(as) em São Paulo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19072012-151313/>>. Acesso em: 31/01/14.

CRESWELL, J. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions**. Thousand Oaks: Sage, 1998.

\_\_\_\_\_, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CRÚZIO, H de O. Organização e Administração de Cooperativas. **Revista de Administração Pública \_ RAP**, Rio de Janeiro, v. 32, n.2, março/abril, 1999.

\_\_\_\_\_, H de O. **Marketing social e ético nas cooperativas**. 1. ed. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS \_(DIEESE). **Rotatividade e Flexibilidade no Mercado de Trabalho**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/livro/2011/livroRotatividade11.pdf>. Acesso em 13/12/2014.

DE SORDI, J.O. **Elaboração de Pesquisa Científica: seleção, leitura e redação**. 1. ed. São Paulo : Saraiva, 2013.

DURKHEIM, E. **Da divisão do Trabalho Social**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ECO, H. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. Lisboa: Presença, 1982.

ENVOLVERDE COMUNICAÇÃO & SUSTENTABILIDADE (2013). Disponível em: <<http://www.envolverde.com.br/dialogos/noticias/as-cooperativas-de-reciclagem-na-politica-nacional-de-residuos-solidos/>> Acesso em: 30/10/13.

FERREIRA, J. A., & ANJOS, L. A. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cad. Saúde Pública**, v.17, n. 3, p.689-69. Rio de Janeiro. 2001

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. **A construção de um mundo melhor**, Porto Alegre, Petrópolis: Editora da Universidade / UFRGS, Vozes, Unitrabalho, Corag e Veraz comunicação, 2001.

GAERTNER, K.N.; NOLLEN, S.D. Turnover Intentions and Desire Among Executives. **Human Relations**, New York, v. 45, n. 5, p. 447, 05 1992.

GAERTNER, S. Structural determinants of job satisfaction and organizational commitment in turnover models. **Human Resource Management Review**, v. 9, n.4, p.479-493. 1999.

GAMA, A.P. da; KODA, M.Y. Cooperativismo e reciclagem de resíduos sólidos: uma reflexão a partir da psicanálise de grupos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n.2, p. 209-224, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/viewFile/25726/27459>. Acesso em: 12/12/13.

GARG, P.; RASTOGI, R. New model of job design: motivating employees' performance. **The Journal of Management Development**, Bradford, v. 25, n. 6, p. 572-587, 2006.

GIBSON, S. K.; HANES, L. A. The contribution of phenomenology to HRD research. **Human Resource Development Review**, v.2, n.2, p.181-205, 2003.

GIL, A.C. O Projeto na Pesquisa Fenomenológica. **Anais IV, SIPEQ, ISBN**. 2009. Disponível em: [www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/44.pdf](http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/44.pdf). Acesso em: 13/01/14.

GIORGI, A. **A psicologia como ciência humana**: uma abordagem fenomenológica. 1 ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GOEL, S. Relevance and potential of co-operative values and principles for Family business research and practice. **Journal of Co-operative Organization and Management**, Duluth, p. 41- 46, Sept.2013.

HILL, D. C., Seabrook, K. A.. Safety & sustainability: Understanding the business value. **Professional Safety**, v.58, n.6, p.81-92, 2013. Disponível em: <<http://search.proquest.com/docview/1399698704?accountid=34749>>. Acesso em: 08/10/2013.

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA. IPEA. (2013). Folha.com: **Menos de 2% dos resíduos sólidos são reciclados**. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19732&catid=67&Itemid=2](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=19732&catid=67&Itemid=2)>. Acesso em: 01/12/2013.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. (2003). **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis**: guia para implantação. Coordenação. Roberto Domenico Lajolo. São Paulo: SEBRAE, 2003.

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL\_ ETHOS. Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos. (2007). Disponível em: <http://www.ethos.org.br> . Acesso em: 08/10/13.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. IHU. (2012). **Para banir lixões, País precisa de 448 aterros**. Revista IHU on line. São Leopoldo-RS. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/507868-parabanirlixoespaisprecisade448aterros>>. Acesso em: 10/10/2013.

INTERNATIONAL COOPERATIVE ALLIANCE STATEMENT OF THE CO-OPERATIVE IDENTITY. ICA. (1995). Disponível em: <<http://www.wisc.edu/uwcc/icic/issues/prin/21-cent/identity.html>>. Acesso em: 03/12/2013.

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. **Estud. av.** [online], v.25, n.71, p. 135-158. ISSN 0103-4014,

2011. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142011000100010>>. Acesso em: 02/01/2014.

KRIKKE, H. R.; VAN HARTEN, A; SCHUUR, P. C. On a medium term product recovery and disposal strategy for durable assembly products. **International Journal of Production Research**, v. 36, n. 1, p. 111-139, 1998.

LABOV, W. (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LEAL, A. C. et al. A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. **Revista Terra Livre**, v. 18, n. 19, p. 177-190, 2003.

LEE, T.W.; MITCHELL, T.R. An alternative approach: The unfolding model of voluntary employee turnover. **Academy of Management**., Briarcliff Manor, v. 19, n. 1, p. 51- 01, 1994.

LEITE, P.R. **Logística reversa: meio Ambiente e competitividade**. 2 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

LIMA, M. I. B. de. Cooperativas de Reciclagem de Santo André: Conquistas e Dificuldades. **Universidade Federal do ABC**. 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/joelma/Desktop/Cooperativas%20de%20Reciclagem%20de%20Santo%20Andr%C3%A9%20%20Conquistas%20e%20Dificuldades%20%20\(rotatividade\).htm](file:///C:/Users/joelma/Desktop/Cooperativas%20de%20Reciclagem%20de%20Santo%20Andr%C3%A9%20%20Conquistas%20e%20Dificuldades%20%20(rotatividade).htm)>. Acesso em 02/02/14.

MACCLELLAND, D.C. **Power : The inner experience**. New York: Irvington, 1975.

MAGERA, M. **Os caminhos do lixo: da obsolescência programada à logística reversa**. 1. ed. Campinas: Átomo Alinea, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. 2. ed. Campinas: Átomo Alinea, 2005.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poésis**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MASINI, E. F. S. **Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação**. In: FAZENDA, I. (Ed.) Metodologia da pesquisa educacional . São Paulo : Cortez, 1989.

MERIGHI, M. A. B.; GONÇALVES, R.; FERREIRA, C.F. Bibliometric study on nursing theses and dissertations employing a phenomenological approach: tendency and perspectives. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [online], v.15, n.4, p. 645-650. ISSN 0104-1169. 2007. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692007000400019>> Acesso em 05/10/13.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MORIN, E.M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas\_ RAE**, São Paulo, v.41, n.3, p. 18-19, 2011.

MOTA, F. S. Inserção das organizações de catadores de materiais recicláveis em programas empresariais de logística reversa: um estudo multi-setorial no estado de São Paulo. **FGV- Escola De Administração De Empresas De São Paulo**. p.147 , 2012. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9530>. Acesso em: 30.01.14.

NAHAS, M. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 3.ed. Londrina: Midiograf, 2003.

NAKASHIMA et al. Analysis of a product recovery system. **International Journal of Production Research**, v. 40, n. 15, p. 3849-3857, 2002.

OLIVEIRA, P.M.de; LIMONGI-FRANÇA, A.C. Avaliação da Gestão de Programas de Qualidade de Vida no Trabalho. **RAE- eletrônica**, v. 4, n. 1, Art. 9, jan./jun. 2005. Disponível em: [www.rae.com.br/eletronica](http://www.rae.com.br/eletronica). Acesso em 14/01/2014.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS (OCB). Disponível em: <[http://www.brasilcooperativo.coop.br/GERENCIADOR/ba/arquivos/140411\\_apresentacaoinstitucional2010\\_1.pdf](http://www.brasilcooperativo.coop.br/GERENCIADOR/ba/arquivos/140411_apresentacaoinstitucional2010_1.pdf)>. Acesso em 10/10/13.

PAULA, M.B. de; PINTO, H.de S.; SOUZA, M.J.S. A importância das cooperativas de reciclagem na consolidação dos canais reversos de resíduos sólidos urbanos pós-consumo. **SIMPOI**, São Paulo, 2010.

PICININI, V.C. Cooperativa de Trabalho de Porto Alegre e Flexibilização do trabalho. **1 ed. Dossiê**, Porto Alegre, ano 6, nº 12, p. 68-105. 2004.

POLKINGHORNE, J. C. Reductionism. In: Tanzella-Nitti, G.; Strumia, A. (Ed.) **Interdisciplinary encycloperis of religion and science**. 2002. Disponível em : <<http://inters.org/reductionism>>. Acesso em: 12/01/14.

PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. Coordenadoria de Tratamento de Resíduos. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/servico-aocidadao/dlu/coordenadoria-tr.php>>. Acesso em: 10/01/ 2014.

REGIME JURÍDICO DAS COOPERATIVAS DE SERVIÇOS. Disponível em: <http://www.ci.esapl.pt/jcms/materiais/Org%20Gestao%20Coops/Regime%20Juridico%20das%20Cooperativas%20de%20Servicos.pdf> . Acesso em: 07/01/14.

ROBBINS, S.P. Comportamento organizacional. Rio de Janeiro, LTC. 1999.

RUFINO, S. Qualidade de Vida de Trabalhadores de Cooperativas Autogestionárias. **ENESEP**, Curitiba PR, 2002.

SALGADO, G.; TEIXEIRA, T. Catadores(as) e a metrópole: identidade, processo e luta. UNESP. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://catadoreseametropole.wordpress.com/baixeo-livro-2/>>. Acesso em: 10/10/13.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: João Batista. 3. ed. Petrópolis RJ : Vozes, 2013.

SILVA, A.B. A fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais. In: GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.B.; SILVA, A.B. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2010. p.267-297.

SINGER, P. **A Recente Ressurreição da Economia Solidária no Brasil 1**. Breve introdução conceitual. Volume 2, 2002. Disponível em: [www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv2.pdf](http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv2.pdf)> Acesso em: 18/10/2013.

SOUZA, M. T. S.; PAULA, M.B.; SOUZA-PINTO, H. O papel das cooperativas de reciclagem nos canais reversos pós-consumo. **Rev. adm. empres.** [online]. vol.52, n.2, pp. 246-262. ISSN 0034-7590, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902012000200010>>. Acesso em: 02/02/2014.

TARALLO, F. (1986). **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática.

TOLFO, S.R.; PICCININI, V. Sentidos e Significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, RS, Ed. Especial 1, p. 38-49, 2007.

URDAHL, T. M.; CRESWELL, J. Using Transcendental Phenomenology to Explore the “Ripple Effect” in a Leadership Mentoring Program. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 3, n.2, 2004. Disponível em: [http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/3\\_2/pdf/moerer.pdf](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/3_2/pdf/moerer.pdf) > Acesso em: 12/12/13.

VANDENBERG, R. J. Desegregating the Motives Underlying Turnover Intentions: When do Intentions Predict Turnover Behavior? **Human Relations**, 1999. Disponível em: <http://www.findarticles.com>>. Acesso em: 11/10/13.

VIEIRA, A.C.; RICCI, F. Cooperativas Populares de Reciclagem e a articulação entre geração de renda, reciclagem e gestão ambiental. **SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. 2008. Disponível em: [http://www.aedb.br/seget/artigos08/275\\_275\\_Cooperativas\\_Populares\\_de\\_Reciclagem\\_-\\_Seget\\_2008.pdf](http://www.aedb.br/seget/artigos08/275_275_Cooperativas_Populares_de_Reciclagem_-_Seget_2008.pdf) > Acesso em: 18/10/2013

VROOM, V. H. (Org.). **Gestão de pessoas, não de pessoal**. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

WAUGH, W. L.JR; WAUGH, W.W. Phenomenology and public administration. **International Journal of Organization Theory and Behavior**, Boca Raton, v. 7, n. 3, p. 405-431, Fall 2004.



WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

WEITEN, W. **Introdução à psicologia: temas e variações**. 1.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

WIEGO – WOMEN IN INFORMAL EMPLOYMENT: GLOBALIZING AND ORGANIZING. Enfocándonos en las trabajadoras informales: recicladoras de basura. Cambridge. 2009. Disponível em: [http://www.wiego.org/WIEGO\\_En\\_Espanol/publicaciones/FactSheet-Rec-Spanish.pdf](http://www.wiego.org/WIEGO_En_Espanol/publicaciones/FactSheet-Rec-Spanish.pdf). Acesso em 30.10.2013.

WILEY, C.. What motivates employees according to over 40 years of motivation surveys. **International Journal of Manpower**, v.18, n.3, p. 263-280, 1997. Disponível em: <http://search.proquest.com/docview/231904581?accountid=34749>. Acesso em: 13/03/14.

## APÊNDICE - A

### Entrevista com ex-cooperados

#### Ex-cooperados da cidade de Campinas-SP

Unidades: A, B, C, D e E.

Contato: <b>EC1</b>	Cooperativa: <b>a</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 10 meses
Data da entrevista: 06/02/14	Atividade após a cooperativa: costureira
Data nascimento: 15/01/76	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: dezembro/12	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Falá a verdade o negócio ali num tava dando certo. É que eu comecei por causa da minha tia, ela trabalhava lá e me chamou. Como eu tava desempregada, eu aproveitei!

Mas o meu negócio não é fazê isso, mexê com lixo não é fácil. Não sirvo pra isso! E as pessoas da bancada em vez de ajudá, ficava criticando porque eu trabalhava devagar, por causa que eu não era que nem elas, que tava ali há mais tempo que eu. O pior não é só o lixo não, são os bicho que tem, e é ter que ficá de pé fazendo a separação. Lá a gente não tem como sentá prá trabalhá, tem que fazê o serviço de pé. Eu chegava a ficar com os pé inchado e doendo muito.

Minha tia tá lá até hoje, mas eu num aguentei. Minha colega trabalha na confecção e me chamou porque eles tavam precisando de gente pra fazer uniforme, que eles tava com um encomenda grande. Eu não tinha muita prática, no começo eu entrei mais prá ajudá mesmo, mas o bom é que elas deixam trazer prá trabalhá em casa, daí eu posso ficar mais perto das minhas criança.

Eu não gostava de lá, e eu tô me dando melhor na confecção que fico mais sentada, e tô aprendendo bastante coisa, assim, as costura. Se lá fosse bom, eu tava lá até agora, que nem minha tia, que tá lá, mas num deu mesmo.”

Contato: <b>EC2</b>	Cooperativa: <b>a</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 6 meses
Data da entrevista: 06/02/14	Atividade após a cooperativa:
Data nascimento: 24/09/89	Estado civil: amasiada
Data de ingresso na cooperativa: setembro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu saí por causa que eu tava grávida e no começo fiquei ruim, porque minha pressão caía muito. Como eu não conseguia comer direito, de fica lidando com o lixo era pior ainda. Eu não sabia que tava grávida, porque o médico lá do postinho falou uma vez que eu tinha cisto e que não ia engravidar fácil, até que fiquei muito ruim e daí tava mesmo.

Minha sogra falou prá mim prá parar que não era bom eu ficá por causa do esforço, que ficava muito em contato com sujeira, que lá tem rato e por causa do cheiro ruim também, ficava mais enjoada.

Eu gosto de lá, quando o bebê tivé maiorzinho, se precisá eu volto, mas vai dependê como tive, né? A gente não pode cuspi pra cima, né?

Foi bom porque eu tirava um dinheirinho, que a gente precisa muito e que era pouco, mas que ajudava. Mas só que com o bebê não dá!”

Contato: <b>EC3</b>	Cooperativa: <b>a</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 9 meses
Data da entrevista: 06/02/14	Atividade após a cooperativa: ajudante geral
Data nascimento: 08/10/86	Estado civil: casado
Data de ingresso na cooperativa: janeiro/2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu saí de lá porque a empresa que eu fiz ficha me chamou, por causa de uma vaga de ajudante.

Porque lá num tem carreira, se você entra lá fica fazendo isso pro resto da vida, num dá futuro. Eu fazia muita coisa lá dentro, tinha o pessoal que era legal, mas cê vai ficando e daí num tem futuro.

Agora na firma tá melhor porque eu falei lá que não quero ficar nesse serviço, quero passá pro outro setor e eles me prometeu que vão ver um lugar melhor pra mim, então eu tô ficando por causa disso.

Só tá ruim por causa do moleque, que eu tive que arrumá gente prá pegá ele na escola, lá na firma eu volto de ônibus e não dá tempo prá buscá eles. Eu quero vê se vou crescê nessa firma, se dé tudo certo, mês que vem tá certo pra mim ir pra lá no outro setor. Um trabalho melhorzinho, né?”

Contato: <b>EC4</b>	Cooperativa: <b>a</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 9 meses
Data da entrevista: 11/02/14	Atividade após a cooperativa: cozinheira
Data nascimento: 13/09/82	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: fevereiro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu saí porque na época minha sogra ficou muito ruim, ela teva infartada e não tinha quem tomasse conta dela. Como ela mora em Alagoas, eu fui pra lá e fiquei um mês com ela. Eu nem falei nada porque eu não tava muito contente que eu já tinha faltado uns dias e eles descontaram, eu quis compensar, mas com essa confusão da minha sogra acabou num dando certo.

Daí com as falta eu tirei muito pouquinho que quase num deu pra nada.

Fiquei com minhas conta tudo atrasada...e ainda gastei que só da viagem.

Eu fiquei um mês com minha sogra, ela infelizmente veio a falecê que ela tava muito fraquinha, já idosa, eu cuidei das coisa prá ela e voltei. Como a gente num trabalha nessa situação, também num ganha, né? Já ganha pouco, assim num ganha nada!

Quando eu voltei, procurei emprego na cidade e arrumei um restaurante que tava precisando, daí eu entrei lá, mais prá ajudá na correria, descasca as coisa e ajudar nos preparo. Mas tô indo lá. Tô melhor lá, eles ainda não registraram, acho que vão registrá no mês que vem, mas eu acho melhor que lá é melhor e sempre que sobra alguma coisinha eu tô trazendo prá casa.

Eu não quero mais voltar lá porque o negócio lá é cansativo e quando você precisa, que mais tá precisando e falta, você ganha menos ainda que mal dá pra pagar as conta, então não dá.

Lá no restaurante é pouquinho, mas vai ter registro, que ajuda a gente, né?”

Contato: <b>EC5</b>	Cooperativa: <b>a</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 9 meses
Data da entrevista: 11/02/14	Atividade após a cooperativa: catadora de resíduos
Data nascimento: 11/11/77	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: março/ 2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu larguei de ir lá por causa do meu filho, que ele teve uns problema e precisava de gente prá cuidá dele.

É que esse menino sempre me deu trabalho, entende? Já desde que tava na escola só tinha reclamação por causa de que ele falta e desrespeitava as pessoa, e era só reclamação, né? E também não gostava de se acertá no trabalho, que já logo aprontava. Já arrumei prá ele ajudá no mercadinho, mas num foi prá frente porque num queria saber de nada.

Daí que ele começô a andá com uns colega não muito bom e se envolveu com droga, no começo ele falava que não, mas a gente foi percebendo que o negócio num tava bom, daí ele começou a sumir com as coisa e daí a gente viu que tava muito ruim mesmo. Eu já procurei gente prá orientá ele, mas não adianta. Daí eu fiquei com medo de largá a casa sozinha que ele traz gente aqui, eles roubam as coisas, porque nós somos pobre mas tudo que a gente compra é com muito sacrifício, num é prá acabá assim... (tristeza).

Desde que eu saí de lá já falei com a assistente social e eles tão ajudando porque a situação ficou ainda mais difícil. Meu marido não tem paciência fica nervoso e eu tenho medo que qualquer hora os dois sai no tapa por causa disso. Daí eu aqui consigo segurar, né? Mas num tá fácil, porque a gente precisa trabalhá, então eu junto os material aqui mesmo, o povo me ajuda e daí dá uns trocadinho, só prá num ficar sem nada de vez, que nossa situação tá muito difícil. Se acaso ele num melhorar vô tê que vê um lugar prá deixá ele longe desse povo, essas má companhia, pra vê se toma juízo. Que aqui em casa tá demais...num tá dando prá aguentá! O pessoal lá da cooperativa acho que até gostava que eu voltasse lá, eu quero voltá! Mas assim, do jeito que tá, não tem condição. Os vizinho tudo aqui sabe o que eu passo com ele, por isso todo mundo ajuda, às vezes falta uma

coisinha ou outra e eu falo pro povo...gente, vocês tem que reciclá mais, por que eu tenho que comê. Vamos ajudá a gente e eles ajuda como dá! Traz garrafa, as pet, latinha, tudo prá ajudá.”

Contato: <b>EC6</b>	Cooperativa: <b>a</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 11/02/14	Atividade após a cooperativa: manobrista
Data nascimento: 11/04/63	Estado civil: casado
Data de ingresso na cooperativa: maio/2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu abandonei porque apareceu um negócio melhor. Daí que eu já tava mesmo procurando outra coisa.

Lá a gente sofre muito, as pessoa discrimina muito quem trabalha com essas coisa e acham que a gente é lixeiro. Mesmo que eu falava que é uma cooperativa o pessoal confunde com lixão e outra coisa é que lá tem mais é mulher mesmo. Não tenho assim muita paciência com coisa assim parada... O dinheiro também não compensava muito porque a gente trabalha bastante mas o valor das hora num rendia muito.

Eu fui pedir pra trabalhar com um amigo meu, como manobrista e num voltei mais, minha mulher até falou pra eu conversar com o pessoal, mas não deu nem tempo que eu comecei lá e não parei mais, daí ficou difícil. O que eu tô ganhando agora tá valendo mais a pena e sem contá que é serviço melhor, coisa que eu sei fazer bem, também.”

Contato: <b>EC7</b>	Cooperativa: <b>b</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 11/02/14	Atividade após a cooperativa: diarista
Data nascimento: 15/06/77	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: junho/ 2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“É que eu tive um problema nas mão que começou com uma coceira e depois espalhou no corpo todo. Eu acho que é porque lá é muito quente e a gente trabalha com coisa contaminada, daí ficava coçando e chego até deu febre. Não sei se foi por causa das coisa que a gente mexia, mas a alergia pegou feio...

Eu cheguei até a ir no médico, ele me deu uns medicamentos prá eu tomar, mas não resolveu, tava ficando pior. O negócio piorou mais ainda que o remédio me dava sono, né? Daí que eu num conseguia fazer nada mesmo.

Quando eu voltei no médico, o outro médico que atendeu mandou eu sair de lá, porque ele falou que devia ser alergia de alguma coisa que eu mexia lá.

Daí eu saí, fiquei uns dia sem trabalhá prá vê se o negócio das coceira melhorava, que do jeito que tava não tinha condição, tava muito vermelho, no rosto assim, e ficava feio, né? Se desse eu voltava, porque eu preciso trabalhar, mas tive que procurar um lugar melhor, por causa do meu problema, né? Daí, com o tempo as coceira foram aliviando e eu parei até com os remédio também. Comecei a pegar faxina e tô me virando assim até hoje.”



Contato: <b>EC8</b>	Cooperativa: <b>b</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 11/02/14	Atividade após a cooperativa: desempregada
Data nascimento: 24/09/80	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: outubro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu abandonei porque na época eu tive uns problema com meu marido, que num tava mais dando certo, daí eu fui pro Paraná ver meu pai, que não tava bom de saúde. Eu fiquei uns dois meses lá. Daí acabei num indo mais.

O meu marido é meio implicante com esse negócio, diz que eu chego cheirando lixo, que os negócio lá não é serviço que presta...Mas o que mais ele implica é com o cheiro, que ele diz que eu fico cheirando lixo porque trabalhava lá, isso que prá mim é pior. E olha que eu até minhas roupa ele reclama. Eu sei que o cheiro é ruim mesmo, mas eu tava precisando muito, o dinheiro de lá ajuda porque não é fácil, a gente tem quatro filho...três com ele e outro meu que já tá grandinho, daí é muito gasto. Quando eu fui pro Paraná eu procurei sabê de alguma coisa por lá. Se fosse o caso a gente se mudava porque meu marido e meu menino tão trabalhando num serviço ruim, que o homem paga pouco prá eles. Eu queria achar uma coisa melhor, prá mim também, daí até eu ficava lá, perto da minha família, do meu pai, tadinho (tristeza), mas lá tá pior do que aqui!

Eu até voltava lá prá cooperativa, que eu não ligo pra essas coisa, que tô precisando de dinheiro, a gente aguenta, né? Eu até preferia do que ficar parada com coisa juntando prá pagá. Mas eu sei que se voltá vai sê problema prá mim, que ele vai começá com as implicância de novo... E eu gostei do pessoal de lá, a turma de lá é bacana, são gente boa, eles trabalha bem, quando eu saí já tava trabalhando bem até, tava rápida no negócio lá de separá as coisa, mas fazê o que né?”

Contato: <b>EC9</b>	Cooperativa: <b>b</b>
Fonte: ex- cooperados	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 10/01/14	Atividade após a cooperativa: frentista
Data nascimento: 10/06/61	Estado civil: amasiado
Data de ingresso na cooperativa: novembro/2011	Local da entrevista: trabalho (após expediente)

“Veja bem, eu estava desempregado, convidaram eu prá trabalhar lá, então eu fui, mas é um trabalho pesado, aquilo se trabalha, hein??

Fiquei lá, mas depois, o meu irmão falou com uns amigo dele, um tal de Renato, e me indicou eu prá trabalhar de frentista no posto, prá por gasolina, no posto. O bom é que era registrado, né?

Lá na cooperativa, não tem registro e eu tô com mais de 50 ano e dificulta porque eu tô vendo de me aposentá aqui tem a cesta, o registro, eles paga o IS, então é melhor né?

Mas eu gostava da cooperativa, era bom, tinha as colega lá, tudo gente boa, gente sofrida, lá o serviço nunca acaba....e eu trabalhava bastante, muitas hora e chegava muito cansado, e o cheiro do lixo fica no nariz da gente, mas também a retirada era pouca e trabalhava bastante. Foi bom porque eu tava desempregado, né? Foi o que ajudou, num tenho reclamação de lá... mas eu prefiro aqui no posto, que é perigoso, mas é mais garantido, e no posto a gente tem cheiro, mas é de gasolina, então é melhor e tem o movimento de carro o dia inteiro, pessoal que num para....e aqui eu trabalho só 6 horas por dia e sou registrado, né? Mas eu gosto de cooperativa, viu? Se precisá de novo eu tô lá, mas aqui eu tô registrado (animado).”

Contato: <b>EC10</b>	Cooperativa: <b>b</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 10/01/14	Atividade após a cooperativa: catadora de resíduos.
Data nascimento: 11/03/66	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: outubro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu saí mesmo por causa de que eu trabalhava lá, mas eu era catadora, antes de eu ir lá eu juntava as latinha, montava os fardo e vendia, dava pra juntar bastante até. Daí eu experimentei ir pra lá.

Quando eu fui pra lá na cooperativa eu trabalhei bastante, mas o problema é que eu gosto, não sempre, mas de vez em quando, eu tenho um vício de bebê um pouquinho. Foi o pessoal da igreja que me indicô pra eu ir pra lá, que eu preciso de trabalho, né?

Sei que é vício feio, mas eu bebo um pouquinho, e lá na cooperativa a gente não pode bebê, porque dá problema (vergonha). Mas eu tinha dia que trabalhava bastante, mas tinha dia que num dava, daí caía a produção.

Depois eu tive uns problema com meu companheiro que nós fumo despejado e eu tive que me mudar, de modo que fico mais longe prá eu ir prá cooperativa e teve uns dia que eu faltei por causa da mudança das coisa, né?

O pessoal lá acha que larguei de ir por causa da bebida, mas num foi isso, se a moça pergunta lá, eles vão falá que foi bebida, sim! Mas é que com a mudança, até a gente acerta as coisa fica difícil! Larguei mesmo por causa disso!

( Pensativa)

Mas trabalhá lá era bom, só que tinha as hora certinha que eu tinha que trabalhar. Na rua eu ia um pouquinho por dia, tinha aquelas pessoa que trazia as lata prá mim, quase tudo dia e os outros que guardava porque sabia que eu ia aparecê catá. Então já dava né?

Má o seu Zé falou prá eu voltá quando eu quiser que ele deixa eu trabalhá lá de novo, mas num deve bebê...(risos).”

Contato: <b>EC11</b>	Cooperativa: <b>b</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 10 meses
Data da entrevista: 13/01/14	Atividade após a cooperativa:
Data nascimento: 10/05/88	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: janeiro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu saí de lá porque tô doente, com problema nos rins. Primeiro foi um, depois agora foi o outro. Devido esse problema, né? Acabei num indo mais, faltava muito e tinha dia que num tinha coragem de por o pé no chão de tão ruim que eu tava, não aguentava ficar em pé separando as coisa e dá muita dor nas costa também porque lá é muito quente e cheira ruim por causa dos lixo. Por isso eu larguei lá, acabei num indo mais...(fez uma pausa e ficou pensativa)

Em casa não tá adiantando muito, tô fazendo muitos exames, mas eu quero voltar trabalhar, mas tem que ser coisa que não cansa tanto, que dá pra sentá de vez em quando e que fique mais fresco, porque é quente demais. Eu tô tratando minha saúde porque tenho meus filho e preciso trabalhar, o serviço na cooperativa ajuda, mas como num tem registro, fica difícil quando a gente falta, falta e num ganha. Daí não dá nem pra comprar os remédio, se trabalhá num dá nem pra ir no médico, nem nada (demonstrou muita tristeza). Aqui a gente vive com muita dificuldade, hospital pro meu problema é difícil resolvê, e tem as criança pra cuidar também. Meu problema começou quando nasceu meus filho, mas ficô pior ultimamente e como trabalhava no quente, serviço pesado demais, acho que piorou. Quem sabe depois que eu me tratá direitinho eu volte prá cooperativa, vai ser bom se eu tiver boa de novo.”

Contato: <b>EC12</b>	Cooperativa: <b>b</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 08/01/14	Atividade após a cooperativa: desempregada
Data nascimento: 20/10/94	Estado civil: solteira
Data de ingresso na cooperativa: novembro/2011	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Era bom trabalhar lá, mas eu saí porque meu bebê pegou bronquiolite. Eu pagava babá pra cuidar e tudo, eu ganhava bem...

Só que tinha muito rato lá, isso tinha!

Mas eu trabalhava de separar as reciclagem, então era gostoso, a turma tudo tinha amizade e um ajudava o outro. Mas tem gente que não dá valor pro serviço que a gente fazia, porque a a gente separa pra reciclar, né, monta os fardo e depois vendia. Mas eu saí mesmo porque meu bebê pegou bronquiolite e eu comecei a faltar muito, e então não dava, num rendia e ele também num tava bem.

Agora, no momento, não tenho ninguém pra cuidar dos meus filhos. E a situação ficou meio complicada (demonstra preocupação). O bebê agora que tá melhor, mas tenho que dá um jeito nessas coisa para poder voltar, faz falta porque o dinheiro que eles me pagavam era bom e ajudava bastante comprar as coisas para as crianças, pagá aluguel, essas coisa, gasto que a gente tem.”

Contato: <b>EC13</b>	Cooperativa: <b>C</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 18/02/14	Atividade após a cooperativa: vendedora ambulante
Data nascimento: 11/09/63	Estado civil: separada
Data de ingresso na cooperativa: abril/2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Porque num tava compensando não, tava tirando muito pouquinho, trabalhava o dia inteirinho, aquela dificuldade e chegava em casa tava moída...O salário era pouquinho e ficá fora de casa o dia inteirinho num é mole...

Quando a gente chega é tudo pra fazê, roupa prá lavá, comida prá fazê...Eu não tenho quem me ajuda não, tenho meus filho já grande, mas eles tem o servicinho deles, não dá pra conta com ninguém, eles fazem umas coisinhas, mas o mais difícil é comigo mesmo! Antes de trabalhá lá eu já vendia umas coisinha na rua, tinha já minha freguesia que eu vendia salgadinho, amendoim, eu trabalhava só de manhã, saía e vendia umas coisinha na rua e quando era tardinha eu tava de volta pra fazê minhas coisa e tirava a mesma coisa. Eu queria era um lugar melhor pra trabalhar.

Daí num tava compensando e eu saí mesmo. Prá gente ficá naquela situação, no meio daquela sujeirada, eu penso que tem que compensá!”

Contato: <b>EC14</b>	Cooperativa: <b>C</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 9 meses
Data da entrevista: 18/02/14	Atividade após a cooperativa: jardineiro
Data nascimento: 05/05/68	Estado civil: amasiado
Data de ingresso na cooperativa: junho/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Ah, eu até que tava indo mais ou menos lá, mas tive um ranca rabo lá, um probleminha, sabe como é...O trabalho lá é duro, o pior de tudo é guenta aquele cheiro, negócio difícil, por mais que a gente vai lá todo dia, num dá pra acostumar. E prá gente que é homem é pior, que lá é só tudo mulherada! E a mulherada folga mesmo, era Cido pega isso, Cido carrega aquilo, o dia inteiro. Tudo que era pesado era pro “Cido” aqui. Leva pra lá, leva pra cá.

A mulherada fica ali no leve, e separando as coisa e a gente que é homem só se ferra! Num acho isso certo, tinha que coloca mais aparelho, tê uma empilhadeira, daí eu falei isso. Foi umas duas vezes que eu reclamei. Num é porque a gente é homem que é burro de carga, as coisa tem que ser dividida. Se tá precisando de gente pra carregá coisa, então tem que procurá por gente assim lá, e não fica fazendo a gente de burro de carga! Daí eu falei um monte. No fim, a gente num ganha mais e faz mais força. Eu já tive desvio na coluna por causa disso, e já fiquei com as costa travada. Daí comecei a falá não e teve gente lá que começou a fazer cara feia, dá indireta. Chegou a ponto de eu pegá gente falando mal de mim lá dentro. Eu não acho que isso tava certo, se é prá trabalhá como cooperativa todo mundo tem que se ajudá, num é um explora o outro...

Compraram umas bobage lá, com o dinheiro que receberam de ajuda das empresa, até carro comprá e prá empilhadeira nunca tinha dinheiro, porque tinha o “Mané” aqui que carregava tudo, daí eu saí...

Eu tô me virando agora, quero arrumá outra coisa, melhor. Por enquanto, como já sabia mexê com terra e arrumei um biquinho de jardineiro e tô levando...Tô sozinho, mas agora eu tô melhor desse jeito.”

Contato: <b>EC15</b>	Cooperativa: <b>C</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 18/02/14	Atividade após a cooperativa: ajudante geral
Data nascimento: 22/05/72	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: novembro/2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu acabei num indo mais na correria que eu tava, porque o dono da casa que nós tava morando pediu a casa e nós tivemos que saí rapidinho porque eu fiquei sabendo de uma casa que tava livre e a gente se mudou logo, antes que alguém pegasse.

E essa casa que e eu mudei e era longe demais, num tinha condução que fosse direto pra lá, tinha um pedaço meio perigoso que eu tinha que fazê de a pé. Pra ir tudo bem, difícil era na hora de voltá.

Daí eu comecei a faltá , tava rendendo pouco, por causa das falta. Num tava dando prá nada, porque a gente já tira pouco!

Aí eu fiz ficha na fabriquinha de vaso que tem aqui perto e fiquei esperando eles chamá. Como eles gostaram de mim, falaram que dali uns dias já chamavam e chamaram mesmo. Então tá melhor, porque eu ganho pouco também, mas num gasto tanto em condução, é perto, né?

E também tem o registro, que deixa a gente mais contente né?”



Contato: <b>EC16</b>	Cooperativa: <b>C</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 18/02/14	Atividade após a cooperativa: catadora de resíduos
Data nascimento: 30/12/65	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: fevereiro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“O que aconteceu foi que eu tive um acidente. É que a gente ia com o caminhão e um dia, quando eu fui descê eu escorreguei e caí, e torci meu tornozelo. Daí ficou muito inchado e fiquei um tempo em casa, daí fiquei sem ganhar por que tava esperando sarar, né? É duro, porque a gente tem as conta, né? Mas depois desse problema fiquei com muita dor e com medo de pegá o caminhão de novo, prá pegá ônibus também é ruim porque eu num sinto mais firmeza nessa perna depois disso. Fiquei com medo de pisá, assim, do alto.

Também lá, a gente fica o dia inteiro de pé e isso forçava a perna, inchava mais ainda. Eu sinto que num tô boa, mais pra trabalha lá, então tô juntando as coisinha aos pouco e tô vendendo, assim não esforça muito, né?”

Contato: <b>EC17</b>	Cooperativa: <b>C</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 18/02/14	Atividade após a cooperativa: catador de resíduos
Data nascimento: 14/05/57	Estado civil: casado
Data de ingresso na cooperativa: abril/2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Lá num deu certo, porque o pessoal lá é meio encrunqueiro comigo, eles pega muito no meu pé. Eu gosto de tomá umas branquinha e eles implicam, ficam falando que num pode e eu achei isso chato, que eu num vô mudar...Já tô numa idade que a gente num muda mais, e eu num tomava mais nada e tinha gente implicando!

Eu sei que tem gente lá que usa coisa bem pior que ninguém tem coragem de falá nada e comigo ficavam implicando, até que eu comecei a me enfezá com isso. Implicavam porque era comigo. Antes que dê briga eu achei melhor num aparecê mais.

Agora voltei a trabalhá sozinho, num quero mais sabê de gente se metendo na minha vida, daí eu faço o que quero. A saúde da gente também já num é igual.

O dia que eu tô bom eu trabalho mais, o dia que num tô, nem trabalho e num tem ninguém prá me azucriná.

Eu que num volto mais lá, que lá eles são assim, ficam condenando e jogando no buraco... E eu já tô grande prá ficarem mandando ne mim, eu prefiro desse jeito, que aqui fora se eu quisé bebo, se num quisé num bebo também!”

Contato: <b>EC18</b>	Cooperativa: <b>C</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 6 meses
Data da entrevista:	Atividade após a cooperativa: desempregada
Data nascimento: 10/02/89	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: janeiro/ 2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Então, eu saí porque eu já tava vivendo com meu marido e aconteceu que eu engravidei. Daí eu achei melhor saí, porque comecei a ficar mais inchada e também porque eu tinha canseira nas pernas, que doía muito.

Falei com o médico que tava fazendo o acompanhamento no postinho e ele também me falou pra eu fazê repouso por causa da pressão que tava alta.

Daí eu saí, mas lá era assim, corrido, puxado, a gente num para mesmo, o tempo inteiro, tem muito lixo prá separá, se não dé conta, fica pra traz... Não é serviço pra qualquer um não, grávida não dá prá aguentá de jeito nenhum.

Eu até tava tirando um dinheirinho, que não era ruim, pelo menos deu prá comprá umas coisinha pro bebê. O pessoal de lá também, como são minhas colega, me ajudaram, deram umas coisas, mas eu não fui mais, achei melhor assim.”

Contato: <b>EC19</b>	Cooperativa: <b>d</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 06/02/14	Atividade após a cooperativa: diarista
Data nascimento: 10/05/65	Estado civil: divorciada
Data de ingresso na cooperativa: fevereiro/ 2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

”Eu saí da cooperativa porque tive problema de uma gripe muito forte, que depois foi se complicando. Desde que eu comecei a trabalhar lá, eu andava com minha bronquite atacada, e aconteceu que uns dias eu tomei chuva e comecei a senti o peito chiar.

Eu acho que nem é só por causa de ter tomado chuva, mas o negócio é que eu reclamei que o cheiro tava me deixando com o peito atacado, não sei se algum negócio que tinha no lixo, algum produto que atacou, ou se é mesmo só da chuva.... Sei que eu fui me sentindo mal, chegava em casa era aquela chiadeira.

Eu comecei a faltar muito, tava sempre cansada e eles me passaram pra fazer a pesagem, assim acharam que eu ia melhorar, mas o que acontece é que o negócio foi piorando. Como eu faltava, comecei a tirar pouco, num rendia nada.

Eu tava tomando uns medicamento pra não dá febre e fui me aguentando, mas num compensava mais, o dia de pensar em trabalhar eu já amanhecia ruim de lembrá da canseira que eu ia té que enfrentá. Que lá o negócio é pesado mesmo! Daí me falaram de uma casa que a dona tava precisando de uma faxineira e eu fui lá pra conversá. Ela ficou meio assim, mas como eu tenho experiência que eu já trabalhei muitos ano em casa de família, acabou dando certo. O difícil lá na cooperativa é que é longe pra mim, daí eu faço um pedaço de a pé, pra economizar um pouco, senão é duas condução que eu tenho que pegá. Meu filho até falou de me dá os passe dele, mas num ia resolvê porque eu num tava aguentando mais. O pessoal lá é legal, difícil é o serviço mesmo! E pra você vê, desde que eu tô lá num tive mais as crise... e tô trabalhando normal, vô ficar nesse trabalho que tá melhor. Vô voltá no médico pra fazê exame no mês que vem, mas tô bem melhor!”

Contato: <b>EC20</b>	Cooperativa: <b>d</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 07/03/14	Atividade após a cooperativa: carregador
Data nascimento: 24/09/87	Estado civil: amasiado
Data de ingresso na cooperativa: janeiro/2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Prá te falá a verdade eu saí por causa que o pessoal lá num registra a gente, a gente num tem garantia de nada, né? Isso é difícil porque como vai fica lá na frente na aposentadoria?

Todo mundo que fica lá, fica porque não tem outro jeito, que gosta ninguém gosta não! Fala a verdade prá você, todo mundo reclama! Como que a gente vai gostá de um lugar assim, feio, sujo, fedido, cheio de mosca?

Todo dia a mesma coisa, aquelas montanha de lixo que chega que nós quase num dá conta? Aquilo acaba com qualquer um.

Daí eu num tava aguentando e eu pedi, eu chega me humilhei pro cara daí da transportadora que eu tô trabalhando, pra ele me arruma uma boquinha. E de tanto eu insisti com ele, acho que ele penso “eu vô dá uma oportunidade pra esse Mané aí”, e ele me arrumô! Saí de lá que nem olhei prá trás, pensei assim “tô fora!”

Outra coisa que a gente lá ganha pouco, se trabalha bastante, tem que dá conta do recado e ganha mal demais, se faltou perdeu, trabalho pouco perdeu, tem que trabalha demais pra tirá pouco! Ah, num dá não!”

Contato: <b>EC21</b>	Cooperativa: <b>d</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 06/02/14	Atividade após a cooperativa: desempregado
Data nascimento: 03/03/66	Estado civil: amasiado
Data de ingresso na cooperativa: novembro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu saí de lá por causa de umas desavença que tive com um cara que trabalha lá. Que eu sô do tipo assim, que eu gosto é de trabalha no meu sossego. Num gosto de gente me enchendo. Se ninguém dá nó comigo eu fico na minha, mas sabe como é? Esse negócio de ficá aguentando falatório dos outro...ah! isso num dá!!

Eu num nego que tomei uma sim, mas o cara ficava me atormentando toda hora por causa disso...eu num bebi todo dia! Mesmo quando eu tomo umas eu trabalho normal, não muda nada! As pessoa nem percebe. Que eu num sô aquele tipo que bebe e fica brigano.

Daí teve um dia que os cara vieram me encher, disseram que eu tinha tirado menos porque eu tinha faltado 3 dias e eu num tinha faltado tudo isso, de verdade eu só tinha faltado um dia e teve um outro que eu saí mais cedo porque minha mulher tava ruim. Os cara tavam de sacanagem comigo. Então eu saí e lá num volto mais! Saí antes que o negócio começasse a fica pior...”

Contato: <b>EC22</b>	Cooperativa: <b>d</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 11 meses
Data da entrevista: 07/03/14	Atividade após a cooperativa: vendedora ambulante
Data nascimento: 03/05/85	Estado civil: separada
Data de ingresso na cooperativa: julho/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Na época eu não sabia que tava grávida e perdi o bebê, fiquei muito ruim e tive que me trata, fiquei com hemorragia, então tava fraca pra trabalhar. O pessoal de lá acho que nem sabe que fiquei ruim, por que eu nem tive como avisar.

Eu acho que o serviço muito pesado, eu acabei não aguentando, sei lá...

Agora eu tô me aguentando, tô me virando vendendo Avon, Natura, essas coisas, mas trabalhá mesmo ainda não tô trabalhando. Mas tô precisando muito de trabalhá. Tinha começado trabalhando numa açougue, mas não passei na experiência, então o dono me mandou embora. É que como eu ainda não tava me sentindo bem, tive que faltar uns dois dias, e acho que ele não gostou. Mas tô procurando, já pedi serviço num monte de lugar, agora tô esperando prá vê se eles me chama. Mas eu quero lugar melhor, num quero mais trabalhá com lixo, chega!”

Contato: <b>EC23</b>	Cooperativa: <b>d</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 6 meses
Data da entrevista: 07/03/14	Atividade após a cooperativa: auxiliar de serviços gerais
Data nascimento: 13/05/90	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: setembro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Larguei porque eu consegui serviço melhor, numa fábrica de usinagem. Eu conversei com eles e quando surgiu a vaga, eles me chamaram. Falei pra eles que eu tava na cooperativa, mas que lá é muito difícil, que o serviço é muito pesado, que eu queria uma oportunidade melhor. Lá na fábrica eu tô trabalhando bastante também, mas o serviço não é tão pesado e tem o registro.

O salário da cooperativa era pouco, num dá pra nada e o cheiro do lixo também num dava pra aguentar. É muito triste pra uma mulher fazer esse serviço, sabe? As pessoas não dão valor e quando a gente fala que trabalha lá então, todo mundo fica besta! De tudo que eu já fiz na vida, lá foi o pior, porque a gente ganha mal e não é reconhecido!

Meu marido não quer que eu volte lá, nem eu quero. Se eu tivé que voltá vai sê mesmo por desespero, que de vontade eu não volto, mas a gente nunca sabe o dia de amanhã, né?”



Contato: <b>EC24</b>	Cooperativa: <b>d</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 10 meses
Data da entrevista: 08/01/14	Atividade após a cooperativa: aposentado
Data nascimento: 11/04/62	Estado civil: casado
Data de ingresso na cooperativa: março/2011	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu gostava de trabalhar na cooperativa, era bom, mas isso aí é esse problema, né?

Trabalhei bastante, comecei trabalhar menino. E lá, às vezes, eu tinha que subir no caminhão, subir escada e sobe e desce do caminhão, né? Ajuda daqui, ajuda de lá.... A gente num para o dia inteiro.

E a gente depois de uma certa idade, tem serviço que a gente não aguenta, eu tive problema de desgaste no osso e doía fazer esforço, daí o médico me aconselhou parar. Mesmo que eu ficasse só de pé, doía.

Mas eu acho falta de trabalhar lá, o pessoal é legal e eles queriam que eu ficasse. Falaram em contratar dois ajudantes pra mim, mas eu não acho isso certo (falou com tristeza). O dinheiro também era bom, ajudava as despesas, a gente que tá velho gasta, tem os remédio e tudo mais!

Mas eu não aceitei por ajudante, não acho isso certo...Se não tô bom prá trabalhar não posso ficar tomando o lugar dos outro. Daí eu saí, num fui mais!

Mas aqui em casa cuido, faço tudo de reciclar, eu e minha mulher a gente separa tudo direitinho, a gente ensina meus netinho, porque eu gostava do serviço, a gente sente....(fica pensativo). Mas fazer o que, é a vida, né moça? Um tempo a gente trabalha, depois vem a saúde e pega a gente...

Minha mulher fala que era bom eu fazê alguma coisa, eu sei disso, mas é difícil....”

Contato: <b>EC25</b>	Cooperativa: <b>e</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 22/02/14	Atividade após a cooperativa: desempregada
Data nascimento: 02/02/86	Estado civil: amasiada
Data de ingresso na cooperativa: maio/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu saí porque a minha irmã olhava as criança prá mim, só que ela ficou doente, que é problema que ela já tinha faz tempo...daí não deu mais. Quando a minha irmã olhava, ela cobrava pouco, que como ela fica em casa, que ela é encostada por saúde, mesmo pagando pouquinho já ajudava prá ela. Mas só que o problema dela piorou, agora ela num tem mais condição mesmo! Nem olhá criança ela guenta mais. Vou ter que me virar sozinha... (preocupação)

Lá a gente num ganha muito, o dinheiro é pouquinho, então num dá pra pagar muito e como eu tenho duas criança, sai caro. Prá eu trabalhar tenho que pagar gente pra olha as criança, daí num dá, é muita despesa.

Eu vô espera vê se consigo colocá eles na creche, mas é difícil, num tem vaga. Ou já ir prá escolinha também prá vê se eu consigo voltá, que eu gostava de trabalhá e tê um dinheirinho pra ajudar em casa. Mas nessa condição que tô, não tem jeito.”

Contato: <b>EC26</b>	Cooperativa: <b>e</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 9 meses
Data da entrevista: 22/02/14	Atividade após a cooperativa: feirante
Data nascimento: 20/01/77	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: dezembro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Ai olha, o negócio que eu larguei foi porque meu irmão comprou um negócio na feira livre e tava precisando de alguém prá ajudar a tomar conta. Que antes era ele, a mulher e o filho, só que daí, eles tiveram uns desentendimento e a mulher dele foi embora, e eu fui lá né? Prá dá um apoio prá ele, que já tava fazendo três mês que ele tava tocando o negócio dele sozinho, tava inté pensando em vendê a banca...

Prá mim foi bom, que eu num tava muito contente lá, né? Que acontece é que lá o serviço é pesado e é o dia todo, tem a sujeira e tudo mais... É rato, barata, tudo que você imagina tem lá! Aos monte...E a gente fica lá com esses bicho, num é fácil!

E prá ele foi uma mão na roda, porque eu fico lá na feira e num é todo dia, e é só um pouquinho por dia, nos dia que tem feira. Daí eu acabei ficando... Não é o dia todo. Tô tirando quase que a mesma coisa, até um pouquinho mais, e as coisinhas que sobra da feira eu levo embora, que ele dá umas coisinha prá mim trazê. Depois que é serviço mais leve, melhorzinho porque eu fico assim no meio das pessoa, vai gente que conversá, pede as coisa.. Eu tava com medo de ir porque, eu falei pro meu irmão, que num tô acostumada com esse negócio de troco, lidá com dinheiro, tenho medo de pegá coisa assim prá fazê, que num tô acostumada. Daí fazê alguma coisa errada... Mas aí meu irmão tá cuidando dessa parte e tá me ensinando, e eu fico mais com a parte de ajudá montá, atendê as pessoa, então é bom também porque tô aprendendo coisa nova aos pouquinho. E isso é bom também, né?”

Lá a gente acorda cedo, a feira começa cedo, mas umas meio dia já acabô, e daí a gente tem que desarmá as coisa, bota no caminhão e vim embora. Chego em casa mais cedo, então dá mais certo.”

Contato: <b>EC27</b>	Cooperativa: <b>e</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 10 meses
Data da entrevista: 22/02/14	Atividade após a cooperativa: vendedora de produtos de limpeza
Data nascimento: 11/04/80	Estado civil: divorciada
Data de ingresso na cooperativa: maio/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu abandonei por causa que eu num gostei, falá a verdade num me dei com a sujeira de lá, muita porquisse...O serviço é pesado e a gente num tem um lugar limpo prá ficá, é só mexendo naqueles lixo o dia inteiro, ah nem bicho merece isso...tem que tá desesperado prá aguentá um negócio desse!

Daí meu filho mesmo falou prá mim largá de lá, que aquilo dá até vergonha de contá que a gente trabalha lá, que é serviço de lixeiro. E é assim mesmo, as pessoa pensa assim mesmo, que a gente é lixeiro porque trabalha lá!

Ainda por cima, de vez em quando a gente toma umas cervejinha, né? Daí num dá coragem de trabalhá no dia seguinte. E tem que tá lá direitinho, trabalhá direitinho, ah, eu num tava aguentando não. E o dinheiro num compensa tudo esse sacrifício, que é muito pouco o que eles paga.

Se for prá continuá assim eu achei melhor num ir mais, vô me virando aí conforme dá, meus filho já tão grandinho, vô procurando uma coisa melhor...uma condição melhor, um trabalhinho melhor né? Que é o que eu quero! Daí comecei a ajuda meu vizinho que vendo produto de limpeza que ele prepara, e tô me virando... Vô divulgando os material dele e ele me paga uns troquinho...E a gente se vira...Volta pra lá eu num quero volta não. Eu gosto das coisa certinha, arrumadinha, e lá num tem condição não!”

Contato: <b>EC28</b>	Cooperativa: <b>e</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 22/02/14	Atividade após a cooperativa: diarista
Data nascimento: 16/07/69	Estado civil: amasiada
Data de ingresso na cooperativa: março/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“É que quando eu comecei lá, já logo minha menina ficou doente, teve uns problema sério por causa de um acidente que ela sofreu de moto. Ela caiu da garupa do namorado e quebrou a bacia, daí ficou de cama um tempão e tinha que tê alguém prá tomá conta dela. Eu que fiquei, né? Que essa minha menina é do meu primeiro relacionamento e só tem eu prá corrê com ela. Quando ela se acidentou, ficou no hospital ruim uns dia, eu que tive que corrê com tudo, ela tem um filho pequeno, é mãe solteira... Fica tudo em cima de mim, as coisa num são fácil.

Daí eu pensei, por Deus do céu, que é que eu faço agora, num tive jeito... Perdi muitos dia de serviço, ganhei pouco, ói, foi uma confusão! Mal deu prá pagá minhas conta e os remédio dela que eu tive que ajudar. A gente já num ganha muito e ainda aparece essas coisa. Eu precisando de dinheiro e num podendo trabalhá! Eu fico revoltada com isso! ( indignação)

Até fui falar com o vereador amigo meu, prá me ajudá, por que eu tava num desespero que num me aguentava! Meu peito chega fica disparano toda hora! Num tinha com quem corrê, meu marido também ganha pouquinho, quase num dá pra mantê a casa. Uma coisa, minha filha! E ele foi que me arrumô umas cesta básica, que ajudô um pouco...Me indicô pro serviço que eu tô.

Aí acabei num indo mais, que tinha condição! Tinha dia que ela tava bem, tinha dia que não e eu correndo com as coisa dela, intê agora num acabei de arrumá tudo ainda...

Depois que ela melhorou um pouquinho, eu peguei umas faxina no consultório de dentista e agora tô lá. Tá bom que agora eu tenho registro na carteira e tudo mais, eles dão cesta também, então eu tô contente lá! Num vô mais volta lá não!”

Contato: <b>EC29</b>	Cooperativa: <b>e</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 19/02/14	Atividade após a cooperativa: ajudante de cozinha
Data nascimento: 22/02/67	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: agosto/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“É que na época eu tinha mudado fazia pouco tempo aqui, que eu vim do Pará, e tava com problema prá arrumá emprego, meu marido também. Daí minha prima, que mora aqui faz mais tempo, falou pra mim, que já que eu tava precisando, prá eu ir conhecer lá o serviço da cooperativa, que dava prá eu ir levando lá, até arranjà uma coisa melhor, e falou pro meu marido também que ele também podia ir. Só que meu marido arrumô rapidinho num negócio de lava carro, aqui pertinho. É que ele aí já trabalho de tudo na vida, esse daí num tem moleza com ele. Mas eu queria ajudar também né? Num dá pra um só dar conta de tudo os gasto... a gente ainda nem tinha acabado de montá a casa, que na mudança eu num trouxe tudo, tava faltando umas coisa que eu queria comprá...sofá, colchão...

Daí eu comecei lá e fiquei um tempo, no começo eu era uma lerdeza, que eu nunca tinha trabalhado com isso. Mas o pessoal foi legal, eles tinha paciência ajudava, às vezes eu era lerda, mas as amiga num reclamava não, elas dizia: “Que nada, no começo é assim mesmo...” e eu fui tocando.

Só que eu tenho bronquite e acho que o cheiro forte do lixo começou a atacá. Eu nem gosto de ficá falando, que pode parecê que era frescura, mas num é...eu sempre fui assim e o peito tranca de um jeito, tenho falta de ar. Falaram prá eu usá a máscara, eu comprei a máscara, mas quem disse que eu aguentava usar aquele negócio...me dava as crise mais feia ainda. Um calor desgraçado! Eu num sei se eles colocaram algum veneno por causa dos bicho...ou se foi mesmo da minha crise de bronquite, mas eu fiquei muito ruim e parei de ir.

Um tempo depois eu já tava melhorando e comecei a trabalhá na cozinha do bar, de ajudá prepará comida, e eu tô lá! (satisfação)”

Contato: <b>EC30</b>	Cooperativa: <b>e</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 6 meses
Data da entrevista: 19/02/14	Atividade após a cooperativa: desempregada
Data nascimento: 01/01/79	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: julho/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu larguei de ir lá por que o serviço é muito pesado e eu não tava aguentando. Meu marido mudou de serviço na firma e tava ganhando um pouquinho mais, daí ele mesmo me disse pra largá, que eu tava reclamando demais, e que todo dia chegava tarde e com dor nas perna, nas costa. Prá falar a verdade, nem gostava que eu trabalhasse lá, vivia implicando! Daí eu saí.

Eu também num tava gostando porque o serviço é duro mesmo, num é que a gente reclama de manha não...que num tem vontade de trabalhá, entende?

Eu tô desempregada agora, tô indo passar roupa pra uma mulher aí do condomínio de frente, vou lá duas vezes por semana passar roupa e ela me paga um pouquinho. Mas quero vê se ainda arrumo alguma coisa melhor, porque lá tava difícil! Depois lá era difícil, por causa que quando a turma tava começando melhorar a produção, saía alguém, entrava gente nova, e a produção caía de novo, então não dava pra tirar muito. A gente precisa de um trabalho que pague mais, prá valê a pena mesmo, né?. Mas vamo ver, tenho fé que vô arrumá coisa melhor.”

**Ex-cooperados da cidade de Salto****Unidade: S**

Contato: <b>ES31</b>	Cooperativa: <b>S</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 11 meses
Data da entrevista: 20/01/14	Atividade após a cooperativa:
Data nascimento: 13/06/65	Estado civil: amasiado
Data de ingresso na cooperativa: novembro/2011	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu trabalhei na cooperativa, eu saí por causa de organização. Eu vi que o negócio num ia funcionar, daí eu saí fora e comecei a trabalhar por conta própria. Mas já lutei prá eu consegui um local prá eu trabalhá mais sossegado, mas isso aí é devido o povo, o povo num colabora, o pessoal é muito ambicioso, invejoso, num dá cobertura prá eu trabalha direito, a gente num dá apoio, a gente é muito discriminado, a gente mexe com coleta de reciclado, a gente tira dos containers prá ganha uns troco, e quando a gente tá nas casa, nos containers, o pessoal passa e fala assim: Oi lá o lixeiro, a gente é muito discriminado (demonstrou muita tristeza) “e infelizmente aqui na cidade num tem quem compre o material prá pagar preço bom é muito difícil, é muito ruim, aqui o povo paga muito pouco. Devido o preço ser muito escasso o pessoal desiste, só volta a catá quando melhora o preço, caiu o preço todo mundo desiste. Melhora o preço a turma volta a catá, mas eu num desisto porque eu vivo disso, tá com muitos anos nisso, uma média de uns 16 anos que eu já vivo trabalhando, já consegui minha aposentadoria através disso, num dei baixa, tem que dá baixa, mas eu ainda num dei.

Mas o povo aqui quer me barrar, eu tenho vizinha aqui que já foi na prefeitura reclamar que aqui tem rato, tem bicho... que eu tenho criame de rato aí... (revolta) tem é nada, se quiser eu te mostro, aqui é tudo em ordem, você já viu aqui do lado? Sabe moça, eu trabalho com reciclagem, mas minhas coisa é tudo bem organizada, mas todo mundo reclama, me olha feio. Eu num trabalho pra incomodá os outro, trabalho porque preciso. Por que você acha que alguém da minha idade sai puxano carrinho embaixo do sol?

(1) Lá na cooperativa, o problema de lá é que nós trabalhava por hora, ganhava por hora, mas tinha as pessoa que num trabalhava e quem trabalhava, dava muita produção, num rendia o valor por hora.

Agora é por quilo, mas nós ganhava por hora, então nossa era valorizado por hora, quanto mais produção nós dava, mais o valor da hora subia. Então, quem num



trabalhava acabava lucrando, porque a produção rendia, rendia o valor em dinheiro, rendia em hora trabalhada, mas e quem num trabalhô? O valor da hora subiu também! Ora! E eu falei assim: Mais num tá certo isso aí!(revolta) Como não, mas tá certo!. E eu sempre brigava por causa disso aí. E por isso aí que eu saí, porque e eu queria uma coisa e eles queria outra, daí eu falei: Num dá, assim num dá!

Depois eu fui pra coordenação de trabalho,(2) eu era vice presidente, só que o presidente, ele quase num assumia o cargo dele, as bomba ele jogava pro meu lado e eu não tenho nada a ver com isso, você que resolve, você que é presidente, eu num sou. Eu sou presidente na sua ausência e ele falou assim: “Não mais é prá tocá do nosso jeito.”\_ e aí eu fui tocando.

(3) E eu quis colocar um filho meu prá trabalhá lá e eles me disse não, e eles num aceitô...e no fim, agora eles têm família tudo infiado lá. A gente que trabalha num grupo de pessoas como um cooperado, a gente tem que colaborar com todo mundo. E aqui, num tem nada disso. Eu vim prá rua trabalhá num dia e vi como tava funcionando, e daí eu pensei ah, não, desse jeito num vai dar, nós num tá funcionando como cooperativa.(4) Aí um tá passando a perna no outro, e eu falei isso tudo é mentira. Daí, depois que eu saí de lá, eles começô a pagar por quilo .Eu fui um dos coordenador daquele movimento ali, mas eles num concordaram comigo, eu queria implantá coisa boa ali, mas ninguém nunca num concordo... Principalmente começando pela coordenadora, que disse que eu num podia, que eu num tinha estudo, que meu estudo era pouco, que eu precisava de estudar e precisava aprendê mexe nos computador...

(5) Então eu disse: Ué, que me custa? Eu posso aprendê! Mas ninguém me deu chance! Neguinho só falou, mas ninguém num colocou no papel. E eu falei: Olha a senhora falou que ia dá chance prá eu estudar e num deu nada, abandonou, isolou...Então desse jeito num dá prá trabalha!

Daí eu saí mesmo, num voltei mais lá! Já que o negócio num é sério, que ninguém me escuta, achei melhor continuar sozinho, e tô aqui...vivendo!

Contato: <b>ES32</b>	Cooperativa: <b>S</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 9 meses
Data da entrevista:	Atividade após a cooperativa: babá
Data nascimento: 15/11/68	Estado civil: separada
Data de ingresso na cooperativa: abril/12	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Bem, quando eu comecei a trabalhar lá, a gente não tinha experiência nenhuma, né? Porque eu nunca tinha trabalhado com isso. Daí a gente ficava lá no meio da reciclagem, separando o lixo, mas tinha bastante sujeira, no caso tinha rato, aranha, daí eu reclamei e eles passaram eu lá na frente prá medi e pesá as coisas. E tinha muitos problemas, porque a gente ia almoçar e tinha aquele cheiro insuportável e eu não aguentava ficar ali. E eu comecei a passar mal, parecia que aquele cheiro pegava na roupa e acho que tinha ele no nariz.

Eu voltava prá casa e meu namorado, que eu tinha na época, meu companheiro reclamava, dizia que eu tava cheirando lixo, sabe como é, né? A gente num gosta de escuta isso....dizia que isso não era trabalho de gente, que era coisa de lixeiro. Várias vezes eu num fui, porque ficava embrulhada, comecei a senti problema de queimação no estômago e não conseguia comer. Ficava lá o dia inteiro e chegava a me sentir mal o dia todo, mas depois do almoço era pior, por causa do calor, o cheiro, às vezes a pressão acho que caía... Piora demais.

E como não tinha lugar longe pra gente comer, onde você ia comer? Tomar café a tarde, não tinha como, era muita sujeira e eu não tô acostumada.

Daí eu fui no médico e contei prá ele, como eu tava sentindo, né? E ele me disse pra eu tomá os remédio direitinho, mas prá eu ver outra coisa melhor prá fazer, que meu problema era devido isso, o lixo, que era muito forte tava atacando meu estômago.

Eu queria que lá não fosse assim, que fosse melhor. Mas é difícil, se não fosse tão puxado....Na época, minha irmã ficou sabendo como eu tava, que tava largando o serviço,e como ela ganhou neném e tava precisando de ajuda, me chamou prá mim ajudar e eu fui. Ela me pagava um pouquinho e eu não fui mais, nem voltei mais lá. Tô cuidando do neném até hoje, agora vou cuidar prá minha vizinha também. Não é muito, mas ajuda a não ficar sem ganhar nada. Lá na cooperativa eu tava gastando muito com remédio e faltando muito. Não rendia.”

Contato: <b>ES33</b>	Cooperativa: <b>S</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 7 meses
Data da entrevista: 01/02/14	Atividade após a cooperativa: auxiliar de cozinha industrial
Data nascimento: 12/07/81	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: novembro/12	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu deixei a cooperativa porque eu tinha filho pequeno e daí eu tirava muito pouco, daí eu resolvi saí, né?

E lá a gente subia prá pesar, a gente separava os material e depois subia com os fardo prá pesa. E era cansativo, longe um lugar do outro o dia inteiro em pé.

Também eu tava pagando prá olhar as criança e então eu vi que num tava dando e deixei.

Depois que eu saí eu fui procurar outro emprego, hoje eu tô trabalhando na cozinha, bem melhor, né? Se eu ficar sem nada, eu posso até voltá, mas enquanto eu for me virando eu num volto, porque sei que lá é difícil.

A gente lá trabalhava em grupo, então quando um entrava novo, que num tinha prática, a gente tinha que ajudá, porque o rendimento caía e o ganho também. A gente já ganha pouco, fica pior.

Outro problema é que era longe e eu tinha que ir de bicicleta, então ficava mais difícil ainda, ou de a pé, chegava em casa tarde, muito cansativo...

E como eu não tinha muita experiência lá, nos negócio de separá, eu não era tão rápida, daí eu tirava pouco, principalmente no começo. Depois quando fui pegando mais o jeito, já vi que num compensava muito mesmo, sempre entrava alguém novo e a produção caía, então eu deixei. Não compensava mesmo, ganhava muito pouco!”

Contato: <b>ES34</b>	Cooperativa: <b>S</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 6 meses
Data da entrevista: 01/02/14	Atividade após a cooperativa: vigilante
Data nascimento: 14/04/66	Estado civil: amasiado
Data de ingresso na cooperativa: fevereiro/13	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Bom, esse negócio da cooperativa é o seguinte, eu tava sem trabalhar fazia um tempo, por causa de um problema na coluna, que eu trabalhava de pedreiro, mas num tava mais podendo com esforço, então comecei a junta material, eu e meus filho, minha mulher, a gente juntava e depois vendia. Mas daí que o pessoal, os vizinho reclamava, começou a da encrenca por causa de mau cheiro. Os vizinho reclamava que tava juntando sujeira, que ia criar rato, mosquito...

Daí minha cunhada que trabalhava na cooperativa me chamou, falou que lá era bom, que dava uns trocado e eu comecei a trabalhar lá, pelo menos até arrumá alguma coisa. No começo até que foi bom porque eu já tinha prática de catá na rua, então tava acostumado com esses serviço.

Logo eu tava ganhando mais ou menos até, me escolheram prá eu fazê parte da administração, e eu fiquei um tempo lá, que era melhor do que no barracão. E até que eu tava tirando bem...

O negócio é que tem coisa que a gente num concorda, eu gosto das coisa tudo certinho e comecei a percebê que tinha coisa que chegava na cooperativa, né? Que nem descia no barracão, já vendia lá mesmo e dividia os ganho entre eles. E eu num acho isso certo, isso num é cooperativa?. E quando eu falei com eles, eles disseram prá fazê as coisa do jeito deles, que eles sabem como é o negócio. Cheguei a falar com minha cunhada que tinha coisa que num tava certo lá. Mesmo esse negócio de ganhá por produção, o pessoal num resolvia, uma hora queriam por peso, outra hora não, e ficava aquela discussão! Um querendo mandá mais do que o outro... Cada um querendo puxar a corda pro seu lado. E no fim, eles resolviam o que eles queriam.

Também tem mais, que me deixou chateado é que eu quis colocar meu sobrinho e eles num concordaram, e eu sei que tem um monte de gente lá que já teve problema, né? Mas eles ficaram falando do menino, que diz que já se envolveu com coisa de droga e tudo mais... Porque o menino é meio encrenqueiro, sendo que ele tá bom, tá até trabalhando agora, numa firma. (3) Eu acho que eles podia dá uma oportunidade pro moleque, a mesma coisa com um outro lá que queria

ajudá porque mudou longe e num tinha mais como chegá sem pagá o circular...o moleque acabou largando, que num tinha como pagar e caiu na bebida de novo. Daí eu sei que eu saí, num fui mais, que lá tem muita coisa pra melhorá, e tem que sê assim o negócio, (2) todo mundo tem que resolvê, não é só um bando prá manda...registrado, então é melhor porque logo eu vô me aposenta mesmo.”

Contato: <b>ES35</b>	Cooperativa: <b>S</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 10 meses
Data da entrevista: 01/02/14	Atividade após a cooperativa: catadora de resíduos
Data nascimento: 10/12/68	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: janeiro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“O problema é que quando eu comecei lá, eu já separava lixo, porque meu companheiro tem um barzinho e ele mesmo me ajuda a separa as latinha e papelão, as pet prá gente vendê, que a gente punhava lá nos fundo.

Prá eu arrumá material não era difícil, né? Tinha até o pessoal lá da escola que separava pra mim, lá da cantina, e eu ajuntava os material e vendia. Dava prá fazê uma média de um 600 mais ou menos...

Quando eu fui na cooperativa, que foi o pessoal da igreja que me falou, a Dona Silvana me falou que ia ser melhor porque lá o negócio é mais garantido e que prá quem trabalha bem, que é esperto assim que nem eu é mais fácil. Que eu trabalho bem, sô rápida num fico enrolando, não!! (risos) E eu tava precisando de trabalho mesmo. Que eu fui acostumada no serviço pesado. Comigo o negócio é assim... Já faço sozinha, então achei que ia ser melhor ainda lá.

E olha que foi mesmo, porque eu até puxei os ganho lá, porque eu sô rápida mesmo, tô acostumada com o serviço pesado, de modo que mesmo quando o povo num botava força eu acabava puxando o povo e a gente rendia bem. E lá era assim, um ajudando o outro, era bom. Depois colocava nas prensa, então era mas fácil e eu tava contente com os ganho, tava dando até prá tirar bem!

O problema é que meu companheiro desandou a beber e eu tentei um tempo ir levando, até tive que falta uns dias, porque ele deixou juntar umas conta... E daí, eu tive que ir vê prá resolve umas coisa e acabei faltando bastante. Daí é assim, se faltou, cê perde!! Naquele mês que mais paguei as conta dele, foi o que eu tirei menos. E o pior que ele continuou com as bebida! (angustiada). Eu fiquei muito triste com o que tava tirando...

Daí foi que ele acabou perdendo o barzinho e fiquei só eu bancando a casa e tudo mais, foi assim uns três meses, mas ele ficou doente e começou a precisá de tratamento que ele num podia mais beber. Eu num tinha quem tomasse conta dele, que ficasse de olho, vigiando e tive que parar...prá tomá conta dele. Daí eu larguei.... Também num dá prá contar com filho, porque eles trabalha e num tem paciência pra toma conta. Daí eu larguei...Agora quando eu posso eu vô juntando os material

sozinha, só que é mais difícil, é mais o povo que me ajuda, que traz as coisas aqui. E o seu Antonio tá me ajudando a vendê...

Mas a situação tá difícil! Tem hora que a gente só por Deus que num desanima, porque eu gasto com os remédio dele e tudo mais e que eu fico amarrada, né? Eu falei com a assistente social e ela tá vendo de interna ele...mas tem que esperá. Se eu pudesse de tê quem tomasse conta dele, daí em voltava prá lá, porque eu preciso.”

Contato: <b>ES36</b>	Cooperativa: <b>S</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 01/02/14	Atividade após a cooperativa: diarista
Data nascimento: 30/10/79	Estado civil: amasiada
Data de ingresso na cooperativa: setembro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Então, eu larguei a cooperativa, porque eu tava procurando outro emprego, fazia tempo, desde antes de entrar lá. Eu tinha prestado concurso quando eu tava lá, mas demorou prá abrir vaga e eu fui ficando até eles chamar, daí como demorou...

Então, eu fui ficando, mas eu não gostava, porque o serviço lá é difícil, a gente tem que dá conta e é muito lixo prá pouca gente, então acumula e molha uma parte, junta bicho, barata, essas coisa. E também tem o calor, a gente tem que por luva, mas mesmo assim, tem o cheiro ruim e a gente tem que ser rápido, conhecer direito os material...o que separa, como separa...E é o dia todo de pé, eu tinha muita dor nas costa, nas perna.

Como não tava acostumada, comecei a ficar cansada demais no começo, daí fui me acostumando, minha colega que trabalha lá diz que é assim mesmo.

Também tem o problema que todo mundo acha que é estranho, dá vergonha falar que trabalhava lá, a turma acha que a gente é igual os lixeiro. Meu marido mesmo num falava prá ninguém porque tinha vergonha. Daí quando eu fui chamada pra trabalhar, não voltei mais...Agora tô no hospital, na faxina, mas lá tá melhor... Não quero voltar, como lá é concursado, acho que não volto mesmo. O salário não é tão bom, mas o serviço nem é tão pesado e o melhor é que tem registro, isso ajuda porque mais tarde vou me aposentar e quando falto também é melhor.”



**Ex-cooperados da cidade de Paulínia****Unidade: P**

Contato: <b>EP37</b>	Cooperativa: <b>p</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 7meses
Data da entrevista: 19/02/14	Atividade após a cooperativa: pedreiro
Data nascimento: 11/11/78	Estado civil: casado
Data de ingresso na cooperativa: dezembro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Olha, num é que lá tava tão ruim não, mas é que apareceu um serviço de pedreiro, né? Numa construtora, e serviço mais garantido, porque lá num falta serviço a gente tá sempre cheio de serviço...e eles ensina a gente a trabalhá e tudo mais, dão até curso assim, né? Eles eles vai dando as função e a gente vai aprendendo. Eu comecei ajudante e já tô fazendo serviço de pedreiro, sozinho, que eles falaram que eu sô esforçado.

Lá na cooperativa eu num tava aprendendo muito, num ia crescê nada e na construtora tem mais chance porque dá prá virá chefe, né? Líder assim da turma, e tão sempre ensinando coisa, dá até prá gente pegá uns servicinho de casa e por fora.

Lá na cooperativa é aquilo lá e acabou, num tem muito o que crescê, entende? Num é que nem na construtora, que se tem futuro, pode fazê outras coisa. Que lá eles tá começando, então a gente tem oportunidade de crescê junto. Lá é assim, dá pra ir tocando enquanto não tem outra coisa, mas num dá pra acomodar não...Então, foi por isso que eu larguei lá.

Que lá eles tá começando, então a gente tem oportunidade de crescê junto. Lá é assim, dá pra ir tocando enquanto não tem outra coisa, mas num dá pra acomodar não...Então, foi por isso que eu larguei lá!”

Contato: <b>EP38</b>	Cooperativa: <b>p</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 10 meses
Data da entrevista: 19/02/14	Atividade após a cooperativa: diarista
Data nascimento: 30/01/88	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: novembro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“É que eu tô prá ganhá neném, e quando eu engravidei já num fui mais por causa do cheiro do lixo que me deixava enjoada....

Não tava rendendo, que a gente quando num tá bom é assim mesmo, né?

Daí eu saí, achei melhor num ir mais...

O dinheiro tá fazendo falta, a gente precisa trabalhá, né? Mas eu não tava aguentando mesmo. Agora vamos ver, quando o neném nascer, se eu arrumá alguém prá olhá ele, ou minha irmã, ou minha sogra... Mas quero vê se eu consigo voltar, porque é difícil a gente sem trabalhar, tudo é mais difícil, né?”

Contato: <b>EP39</b>	Cooperativa: <b>p</b>
Fonte: cooperativa	Permanência: 9 meses
Data da entrevista: 29/02/14	Atividade após a cooperativa: ajudante geral
Data nascimento: 08/03/86	Estado civil: solteira
Data de ingresso na cooperativa: março/2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Quando eu entrei lá, meu cunhado já tinha me prometido de arranjar pra mim trabalhá lá na firma dele, só que num tava abrindo vaga. É que essas coisa às vezes demora mesmo, né? Num é assim de uma hora pra outra... Diz que meu cunhado ficou lá insistindo pra eles chama.

Daí foi que depois de um tempinho só eles me chamaram. Agora, como eu tenho registro é melhor, nem tem comparação, né?

E o serviço também é mais limpo, melhor, né? Eu acho melhor lá, tem o ônibus da firma que busca, o pessoal é mais legal também, não tem aquela correria da esteira. Tem gente que entra num lugar e se acomoda, num sai mais, de jeito nenhum. Mas comigo num é assim, eu não me conformava de ficar ali, queria mesmo trabalhar de carteira assinada e ter mais segurança.

É que eu sou solteira, mas tenho uma criança, então tenho que dá conta de comprá as coisinha pra ele, que ele depende de mim, meu pai ajuda, mas o grosso é tudo eu que pago, né? Que também não vou deixá nas costa dele. Eu só fui lá mesmo porque tava desesperada, meu pai já tava implicando de eu tá sem fazê nada e ele tã que arcá com tudo pro meu filho.

E a firma, além do salário, eles dão a cesta e tem um convênio que ajuda bastante também, por causa da criança que nessa idade fica doente de vez em quando. A firma é boa, mesmo sendo de ajudante geral, já ajuda, né? Já é bem melhor!

Contato: <b>EP40</b>	Cooperativa: <b>p</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 8 meses
Data da entrevista: 04/03/14	Atividade após a cooperativa: costureira
Data nascimento: 18/07/88	Estado civil: amasiada
Data de ingresso na cooperativa: janeiro/ 2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Saí porque eu me mudei, daí não tava mais compensando, tava gastando muito porque ficou muito longe.

O bairro que eu fui morar é longe da cooperativa e eu tava chegando muito tarde em casa, ainda por cima tinha que pegá duas condução prá ir, duas prá voltar.

Daí num deu mais. Eu fiquei um tempo sem nada, pedi prá um pedi prá outro e nada. Daí, minha vizinha aí da rua de baixo ficou sabendo que eu tava precisando e me chamou e eu comecei a costurar prá uma confecção em casa mesmo e tô me virando. Também não é aquele serviço bom, mas eu tô em casa, mais tranquila e é coisa que não é difícil de fazê.

Teve um dia a tardezinha que eu tava voltando e uns pivete na rua puxaram minha bolsa, daí eu corri, eles não conseguiram me roubá, mas eu fiquei com medo de ficar tarde nesse bairro retirado, na rua...prefiro trabalhá em casa, que é mais seguro.”

Contato: <b>EP41</b>	Cooperativa: <b>p</b>
Fonte:ex- cooperados	Permanência: 8 meses
Data da entrevista:04/03/14	Atividade após a cooperativa: entregador
Data nascimento: 28/11/82	Estado civil: casado
Data de ingresso na cooperativa: abril/2013	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Olha, o serviço na cooperativa num é mole!! Eu cheguei uma hora de num aguentá mais, que eles que se mete em tudo que a gente faz.

Mas o problema é que eu tive uns problema em casa e andei tomando umas bebidinha aí por causa disso, sabe como é, né? Prá esfriá a cabeça... e o povo de lá começo a chamar minha atenção, disse que eu não tava trabalhando como devia, que tava fazendo tudo errado.

Tudo que acontecia eles falava que era por causa de eu tê bebido. Sendo que se eu posso bebê fora, por que eu ia bebê lá dentro? Só se eu fosse besta! E não é que eu bebo não, foi só uns dias por que eu num tava muito bem. Mas começaram a cisma comigo...

Eles devia olhá que tem gente lá que num bebe e também num trabalha nada, só enrola...pudia até trabalhá mais e ficá papeando, num faz as coisa direito. Pra você vê como eu num bebo, que agora tô trabalhando de entregador de botijão, se eu bebesse, acha que eu tinha arrumado esse emprego? O que eu num gosto é de as pessoa inventá as coisa de mim. Então vou fica nesse trabalho que é melhor.”

Contato: <b>EP42</b>	Cooperativa: <b>p</b>
Fonte: ex-cooperados	Permanência: 10 meses
Data da entrevista: 04/03/14	Atividade após a cooperativa: desempregada
Data nascimento: 15/09/88	Estado civil: casada
Data de ingresso na cooperativa: outubro/2012	Local da entrevista: residência do entrevistado

“Eu abandonei porque eu tive um problema na coluna e tava com muita dor nas costas, num tava aguentando o serviço também que é pesado demais.

Eu fui no médico, porque achei que tava com algum problema sério por causa de dor nos braço e nas perna, mas num era, já era da coluna mesmo.

Agora tô sem trabalhá, quem tá me ajudando é meu filho, que compra os remedinho prá mim, que dá uma força. Mas eu preciso trabalhá, num dá pra ficar parada dependendo dos outro, né?

O difícil é que eu ruim assim não consigo arrumar nenhum trabalho, até prá colocar a roupa no varal meus braço dói demais. Eu tô esperando melhorar com os remédio, prá ver se consigo fazer alguma coisa. Mas quero trabalha num lugar melhor, com menos força, que seja mais leve, que se num for assim, eu num aguento!”